

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

Cap Inf AUGUSTO MACHADO DA SILVA

**A PREPARAÇÃO PSICOLÓGICA PARA O COMBATE: UMA ANÁLISE DAS
OPERAÇÕES NAS COMUNIDADES DO RIO DE JANEIRO.**

Rio de Janeiro

2020

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

Cap Inf AUGUSTO MACHADO DA SILVA

**A PREPARAÇÃO PSICOLÓGICA PARA O COMBATE: UMA ANÁLISE DAS
OPERAÇÕES NAS COMUNIDADES DO RIO DE JANEIRO.**

Dissertação de Mestrado apresentado à
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais,
como requisito parcial para a obtenção do
Grau de Mestre em Ciências Militares com
ênfase em Gestão Operacional.

Orientador: Ten Cel Sérgio Luiz
Augusto de **Andrade**

Rio de Janeiro

2020

Cap Inf AUGUSTO MACHADO DA SILVA

**A PREPARAÇÃO PSICOLÓGICA PARA O COMBATE: UMA ANÁLISE DAS
OPERAÇÕES NAS COMUNIDADES DO RIO DE JANEIRO.**

Dissertação de Mestrado
apresentado à Escola de Aperfeiçoamento
de Oficiais, como requisito parcial para a
obtenção do Grau de Mestre em Ciências
Militares com ênfase em Gestão
Operacional.

Data de aprovação:

Banca Examinadora:

Nelson de Souza Júnior, Coronel R1
Doutor
Presidente/Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais

André Cezar Siqueira, Coronel R1
1º Membro/ Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais

Sérgio Luiz Augusto de Andrade, Tenente-Coronel R1
Doutor
2º Membro/ Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais

A todos que, um dia, participarão de combates reais e que dependerão de conhecimentos relacionados ao preparo psicológico.

AGRADECIMENTOS

A todos que contribuíram diretamente para o desenvolvimento deste trabalho. À minha esposa Karinne, a qual soube compreender a ausência familiar, durante o desenvolvimento deste trabalho, assumindo diversas outras responsabilidades para a manutenção do bem estar familiar. Ao meu sogro, Cel Maxwuell, cujo apoio permitiu atingir os objetivos da amostra desta pesquisa. Aos militares que se dedicaram em prol de um país melhor, abdicando do conforto e do seio familiar, para cumprir seu dever em situações de risco, as quais lhe forneceram experiências indelévels e que, de certa forma, estão presentes nesse trabalho.

RESUMO

O combate pouco se alterou ao longo dos anos no que tange ao emprego das armas. Contudo, houve um incremento de aspectos externos que, atualmente, são inerentes a praticamente todos eles. Considerações que outrora tinham pouca importância, como aspectos jurídicos e considerações civis, hoje são, além de tudo, fatores estressores que, quando somados aos da natureza do combate, exigem sobremaneira o psicológico dos militares. Exige-se cada vez mais um preparo específico e efetivo da parte psicológica. Não se pode mais negligenciar a preparação de um aspecto sem o qual, pouco importa a qualidade de armamento que o soldado empunha. Existem diversas formas de se desenvolver uma resiliência mental nos combatentes. No entanto, é necessário desenvolver, inicialmente, a mentalidade do interesse e do desenvolvimento dessa capacidade. O aspecto psicológico, durante um combate, é tão importante quanto as habilidades técnicas e táticas. No Exército, em razão das poucas oportunidades de emprego em combate e pelo tempo em que se fizeram presentes da realidade do país, todas as oportunidades de emprego real podem se tornar alvos de estudo, de maneira a desenvolver e multiplicar os conhecimentos. Este trabalho surge como uma proposta para aumentar os conhecimentos sobre o assunto e propor algumas formas de preparo, levando-se em consideração o fato de que ainda necessitam de estudos mais aprofundados sobre a efetividade de cada um deles. Buscou-se o apoio nas experiências obtidas pelos militares empregados em operações nas comunidades do Rio de Janeiro e ainda em pessoal da área de psicologia com experiência no assunto, principalmente ligados a neurociência.

Palavras-chave: Preparação psicológica. Preparação para o combate. Neurociência. Psicologia de combate. Psicologia de combate.

ABSTRACT

The combat has changed little over the years in terms of the use of weapons. However, there has been an increase in external aspects that are now inherent to practically all of them. Considerations that once had little importance, such as legal aspects and civil considerations, today are stress factors that, when added to those of the nature of combat, demand a great deal of the military's psychological. More and more demands a specific and effective preparation on the psychological side. The preparation of an aspect without which, the quality of the weaponry that the soldier is wearing, can no longer be neglected. There are several ways to develop mental resilience in combatants. However, it is necessary to initially develop the mentality of interest and the development of this capacity. The psychological aspect, during a combat, is as important as the technical and tactical abilities. In the Army, because of the few opportunities for combat employment and the time they have been present in the reality of the country, all the opportunities for real employment can become targets for study, in order to develop and multiply knowledge. This work appears as a proposal to increase knowledge on the subject and propose some forms of preparation, taking into account the fact that they still need more in-depth studies on the effectiveness of each one. Support was sought in the experiences obtained by military personnel employed in operations in the communities of Rio de Janeiro and also in personnel in the area of psychology with experience in the subject, mainly related to neuroscience.

Keywords: Psychological preparation. Preparation for combat. Neuroscience. Combat psychology. Combat psychology.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Tríade do combate de Jeff Cooper	16
FIGURA 2 – Centros de Instrução do EB	31
FIGURA 3 – Sistemática da prontidão	32
FIGURA 4 – Ações previstas do SISPRON	32
FIGURA 5 – Neurociência no estudo do desempenho operacional, junto aos militares integrantes da 3ª Companhia de Forças Especiais.....	34
FIGURA 6 – Neurociência no estudo do desempenho operacional, junto aos militares integrantes da 3ª Companhia de Forças Especiais.....	35
FIGURA 7 – Locais com presença da ACEP, nas Forças Armadas dos Estados Unidos da América	36
FIGURA 8 – Evolução do paradigma de treinamento para o desenvolvimento do soldado / líder	37
FIGURA 09 – Processo de aprendizagem da ACEP.....	37
FIGURA 10 – Exemplo de Shell-Shock na 1ª Guerra Mundial	40
FIGURA 11 – Um soldado em estado de Shell-Shock em uma trincheira durante a Batalha de Courcellette em meados de setembro de 1916, na Primeira Guerra Mundial	40
FIGURA 12 – Modelo contínuo de estresse operacional de combate.....	42
FIGURA 13 – Tensão provocada pelo combate.....	45
FIGURA 14 – Resposta humana à curva de estresse.....	58
FIGURA 15 – Sobreposição de treinamento para a missão e treinamento para a resiliência	60
FIGURA 16 – Modelo unificado de estresse e performance	65
FIGURA 17 – Evolução da presença feminina nas forças armadas.....	72

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 – Emprego do EB em operações de GLO.....	17
GRÁFICO 02 – Mulheres militares na MINUSTAH (2007 -2017).....	73
GRÁFICO 03 – Mulheres nas Forças Armadas Brasileiras de 2001 a 2014.....	74
GRÁFICO 04 – Efetivo das Forças Armadas do Brasil, por sexo (2012-2016).....	74
GRÁFICO 05 – Pergunta número 02 (dois) do questionário.....	90
GRÁFICO 06 – Pergunta número 03 (três) do questionário.....	91
GRÁFICO 07 – Pergunta número 04 (quatro) do questionário.....	92
GRÁFICO 08 – Pergunta número 05 (cinco) do questionário.....	93
GRÁFICO 09 – Pergunta número 06 (seis) do questionário.....	94
GRÁFICO 10 – Pergunta número 07 (sete) do questionário.....	95
GRÁFICO 11 – Pergunta número 08 (oito) do questionário.....	96
GRÁFICO 12 – Pergunta número 09 (nove) do questionário.....	97
GRÁFICO 13 – Pergunta número 10 (dez) do questionário.....	98
GRÁFICO 14 – Pergunta número 11 (onze) do questionário.....	99
GRÁFICO 15 – Pergunta número 12 (doze) do questionário.....	100

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Exemplos de estressores da Zona Laranja	43
QUADRO 2: Fatores que contribuem para a habilidade de lidar com uma ameaça .	59
QUADRO 3: Variável independente	78
QUADRO 4: Variável dependente.....	78
QUADRO 5: Cálculo de amostra do grupo A	80
QUADRO 6: Cálculo de amostra do grupo B	81

LISTA DE ABREVIATURAS

ACEP	Army Center of Enhanced Performance
BFEsp	Batalhão de Forças Especiais
BAC	Batalhão de Ações de Comandos
BIL	Batalhão de Infantaria Leve
CAU	Combate em Área Urbana
CEP	Centro de Ensino e Pesquisa do Exército
CEP	Center of Enhanced Performance
CCOPAB	Centro Conjunto de Operações de Paz (CCOPAB)
CI	Caderno de Instrução
CIGLO	Centro de Instrução de GLO
CIMIC	Cooperação Civil-Militar
CML	Comando Militar do Leste
CMO	Comando Militar do Oeste
COpEsp	Comando de Operações Especiais
COTER	Comando de Operações Terrestres
CPAEx	Centro de Psicologia Aplicada da Exército
EAOP	Exercício Avançado de Operações de Paz
EB	Exército Brasileiro
EBOP	Exercício Básico de Operações de Paz
ELROP	Estágio de Logística Reembolso em Operações de Paz
EPC	Estágio de Proteção de Civis
EPCAAI	Estágio de Preparação de Civis para Atuação em Ambientes Instáveis
EPCOEM	Estágio de Preparação para Comandantes de Organização Militar e Estado-Maior
EPCOSUPEL	Estágio de Preparação para Comandantes de Subunidade e de Pelotão
EPEC-DPKO	Estágio de Preparação para Entrevista de Candidatos ao DPKO

EPJAIAC	Estágio para Jornalistas e Assessores de Imprensa em Áreas de Conflito
EPMP	Estágio de Preparação para Missões de Paz
ETIMIL	Estágio de Tradutores e Intérpretes Militares
EUA	Estados Unidos da América
FBI	Federal Bureau of Investigation (Departamento Federal de Investigação)
GC	Grupos de Combate
GLO	Garantia da Lei e da Ordem
IPCFEx	Instituto de Pesquisa da Capacitação Física do Exército
JALLC	Joint Analysis & Lessons Learned Centre (Centro de Análises Conjuntas e Lições Aprendidas)
MC	Manuais de Campanha
MINUSTAH	Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti
OM	Organização Militar
ONU	Organização das Nações Unidas
Op Info	Operação de Informação
Op	Operação
OSP	Órgãos de Segurança Pública
PAB	Período de Adestramento Básico
Pel	Pelotão
PP	Programa Padrão
QFR	Quick Reaction Force (Força de Reação Rápida)
SIEsp	Seção de Instrução Especial
SIGEPAZ	Sistema de Gestão das Operações de Paz
SIMEB	Sistema de Instrução Militar do Exército Brasileiro
SISFICHAS	Sistema de Fichas
SNS	Sistema Nervoso Simpático
SSAFE	Estágio de Segurança e Salvaguarda em Ambientes Hostis

SU	Subunidade
TEPT	Transtorno de Estresse Pós-Traumático
TTP	Técnicas, Táticas e Procedimentos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 PROBLEMA E SEUS ANTECEDENTES	17
1.2 OBJETIVO	18
1.2.1 Objetivo Geral	18
1.2.2 Objetivos específicos	19
1.3 QUESTÕES DE ESTUDO	19
1.4 JUSTIFICATIVAS	19
2 REVISÃO DE LITERATURA	21
2.1 AS OPERAÇÕES NAS COMUNIDADES DO RIO DE JANEIRO	21
2.2 PREPARO DA TROPA	25
2.2.1 Especificidades do preparo	28
2.2.2 Sistema de Prontidão da Força Terrestre (SISPRON)	30
2.2.3 Desenvolvimento da Neurociência no EB	33
2.2.4 Modelo de preparação psicológica americano	35
2.3 TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO (TEPT)	38
2.4 O ESTRESSE DE COMBATE	39
2.5 REAÇÕES HUMANAS AO ESTRESSE	43
2.5.1 Distorções perceptivas	49
2.6 INCAPACIDADE DE MATAR	51
2.7 ASPECTOS DO TREINAMENTO MILITAR	56
2.7.1 Autoconfiança	61
2.7.2 Coesão	62
2.7.3 Treinamento sob estresse	64
2.8 CENÁRIOS FUTUROS	70

2.8.1 Aspectos do aumento da presença de mulheres no combate	71
3 METODOLOGIA	76
3.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO.....	76
3.1.1 Alcances e limites	76
3.1.2 Definição conceitual de variáveis	77
3.1.3 Definição operacional das variáveis.....	78
3.2 AMOSTRA	79
3.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA	81
3.3.1 Procedimento para revisão da literatura	82
3.3.2 Instrumentos	84
3.3.3 Análise de dados.....	88
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	89
4.1 ASPECTOS OBSERVADOS A PARTIR DOS QUESTIONÁRIOS	89
4.1.1 Conclusões parciais a respeito dos aspectos observados a partir dos questionários.....	101
4.2 ASPECTOS OBSERVADOS A PARTIR DAS ENTREVISTAS.....	103
4.2.1 Conclusões parciais a respeito dos aspectos observados a partir das entrevistas	104
5 CONCLUSÃO	107
REFERÊNCIAS.....	111
GLOSSÁRIO.....	116
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO EM APOIO À PESQUISA	119
APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA – DRA. ÉMILLE BURITY DIAS.....	123
APÊNDICE C – ROTEIRO DA ENTREVISTA – CPAEx	125
APÊNDICE D – ROTEIRO DA ENTREVISTA – CAP EMMANUEL	128
APÊNDICE E – ROTEIRO DA ENTREVISTA – CAP DEMÉTRIUS	132
APÊNDICE F – ROTEIRO DA ENTREVISTA – IPCFEx.....	137
APÊNDICE G – ROTEIRO DA ENTREVISTA – CEL VISACRO	138
APÊNDICE H – PLANO DE ADESTRAMENTO PSICOLÓGICO`	141

1 INTRODUÇÃO

Os conflitos armados da atualidade exigem cada vez mais preparação específica. Têm se tornado mais complexos, exigindo uma maior observância de outros aspectos, que não apenas os ligados diretamente ao combate.

Os comandantes necessitam de uma percepção atualizada capaz de refletir a realidade sobre o qual estão imersos, isto é, a consciência situacional. Diante disso, os decisores terão melhores condições de planejar a preparação e o emprego das frações de forma proporcional à ameaça.

As mudanças na maneira de viver da população tem transformado o ambiente continuamente. Gerando a necessidade de adaptação das operações militares e do combatente propriamente dito. VISACRO (2009) aponta que, no Brasil, a partir de 1970, o êxodo rural, associado a industrialização, transformou-se na inevitável urbanização. Tal efeito, por sua vez, trouxe consigo componentes predispostos aos conflitos urbanos, caracterizados pela insuficiente produção de riqueza e a falta de policiamento.

As características dos conflitos de 4ª geração, como a volatilidade, a incerteza, a complexidade e a ambiguidade estão presentes em praticamente todos os tipos de operações em que se envolvem riscos aos executantes.

Essas características associadas a outros fatores diretamente ligados ao combate como estresse e fadiga, exercem grande pressão psicológica sobre os militares.

Vê-se, na atualidade, uma grande preocupação com o desenvolvimento da parte técnica dos militares, com o objetivo de fazê-lo conhecer e se adaptar aos modernos meios disponíveis. Bem como da parte tática, em que há a preocupação de como a tropa será empregada para obter resultados efetivos. Todavia, outro fator de extrema importância no combate é a preparação psicológica. Em uma operação militar de grande intensidade e alto risco, como se observa por exemplo no emprego militar nos complexos de favelas da cidade do Rio de Janeiro, muitos são os fatores estressores do combate. Claramente, pode-se exemplificar alguns deles como a pressão midiática exercida sobre os militares, o peso jurídico das operações, estabelecida pelas regras de engajamento, a morte como hipótese de trabalho, o medo de não obter o resultado desejado e a preocupação com efeitos colaterais das ações.

Poucas são as unidades militares que se preocupam com esse tipo de preparação. E quando as têm são realizadas em caráter bastante limitado. Seja pela falta de conhecimento, de meios ou de tempo para colocá-la em prática.

Houve, nos últimos anos, um recrudescimento desse tipo de preparação. Relacionada diretamente ao emprego do Exército Brasileiro (EB) em operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO) e o emprego na missão de paz no Haiti, principalmente em seu início quando os conflitos eram mais intensos. Contudo, o Exército Brasileiro, de maneira geral, é pouco experimentado em combates reais, quando comparado aos que são empregados no Oriente Médio, África e aos que possuem ou possuíam graves conflitos internos, como a Colômbia.

Sabe-se ainda que a preparação psicológica, assim como a técnica e tática, pode ser desenvolvida nos militares para melhorar ainda mais suas capacidades combativas.

Há algumas décadas Jeff Cooper (1920 – 2006), considerado um dos maiores especialistas em armas de fogo do mundo, idealizou a chamada **Tríade do Combate** na qual ele elencava os três pilares do combate:



FIGURA 1 - Tríade do combate de Jeff Cooper

Fonte: <https://www.defesa.org/a-triade-do-combate-de-jeff-cooper/>

A tríade aborda três aspectos de grande vulto para um combate, a habilidade de tiro, o manuseio da arma e o preparo psicológico. Jeff Cooper considera os três pilares com importâncias iguais. Além da preparação técnica, a psicológica possui igual importância em um combate. Há bastante tempo sabe-se da necessidade desse tipo de preparação, contudo, ainda hoje não há uma preparação psicológica pragmática eficaz, como para se desenvolver habilidades de tiro, por exemplo.

Em razão de seu emprego, o Exército teve uma melhora considerável nos meios a disposição da tropa empregada em comunidades do Rio de Janeiro, assim como da capacidade psicológica para o enfrentamento das ameaças, no entanto, muito ainda precisa ser feito.

1.1 PROBLEMA E SEUS ANTECEDENTES

A história recente do Exército Brasileiro não apresenta envolvimento em grandes conflitos armados. As experiências recentes são, basicamente, emprego interno e o emprego na estabilização do Haiti. Com isso, as oportunidades de se pôr a prova os militares, bem como as táticas, técnicas e procedimentos (TTP) são escassas. Como representado pelo gráfico abaixo, a quantidade de operações GLO participadas pelo EB é a seguinte:

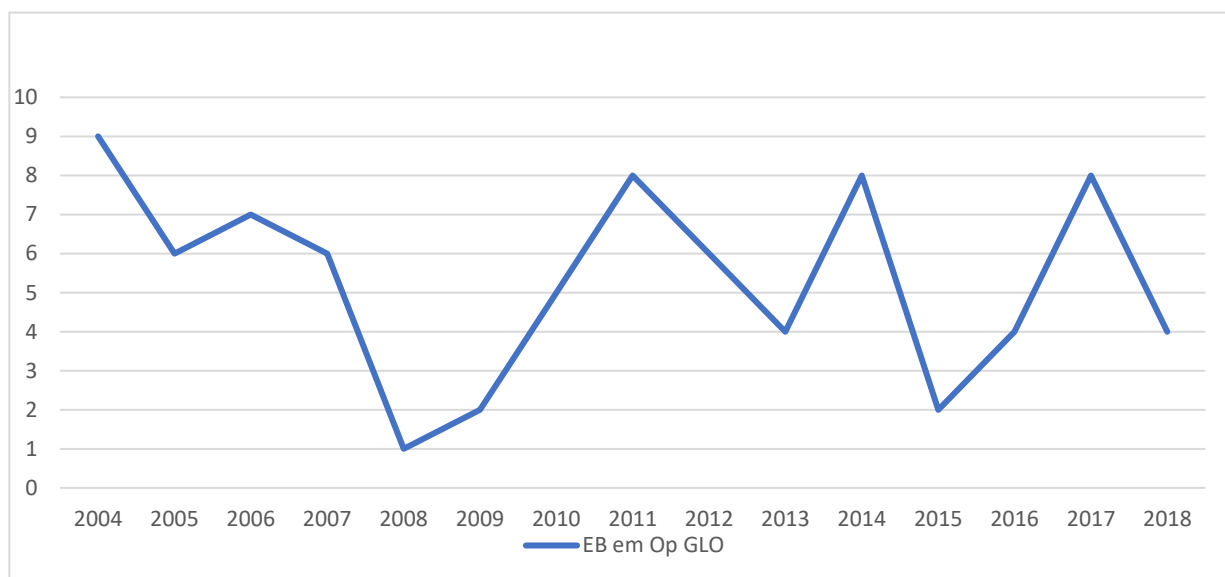


GRÁFICO 01 - Emprego do EB em operações de GLO

Fonte: <https://www.defesa.gov.br/exercicios-e-operacoes/garantia-da-lei-e-da-ordem>

Diversos motivos geraram a necessidade de emprego do Exército Brasileiro no contexto de GLO. Conforme o gráfico, existem anos que demandam mais do Exército de maneira geral, pelos mais diversos motivos como: o esgotamento da capacidade de atuação dos Órgãos de Segurança Pública (OSP), greves nos estados, eventos de vulto internacional, pleito eleitoral entre outros. Há alguns anos, observa-se a pequena atuação do Exército como um todo nesse tipo de operação.

Soma-se a isso a dimensão continental do país, que impede que tropas de regiões distintas tenham experiências intercambiáveis, como por exemplo uma tropa

do Comando Militar do Oeste (CMO) tenha oportunidade de atuar em um complexo de favelas. Nem todas as regiões brasileiras são empregadas, oportunamente, em operações de alto risco. Limitando-se assim as experiências individuais dos militares, que podem ser exigidas, em contextos totalmente diferente, sem ter tido preparação adequada para tal.

Vê-se que há uma evolução, porém, normalmente ela surge de uma necessidade ou dificuldade encontrada pelos militares empregados. O relatório final do segundo contingente brasileiro no Haiti afirma que:

Por ocasião da observação do desempenho da tropa durante seu emprego como força de Paz da ONU no Haiti, observou-se a necessidade de uma melhor adaptação ao treinamento e "Modus Operandi" da tropa empregada, particularmente em relação ao combate em ambiente urbano. Outro fator a ser levado em conta é a necessidade de uma contínua atualização dos manuais do EB sobre o tema (Relatório Final do Batalhão Brasileiro no Haiti, 2005, p.28)

A exigência de uma preparação psicológica e uma adequação aos meios tecnológicos para a atuação em conflitos de 4ª geração são cada vez maiores, em razão do também crescente poderio das ameaças.

A falta de treinamentos específicos é fator preponderante para a insegurança no combate, assim também o é, o fator psicológico. A ausência dessa preparação é intrinsecamente ligada ao medo e as diversas reações inerentes à capacidade psicológica do indivíduo.

Com isso se chega ao seguinte questionamento: Que contribuições podem ser obtidas nas operações no Rio de Janeiro para o preparo psicológico dos militares?

1.2 OBJETIVO

O objetivo visa contribuir com Exército Brasileiro, para empregos reais futuros. A seguir constam os objetivos gerais e específicos deste trabalho.

1.2.1 Objetivo Geral

Apresentar adequações e melhorias na preparação psicológica dos militares, com base nas experiências das operações realizadas nas comunidades do Rio de Janeiro.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Apresentar como está o preparo psicológico da tropa, atualmente;
- b) Apresentar que tipos de atividades que podem desenvolver a resiliência psicológica;
- c) Identificar quais reações o estresse e a falta de preparo psicológico ocasionam nos militares;
- d) Apresentar experiências do Exército Americano no desenvolvimento da capacidade psicológica;
- e) Apresentar situações ocorridas por falta de preparo psicológico.
- f) Propor uma forma de preparação psicológica para empregos futuros dos militares;

1.3 QUESTÕES DE ESTUDO

- a) Como os militares estão sendo preparados para psicologicamente para o emprego real?
- b) De que maneira pode-se desenvolver a capacidade psicológica dos militares?
- c) Como o estresse e o combate afetam psicologicamente os militares?
- d) O que já foi feito para mitigar os efeitos psicológicos do combate, e melhorar a capacitação?
- e) A ausência de um preparo psicológico específico já ocasionou dificuldades no emprego real?
- f) Como pode-se desenvolver a resiliência psicológica nos militares?

1.4 JUSTIFICATIVAS

Atualmente, os estudos militares relacionados a preparação psicológica para o combate, são bastante exíguos, em virtude do pequeno emprego em missões fora do país, principalmente, após o término da Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (MINUSTAH). Com isso, o estudo contribuirá para o desenvolvimento dessa real necessidade. Problemas psicológicos em combate são bastante recorrentes.

Goya (2016) aponta que em combates em que os riscos são altos, as incidências de evacuações por problemas psicológicos podem superar a taxa de 50%.

Observa-se a preocupação com esse assunto voltado aos militares como em um documentário apresentado pelo *History Channel* intitulado “*The Brain*” sobre um estudo de neurociência aplicada ao treinamento militar desenvolvido juntamente com os *Navy Seal* da Marinha Americana

O estudo destina-se a contribuir com o emprego futuro de militares do Exército Brasileiro em missões de alto risco, como em Operações de Paz, em Operações de Garantia da Lei e da Ordem ou qualquer outro conflito armado.

Com isso o principal beneficiário do trabalho serão os próprios militares empregados nessas atividades. Pois terão condições de entender as reais necessidades exigidas por operações dessa natureza e, principalmente, como poderão se preparar de uma maneira mais efetiva para elas.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo serão apresentados alguns aspectos relevantes sobre o tema do trabalho, os quais já foram pesquisados servindo de base para o desencadeamento e continuidade do assunto. Para isto procurou-se pesquisar e apresentar apenas os aspectos mais importantes de cada assunto relacionado a este trabalho, de modo que se possa identificar outras necessidades e aspectos a serem complementados com a experiência prática de militares sobre o assunto.

2.1 AS OPERAÇÕES NAS COMUNIDADES DO RIO DE JANEIRO

O desdobramento de tropas no Rio de Janeiro surgiu de uma necessidade maior de segurança, em razão da incapacidade estadual de manter a estabilidade na região, demandando o emprego de tropas federais em apoio. De acordo com o Manual de Campanha EB70-MC-10.223, são denominadas Operações de Cooperação e Coordenação com Agências. Essas operações são aquelas que normalmente ocorrem nas situações de não guerra, nas quais o emprego do poder militar é usado no âmbito interno e externo, não envolvendo o combate propriamente dito, exceto em circunstâncias especiais. Essas operações podem ser bastante distintas como:

- a) garantia dos poderes constitucionais;
- b) garantia da lei e da ordem;
- c) atribuições subsidiárias;
- d) preservação e combate ao terrorismo;
- e) sob égide de organismos internacionais;
- f) em apoio à política externa em tempo de paz ou crise; e
- g) outras operações em situação de não guerra.

Elas, com maior frequência, eram caracterizadas por uma garantia da lei e da ordem. Contudo, por serem desencadeadas em um ambiente complexo, como os das comunidades carentes, onde existe a presença de atores não estatais e grande presença de civis, os riscos envolvidos muito maiores.

O emprego militar nas comunidades do Rio Janeiro tem permitido fazer uma análise da atual preparação psicológica e os ganhos técnicos, táticos do Exército Brasileiro. A Força pode experimentar, durante o período de atuação nas

comunidades, uma situação bastante semelhante às guerras atuais, no que tange, além das TTP, a importância da liderança, da moral e da legitimidade.

A última dimensão do moral é a legitimidade da missão ou justiça da guerra [...] Falta de crença na missão levanta questões sérias sobre a validade do sofrimento ou de produzir sofrimento em nome de uma causa. Líderes de unidade devem “assegurar que os objetivos de uma operação militar sejam bem comunicados, legítimos e morais. Soldados e suas famílias devem ser convencidos de que os objetivos valem o risco de suas vidas”.

[...] Com a experiência já obtida pelas tropas empregadas, deve-se com isso melhorar os processos e evoluir o que já foi ganho na questão moral focando nas “quatro dimensões do moral, esforços devem ser direcionados para produzir confiança em líderes, aumentar a coesão de unidades, instilar confiança no equipamento e do usuário nele próprio e reforçar a legitimidade da missão.” (PSICOLOGIA MILITAR, 2009, p.290)

Analisando o emprego do Exército Brasileiro nas comunidades do Rio de Janeiro, nota-se que em muito se assemelha aos combates não convencionais da atualidade, contudo, as perdas de militares em combate ainda não têm o mesmo peso de quando empregado em guerras. Com isso entende-se que o Exército Brasileiro apesar de estar sendo empregado não tem a mesma maturidade de outros exércitos para lidar com perdas em combate. Esse assunto é algo bastante estudado em outros países e que necessita de preparação. Existem dados sobre o assunto desde as grandes guerras.

Os atores ficam menos ativos; e os figurantes, cada vez mais numerosos e passivos. As evacuações por problemas psicológicos ou fadiga aumentam. Em 1944, após cinquenta e quatro dias de operações continuadas na Itália, 54% das evacuações da 2ª Divisão Blindada americana deram-se por questões psicológicas. Depois de um mês de luta em Dien Bien Phu em 1954, um quinto da guarnição francesa havia “desertado no local” e esperou o desenlace dos combates ao longo do Rio Nam Youn. (SOB FOGO, 2016, p. 44, tradução do autor).

Existem diversas maneiras de maneiras de preparo de tropa para o emprego real. Na atual conjuntura do país as tropas que têm maior experiência em combates de alto risco são as do Comando de Operações Especiais (COpEsp) e as do Comando Militar do Leste (CML) em razão de seu frequente emprego. Contudo, pode-se manter o preparo das demais tropas de igual forma.

O treinamento é essencial para o bom desempenho em combate e para a motivação para lutar. Antes da batalha, ele serve para que o homem se mantenha seguro de si. Quando o combate inicia, o treinamento ajuda o soldado a vencer o choque causado pelo fogo e pela ação do inimigo, a controlar o medo e a superar a inércia inicial. Segundo Holmes, isso ocorre porque no ambiente confuso e aparentemente aleatório do combate o treinamento oferece ao soldado pontos de contato com a realidade, “como faróis em mares tormentosos”. Por sua vez, a adestramento, isto é, o

treinamento das técnicas e táticas coletivas, tem a função psicológica de permitir que o soldado se sinta confiante quando estiver atuando enquadrado em sua fração, sem sua subunidade e em seu batalhão. (AÇÃO SOB FOGO, 2012, p. 141)

Cabe destacar que o fato de a tropa experimentada ou não em combates reais, não é fator que irá definir o resultado do combate. É interessante que os chefes tenham ciência do como empregar suas tropas, de forma a obter o melhor resultado possível, com adestramentos e empregos graduais, conforme o grau de instrução e experiência de cada tropa.

No que toca à motivação das tropas novatas, treinamento e batismo de fogo constituem um binômio a ser cuidadosamente administrado pelo comando. Engajar uma tropa inexperiente em um combate difícil pode “destruí-la” psicologicamente. Por melhor que haja sido a preparação da unidade, sua transição para o combate real deve ser gradual, em um processo quase didático, do mais fácil para o mais difícil. É preciso que as primeiras missões sejam simples e com boas chances de êxito, de forma que a confiança obtida nos campos de treinamento seja sedimentada pela experiência angariada no campo de batalha. Depois disso, missões mais difíceis e complexas poderão ser atribuídas à tropa, como resultado da confiança do comando em suas qualidades, agora comprovadas aos olhos de todos. (AÇÃO SOB FOGO, 2012, p. 145)

A guerra moderna exige constante atualização, tendo em vista que sua dinâmica e suas motivações variam em razão da diplomacia, da economia, da situação psicológica e militares das partes beligerantes. Para tal é importante que os militares tenham a devida preparação para enfrentar um inimigo que irá utilizar sua capacidade psicológica para vencer a batalha antes mesmo das ações ostensivas.

[...] a guerra moderna é de natureza quádrupla – diplomática, econômica, psicológica e apenas como último recurso, militar. Uma campanha militar pode ser perdida antes mesmo que o primeiro tiro seja disparado. De fato, pode ser de antemão decidida nas frentes preliminares da guerra econômica e psicológica. Um conflito pode ser travado com meios diferentes em terrenos diferentes. (J. F. C. Fuller, op. Cit., p. 75)

A prática constante de uma atividade militar pode levar ao desenvolvimento dela, ou descobrir uma nova maneira de fazê-la. Pode-se somar a isso o emprego de forças especiais para se verificar os ganhos obtidos e testar novas formas de emprego.

As forças especiais não são como as forças convencionais, elas são, de certo modo, um laboratório humano, laboratório de armamentos e de técnicas que, depois, são postos à disposição das forças convencionais. (PALAVRAS DE SOLDADO, 2017, p.88)

As operações militares no contexto de GLO, no Rio de Janeiro, foram envoltas em uma situação na qual o EB, por diversas vezes não pode empregar toda sua

capacidade, já que não se tratava de combate. Esse fato aparentemente simples, tornava o ambiente ainda mais complexo, fazendo com que seus atores, além da preocupação em garantir sua segurança e a de seu grupo, necessariamente, preocupavam-se em não ocasionar danos colaterais, afetando ainda mais a parte psicológica do emprego.

Apesar da abnegada atuação dos militares empregados, notou-se a necessidade de adaptação dos militares ao ambiente, pois seu emprego era restringido por uma série de imposições jurídicas. Notou-se ainda um pequeno despreparo no que tange a capacidade psicológica de entender e absorver as situações de medo. Por diversas vezes notou-se a ausência ou descontrole emocional diante de situações de risco, como troca de tiros com atores não estatais. A falta de controle emocional, foi observada em diversos postos e graduações, das mais diversas formas, desde a incapacidade de prosseguir em razão do medo até a inação total e incapacidade de coordenar os subordinados no terreno.

Em diversas oportunidades, nas comunidades do Rio de Janeiro, havia grande troca de tiros. Momento no qual era possível observar o real preparo psicológico das tropas. Viu-se certa limitação na capacidade psicológica, quando por exemplo, um comandante de companhia, durante a operação São Francisco, diante de uma situação de perigo, não conseguia abandonar seu abrigo, em razão do medo e do descontrole emocional, para coordenar sua tropa. Esse fato fez com que seus subordinados, reagissem de igual maneira. Em uma outra situação nessa mesma operação, um pelotão de fuzileiros, ainda que com meios blindados, não conseguia avançar sua progressão por estar sendo alvo de diversos disparos de arma de fogo. Foi solicitado o apoio de militares de operações especiais para ajudar a cessar a ameaça em questão. Dois militares de operações especiais, foram alvejados, e tiveram que ser evacuados. Momento a partir do qual o pelotão viu-se em uma situação de total descontrole emocional, realizando um embarque não planejado, permanecendo embarcados, com escotilhas fechadas até que a situação fosse novamente estabilizada pelos operadores especiais.

Situações como as descritas anteriormente, não eram incomuns, no entanto, apareciam em maior ou menor grau dependendo do adestramento da tropa empregado.

2.2 PREPARO DA TROPA

Qualquer tropa empregada em combate deve ser treinada como um todo, iniciando na preparação individual de cada um dos indivíduos e posteriormente no adestramento da fração. Nota-se, no entanto, que o foco do adestramento individual é voltado, prioritariamente, aos soldados. Mas a realidade é que todos incluindo as praças e os oficiais precisam desenvolver seu treinamento também individualizado. Não é comum ver oficiais treinando suas habilidades de manuseio de armamento, uma progressão, ou qualquer outra técnica de combate. Muitos negligenciam essas atividades por serem normalmente os instrutores do assunto, por considerarem de simples execução, ou pelo simples fato de não quererem se expor aos seus subordinados.

O pequeno não é simples. O universo do simples soldado em combate é tão complexo quanto o do general ou do almirante que manobram suas brigadas e esquadras. Ele é, sobretudo, mais perigoso. Engajar-se em um combate é participar de um concerto desarmônico do qual é preciso apreciar cada movimento como um perito ou correr o risco de ser aniquilado. (GOYA, 2016)

De acordo com o Sistema de Instrução Militar do Exército Brasileiro (SIMEB), as sessões de Instrução Individual devem colocar o soldado em situações semelhantes às que ocorrerão no desempenho de suas atividades com uma visão bem próxima da realidade.

Nota-se a preocupação da similaridade da instrução militar com a realidade do combate. Partindo da ideia de que a “realidade do combate” sofre imprevisíveis mudanças, cresce de importância a constante revisão das fontes de consulta nas quais as instruções militares se baseiam. Valendo-se de consulta no portal do preparo do Comando de Operação Terrestres (COTER) (www.portaldopreparo.eb.mil.br) onde constam os Cadernos de Instrução (CI), Programas Padrão (PP) e Manuais de Campanha (MC) disponíveis para consulta a fim de preparo das instruções militares, nota-se que apenas o EB70-CI-11.408 Caderno de Instrução o Pelotão de Fuzileiros no Combate em Área Edificada versa sobre técnicas de progressão em ambiente urbano e pouco se aborda a respeito de preparação psicológica.

O Centro de instrução de operações de Garantia da Lei e da Ordem (CI Op GLO), criado no 28º Batalhão de Infantaria Leve (28º BIL) em Campinas/SP planeja e conduz cursos e estágios, visando à especialização e ao adestramento de militares, de pequenas frações, de pelotões, de subunidades e de unidades para o cumprimento

de Operações de Garantia da Lei e da Ordem. Para tal finalidade, o referido centro de instrução utiliza uma nota de aula de autoria própria onde o assunto é tratado em mais detalhes que o próprio EB70-CI-11.408. No preparo das tropas do EB não se vê, contudo, uma preocupação e um treinamento específico voltado a preparação psicológica ao combate.

O 1º Batalhão de Forças Especiais (1º BF Esp) utiliza amplamente em seus adestramentos o caderno de Combate em Área Urbana (CAU), que tem como intuito acompanhar a rápida evolução das técnicas, táticas e procedimentos do emprego em área urbana. O material é atualizado anualmente com base nas missões reais desenvolvidas em centros urbanos. O 1º BF Esp também produziu um rico relatório de TTP ao final da Operação São Francisco, em junho de 2015, onde aborda algumas melhorias nas TTP de combate em ambiente urbano, principalmente no ambiente das comunidades do Rio de Janeiro. Nota-se, portanto, que apesar de ser uma tropa bastante experimentada e com uma formação que exige uma capacidade psicológica ampla, não se observa de igual maneira um treinamento voltado especificamente com a finalidade de desenvolver a capacidade psicológica para o combate. Ainda que o faça de maneira indireta na condução de suas operações pela exigência física e mental.

De acordo com Teixeira (2017), o Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB) é um estabelecimento de ensino e pesquisa, vinculado ao Ministério da Defesa. Sua missão principal é preparar militares, policiais e civis brasileiros e de nações amigas para missões de paz e de desminagem humanitária. O Centro é referência para a gestão doutrinária de assuntos relativos às operações de paz, contando com significativos intercâmbios e produção acadêmica. O CCOPAB, com sede no Rio de Janeiro/RJ, projeta suas capacidades por intermédio de cursos e equipes móveis de treinamento, no Brasil e no exterior.

O CCOPAB tem desenvolvido sua metodologia para se adequar às exigências das operações de paz e às necessidades internacionais, incluindo em sua gama de instruções, as considerações civis, atualmente, de extrema importância para qualquer combate e incluindo instruções ligadas diretamente ao emprego operacional.

Face às exigências estabelecidas no United Nations Infantry Battalion Manual, outras inovações no treinamento do Batalhão Brasileiro foram implementadas. Alguns exemplos são o treinamento para emprego de Quick Reaction Force (QRF) com uso de aeronaves e o aumento do período de execução do EAOP de uma para duas semanas. Nesse exercício, passou a

ser utilizado o Sistema de Fichas (SISFICHAS), para a confecção de fichas e montagem de cenários, além do Sistema de Gestão das Operações de Paz (SIGEPAZ), para uma gestão mais qualitativa dos resultados colhidos no terreno por ocasião do exercício. (TEIXEIRA, 2017)

O CCOPAB conduz hoje, de maneira regular, os seguintes estágios e exercícios:

a. No módulo “Tropa”:

- “Estágio de Preparação para Comandantes de Organização Militar e Estado-Maior para Missões de Paz (EPCOEM)”;
- “Estágio de Tradutores e Intérpretes Militares (ETIMIL)”;
- Estágio de Preparação para Comandantes de Subunidade e de Pelotão para Missões de Paz (EPCOSUPEL)”;
- “Estágio de Logística Reembolso em Operações de Paz (ELROP)”;
- “Estágio de Proteção de Civis (EPC)”;
- “Estágio de Coordenação Civil-Militar (CIMIC)”;
- “Exercício Básico de Operações de Paz (EBOP)”, e
- “Exercício Avançado de Operações de Paz (EAOP)”.

b. No módulo “Indivíduos”:

- “Estágio de Preparação para Missões de Paz (EPMP)”;
- “Estágio para Jornalistas e Assessores de Imprensa em Áreas de Conflito (EPJAIAC)”;
- “Estágio de Preparação de Civis para Atuação em Ambientes Instáveis (EPCAAI)”;
- “Estágio de Segurança e Salvaguarda em Ambientes Hostis (SSAFE)”, e
- “Estágio de Preparação para Entrevista de Candidatos ao DPKO (EPEC-DPKO)”.

c. No módulo “Desminagem”:

- “Estágio de Ação Contraminas”, em substituição ao “Estágio de Desminagem Humanitária”, que foi realizado até o primeiro semestre de 2017.

Nota-se que o CCOPAB, ainda que seja uma referência e que tenha preparado muito bem os militares para as missões que se passaram, não dispõe de uma metodologia prática de preparação psicológica em seus estágios e exercícios. Cada ambiente exige uma preparação distinta, já que as ameaças se apresentam também de maneira distinta.

2.2.1 Especificidades do preparo

O Brasil por ser um país continental, possui características específicas em cada uma de suas regiões. Com isso, o combate em cada uma delas exige de igual maneira um treinamento adequado e específico. Conclui-se uma vez mais a necessidade da preparação do homem. Cabe, portanto, às unidades empregadas preparar seus militares para cada tipo de ameaça que venham a enfrentar e nos mais diversos níveis de risco.

Além de aperfeiçoamentos de tiros e instruções de regras de atuação para Garantia da Lei e da Ordem, o preparo físico exigiu tratamento especial, dadas as situações climáticas brasileiras, que de natureza tropical, chegavam a uma sensação térmica de 43°C durante o dia. Durante as operações, os militares enfrentaram grande incidência de atos hostis ao atuarem em áreas densamente povoadas que possuem cerca de 129.770 habitantes em uma área de 3.301.743 m², o que estima a presença de 25,44 pessoas/m², conforme dados fornecidos pelo Instituto Pereira Passos, da Prefeitura do Rio de Janeiro. Observou-se também uma nova modalidade de conflito moderno para as forças armadas brasileiras, que necessitaram se adequar, para combater e pacificar. Uma guerra irregular, sem fronteiras, com inimigos difusos, atuando entre os moradores. Aproximadamente 2.300 denúncias foram feitas contra os criminosos que atuavam na região, pelos próprios moradores da Maré, por meio do serviço “Disque Pacificação”. (MILITARY REVIEW, 2016, P.16)

Para ser empregado em qualquer ambiente operacional, o militar necessita de uma gama de conhecimentos gerais e específico do local onde será empregado, de maneira que consiga prever e se preparar para as situações que possam ocorrer. Sendo assim deve se preparar psicologicamente e culturalmente para que possa entender o meio em que está envolto.

Despite the military's statements about the importance of cultural competence, the use of cultural training to increase soldiers' ability to live and perform in culturally diverse environments varies throughout the military both between career fields and between war and peacetime. Prior to operations in Iraq and Afghanistan, the military focused on lethal capabilities and neglected to develop knowledge, skills, and trained personnel who could shape the operational environment with nonlethal means (Rogers, 2005). Developing and integrating nonlethal means, supported by cultural training, is an ongoing process. Some specific career fields, such as Special Forces, Foreign Area Officers, Civil Affairs, Military Information Support, and attachés, do emphasize cultural competence (Hajjar, 2010; Lewis, 2006). The training other soldiers receive varies by deployment location, emphasis by commanders, and time restraints prior to deployment. (MILITARY PSYCHOLOGY, 2013 p. 430)¹

¹ Apesar das declarações das forças armadas sobre a importância da competência cultural, o uso do treinamento cultural para aumentar a capacidade dos soldados de viver e se apresentar em ambientes culturalmente diversos varia ao longo das forças armadas, tanto no campo da carreira quanto entre guerra e tempo de paz. Antes das operações no Iraque e no Afeganistão, os militares se concentraram nas capacidades letais e negligenciaram o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e pessoal treinado que pudessem moldar o ambiente operacional com meios não-letais

Apesar de todos os ganhos em tecnologia e em meios para a preparação para o enfrentamento de ameaças futuras, vê-se que o investimento na preparação do homem ainda é o mais importante. A qualidade do militar que está sendo empregado em uma operação é fundamental para o êxito dela. Cabe com isso ainda a preocupação em bem capacitar os recursos humanos do Exército Brasileiro, de maneira bastante abrangente, desde sua técnica até sua capacidade psicológica.

Nem todos podem aguentar a complexidade, especialmente sob pressão e em um ambiente de ameaças elevadas, com restrição de tempo. Essa não é uma descoberta nova, mas permanece sendo fundamentalmente importante. Em 2016, o estilo iraquiano de combate em múltiplos domínios precisava de solucionadores de problemas complexos que fossem capazes de superar as fronteiras institucionais e intelectuais. Por exemplo, um capitão da Guarda Nacional reuniu, por iniciativa própria, o grupo de operadores das Op Info e os vinculou tanto ao plano da coalizão como à rede iraquiana de operações psicológicas. Não existia um manual ou doutrina para isso. Paralelamente, o pessoal mais experiente teve dificuldades em “como conseguir fazer algo neste lugar”. Há uma necessidade clara de pensadores críticos e persistentes que se relacionam bem com humanos e que sejam autoconscientes e focados em resultados. Pessoas precisam ser adaptáveis (capazes de fazer novas coisas), versáteis (capazes de fazer muitas coisas) e ágeis (capazes de mudar o que estão fazendo rapidamente). Os especialistas precisam ser mais generalistas e os generalistas mais interessados em especialidades. Precisamos acabar com os feudos ou, pelo menos, precisamos de paredes permeáveis. A chave é seleção, treinamento e, especialmente, educação e, depois, experiência. Como observado anteriormente, nem todos são capazes de aguentar os desafios do ambiente operacional em múltiplos domínios e a capacidade para fazer isso não pode ser pressuposta. Tal capacidade não existe especialmente em qualquer unidade, Força Singular ou cultura. Todos precisam de análise e desenvolvimento em um exercício tipo laboratório de combate e em um ambiente intelectual que lhes preparem para os desafios do emprego no combate em múltiplos domínios. (MILITARY REVIEW, 2017, p. 9)

Algumas características e atributos são de extrema importância quando o assunto é combate de alto risco, em que se necessita por exemplo de resiliência e resistência psicológica. Essas características, são ainda mais exigidas quando os militares atuam isoladamente ou em pequenos grupos.

Hardiness is a psychological style associated with resilience, good health, and performance under a range of stressful conditions [...] People high in hardiness have a strong sense of commitment to life and work, and are actively engaged in what's going on around them. They believe they can

(Rogers, 2005). Desenvolver e integrar meios não letais, apoiados por treinamento cultural, é um processo contínuo. Alguns campos específicos da carreira, como Forças Especiais, Oficiais de Área Estrangeira, Assuntos Cíveis, Apoio à Informação Militar e adidos, enfatizam a competência cultural (Hajjar, 2010; Lewis, 2006). O treinamento que outros soldados recebem varia de acordo com o local de implantação, a ênfase dos comandantes e as restrições de tempo antes da implantação. (tradução nossa)

control or influence what happens, and they enjoy new situations and challenges. Also, they are internally motivated and create their own sense of purpose. Conceptually, this is a personality profile well-suited to the Special Forces occupation, which frequently requires its members to operate alone or in small teams [...] (BARTONE Paul T. et al., 2008.²

A Organização do Tratado do Atlântico Norte promove encontro para se tratar de lições aprendidas em combate. A *Joint Analysis & Lessons Learned Centre (JALLC)* é a responsável por conduzir esse tipo de atividade. O portal de lições aprendidas (<https://nllp.jallc.nato.int/Pages/default.aspx>) será utilizado como fonte de pesquisa para tratar do tema e problema em questão no trabalho.

2.2.2 Sistema de Prontidão da Força Terrestre (SISPRON)

O SISPRON, busca operacionalizar a prontidão da tropa em todo território nacional. Buscando as capacidades necessárias em cada região do país. As tropas deverão ser capazes de executar atividades para as quais se destina e para as maiores demandas de sua área de atuação. Nesse escopo haverá adestramentos distintos para tropas de locais distintos. O SISPRON visa atender as necessidades das hipóteses de emprego por meio das Forças de Pronto Emprego de cada um dos Comandos Militares de Área. A prontidão busca capacitar um grupamento, utilizando um ciclo de preparo específico, podendo esse grupamento variar seu efetivo de acordo com as necessidades do País.

O processo final de prontidão se dará por meio de uma certificação fundamentada, na qual, militares aptos para executá-la e cujo preparo se dará nos centros de instrução do Exército, farão as vezes de Observadores, Controladores e Avaliadores (OCA). A seguir estão representados todos os Centros de Instrução, que terão a responsabilidade de preparar os OCA para a certificação.

² Resistência é um estilo psicológico associado a resiliência, boa saúde e desempenho sob uma variedade de condições estressantes. [...] Pessoas com alta resistência têm um forte senso de comprometimento com a vida e o trabalho e estão ativamente envolvidas no que está acontecendo ao seu redor. Eles acreditam que podem controlar ou influenciar o que acontece e desfrutam de novas situações e desafios. Além disso, eles são motivados internamente e criam seu próprio senso de propósito. Conceitualmente, esse é um perfil de personalidade adequado à ocupação das Forças Especiais, que frequentemente exige que seus membros operem sozinhos ou em pequenas equipes [...] (tradução nossa)



FIGURA 2 – Centros de Instrução do EB

Fonte: <http://www.coter.eb.mil.br/index.php/centros-de-instrucao>

Os Centros de Instrução existentes no Exército Brasileiro são os seguintes:

- Centro de Embarcações do Comando Militar da Amazônia (Manaus - MA)
- Centro de Instrução de Artilharia de Mísseis e Foguetes (Formosa - GO)
- Centro de Instrução de Aviação do Exército (Taubaté - SP)
- Centro de Instrução de Blindados General Walter Pires (Santa Maria - RS)
- Centro de Instrução de Engenharia (Araguari - MG)
- Centro de Instrução de Guerra Eletrônica (Brasília - DF)
- Centro de Instrução de Guerra na Selva (Manaus - AM)
- Centro de Instrução de Operações de Garantia da Lei e da Ordem (Campinas - SP)
- Centro de Instrução de Operações em Montanha (São João Del Rey - MG)
- Centro de Instrução de Operações Especiais (Niterói - RJ)
- Centro de Instrução de Operações na Caatinga (Petrolina - PE)
- Centro de Instrução de Operações no Pantanal (Corumbá - MS)
- Centro de Instrução Paraquedista General Penha Brasil (Rio de Janeiro - RJ)

A tropa realizará sua preparação específica e em um certo momento haverá sua validação e certificação para o estado de prontidão. Nas Forças de Pronto Emprego haverá, Forças de Emprego Estratégico, Forças de Emprego Geral Prioritárias e os Módulos Especializados.

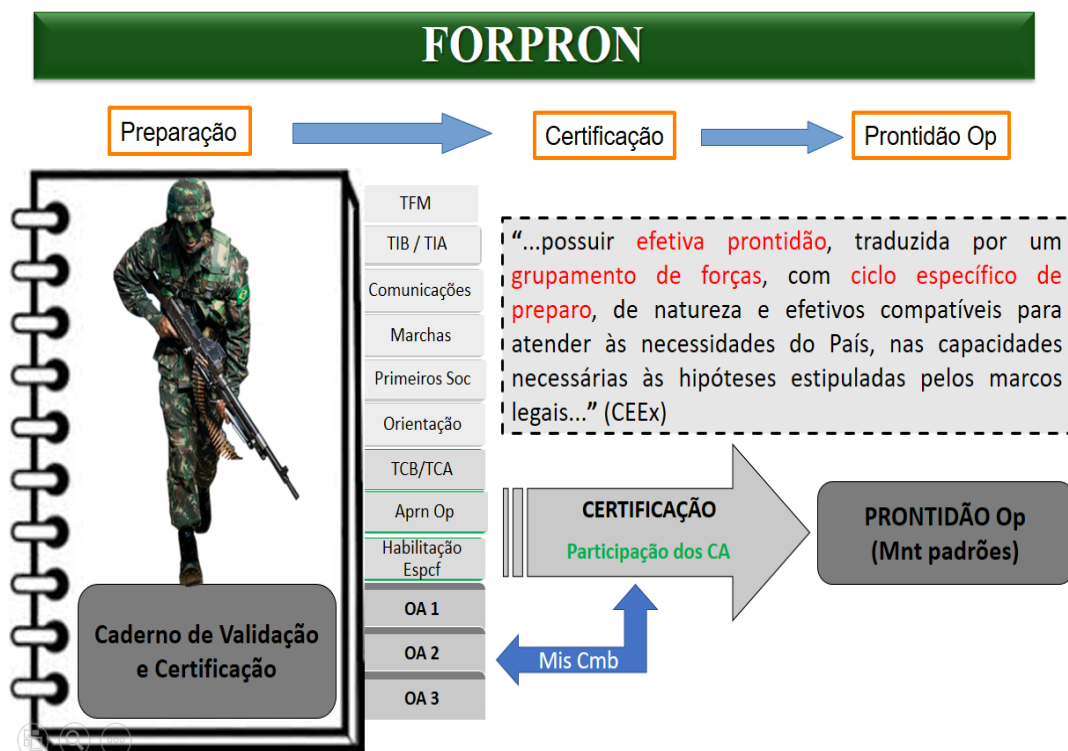


FIGURA 3 – Sistemática da prontidão

Fonte: Fonte: Palestra do Chefe do Preparo da Força Terrestre, Gen Div Afonso da Costa, em 28/07/2020, na EsAO.

O SISPRON encontra-se ainda nas primeiras fases, cujo objetivo é identificar possíveis falhas e oportunizar melhorias no processo. A Brigada Paraquedista foi a primeira tropa ser certificada pelo sistema. Contudo o processo final só será concluído em 2023, conforme figura a seguir.



FIFURA 4 - Ações previstas do SISPRON

Fonte: Palestra do Chefe do Preparo da Força Terrestre, Gen Div Afonso da Costa, em 28/07/2020, na EsAO.

Cabe salientar que o processo de preparo de um militar envolve também a capacitação psicológica. Não se observa, contudo, nenhum tipo de certificação da parte psicológica. O militar para estar pronto para atuar em uma das hipóteses de emprego, deveria estar capacitado também nesse sentido. A parte do preparo psicológico, apesar de ser fundamental, não se faz presente em nenhuma certificação específica. Nota-se que esse tipo de preparo quando se faz presente, é secundário ou consequência de um outro, sem qualquer verificação ou validação.

2.2.3 Desenvolvimento da Neurociência no EB

O estudo da neurociência no Exército Brasileiro está, atualmente, em processo de desenvolvimento. A neurociência está intimamente ligada ao escopo deste trabalho, sendo que dentro do Exército Brasileiro tem sua importância para se estudar e entender o funcionamento cerebral e por consequência explicar as diversas reações dos militares em emprego real ou atividade fim. Esse tipo de estudo tem sido desenvolvido, principalmente, por meio do Instituto de Pesquisa da Capacitação Física do Exército IPCFEx.

O instituto é uma organização de grande importância para o Exército Brasileiro, responsável nos últimos anos por desenvolver pesquisas ligadas a linha operacional, com o intuito de entender e aprimorar o desempenho de militares. Conforme apresentado em seu endereço eletrônico, tem como missão as seguintes atividades:

I – assessorar o Centro de Capacitação Física do Exército (CCFEx) em todos os assuntos referentes às pesquisas na área da capacitação física de interesse da Força Terrestre;

II – planejar, coordenar, programar, executar e controlar projetos e trabalhos de pesquisa na área da capacitação física de acordo com as diretrizes do Centro de Capacitação Física do Exército (CCFEx) voltados para a operacionalidade do Exército Brasileiro (EB);

III – desenvolver pesquisas de capacitação física ligadas às áreas de Avaliação Física, Biomecânica, Bioquímica, Cardiologia, Cineantropometria, Fisiologia do Exercício, Termorregulação, Nutrição, Psicofisiologia e Treinamento Desportivo para solução de problemas de interesse do Exército;

IV – manter atualizada a doutrina do Treinamento Físico Militar (TFM) e sua avaliação, bem como promover sua divulgação;

V – capacitar recursos humanos para as atividades de pesquisa, fazendo uso dos convênios de cooperação técnico-científico celebrados pelo CCFEx com universidades civis;

VI – realizar avaliações de atletas e prestar assessoramento técnico científico para a Comissão de Desportos do Exército (CDE); e

VII – promover e participar de fóruns de discussão sobre as áreas de estudos de interesse do IPCFEx.

Nos últimos anos têm-se desenvolvido estudos na área da neurociência no desempenho operacional de militares integrantes de tropas especiais. De acordo com a professora, doutora, Lilian Cristina Xavier Martins, o objetivo é entender o funcionamento do cérebro frente ao desempenho de tarefas operacionais militares. Inicialmente, buscou-se investigar a influência do treinamento mental com o desempenho no tiro ao alvo. Atualmente, teve início o estudo principal, que procura investigar a relação de estados afetivos com emoções, aptidão cardiorrespiratória e processos de tomada de decisão. A seguir seguem imagens das pesquisas realizadas junto a 3ª Companhia de Forças Especiais, em Manaus.



FIGURA 5 - Neurociência no estudo do desempenho operacional, junto aos militares integrantes da 3ª Companhia de Forças Especiais.

Fonte: <http://www.ipcfex.eb.mil.br/ultimas-noticias/265-estudo-da-neurociencia-no-desempenho-operacional-de-militares-integrantes-de-tropas-especiais>



FIGURA 6 - Neurociência no estudo do desempenho operacional, junto aos militares integrantes da 3ª Companhia de Forças Especiais.

Fonte: <http://www.ipcfex.eb.mil.br/ultimas-noticias/265-estudo-da-neurociencia-no-desempenho-operacional-de-militares-integrantes-de-tropas-especiais>

2.2.4 Modelo de preparação psicológica americano

As forças armadas americanas dispõem de uma organização voltada especificamente para o desenvolvimento da capacidade psicológica dos militares, familiares e civis. Foi uma necessidade surgida em razão do emprego operacional, cuja parte psicológica exige sobremaneira os militares. Com isso no início dos anos 90, foi criado o *Center for Enhanced Performance* (CEP)³, voltado para o entendimento da aptidão mental e como pode ser desenvolvida. O Exército Americano dispõe do *Army Center of Enhanced Performance* (ACEP)⁴, visa fornecer ferramentas para comandantes na melhoria do desempenho psicológico, de modo que possam treinar seus subordinados baseado nesses conhecimentos.

Sua forma de ensino é fundamentada, construída com apoio de universidades americanas e métodos semelhantes aos empregados na psicologia do esporte, aplicáveis aos militares para quando em situações que exijam seu controle emocional

³ Centro de Desempenho Aprimorado

⁴ Centro de Desempenho Aprimorado do Exército

e resiliência psicológica. Diversas bases americanas utilizam essas ferramentas, como apresentado a seguir.

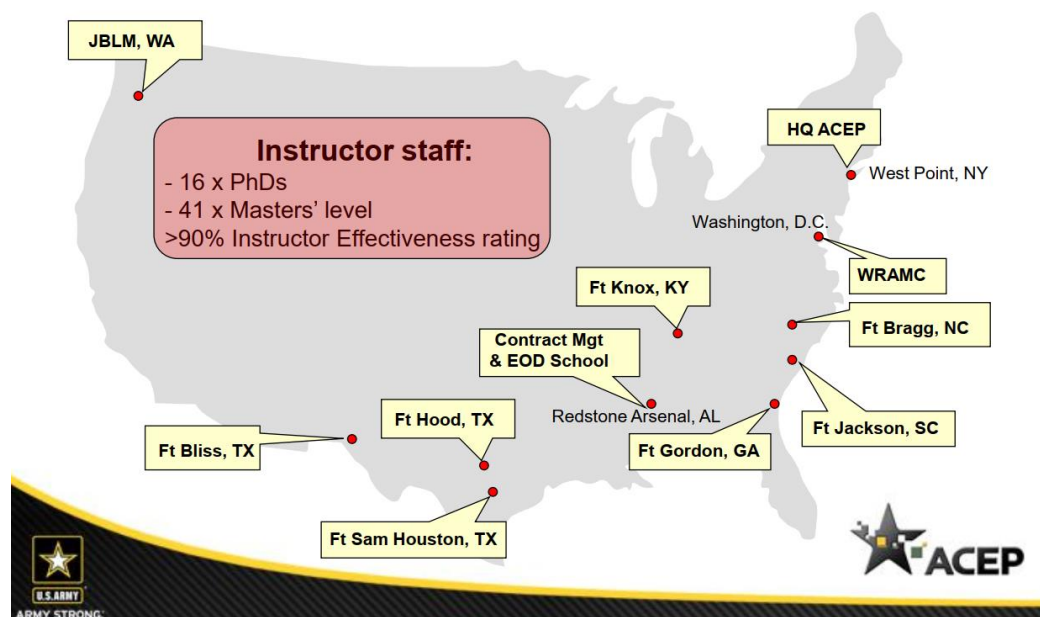


FIGURA 7 – Locais com presença da ACEP, nas Forças Armadas dos Estados Unidos da América.

FONTE: <https://health.mil/Reference-Center/Presentations/2010/08/18/Army-Center-for-Enhanced-Performance>

Esse tipo de trabalho é desenvolvido desde as escolas de formação de oficiais, pois busca um desenvolvimento a longo prazo, iniciando com os conhecimentos básicos e aprofundando-os conforme as necessidades de cada tropa. Alguns métodos foram aprimorados para as especificidades de cada tropa, como o Walter Reed Army Medical Center (WRAMC), voltado para a parte médica e o Ft Bragg, voltado para as operações especiais.

De acordo com ACEP, o desenvolvimento da capacidade mental é uma ferramenta que não pode ser negligenciada pelos comandantes. A capacidade psicológica não deve ser um subproduto de métodos tradicionais de treinamentos físico, tático e técnico. Exige um treinamento especificamente voltado para esse fim. A figura, a seguir, representa a importância dada a esse tipo de assunto no Exército Americano, apresentado como “The Next Level” (O próximo nível). Capacidade mental e emocional são apontados como atributos do combatente de alta performance. Nesse nível mental e emocional busca-se um esforço mental autoconsciente, de auto regulação, instintivo, adaptável e ágil. O objetivo é fornecer técnicas de para

desenvolver autoconfiança, para estabelecimento de metas, para o controle de atenção, recuperação de energia e técnicas de visualização.

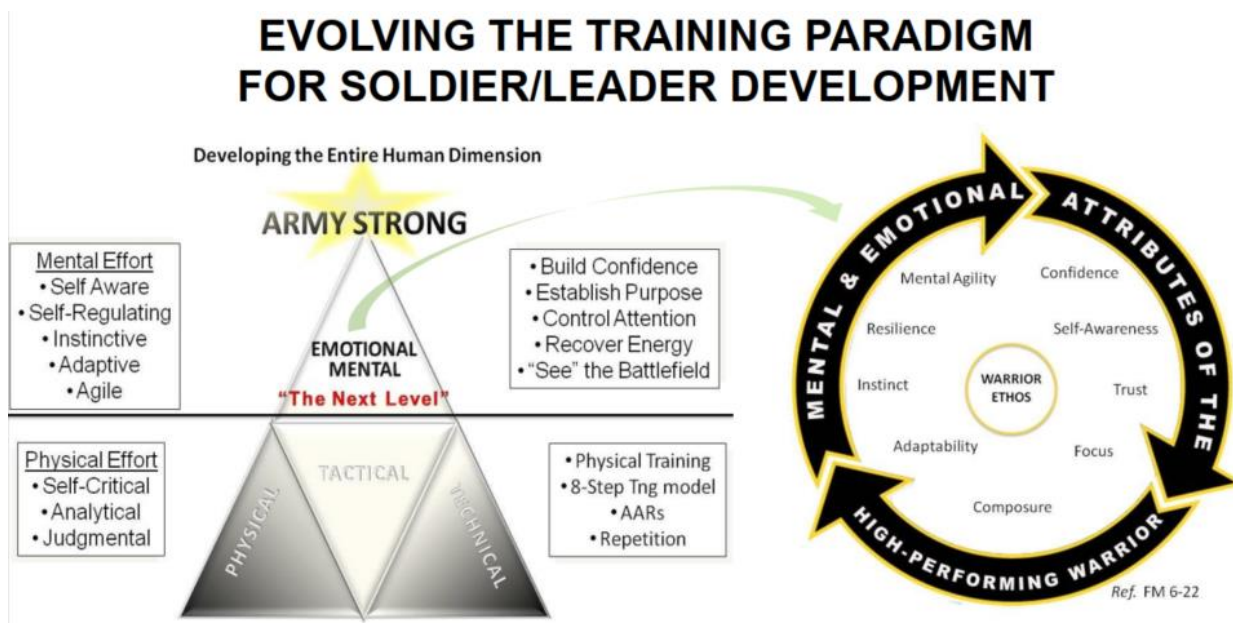


FIGURA 8 – Evolução do paradigma de treinamento para o desenvolvimento do soldado / líder.

FONTE: <https://health.mil/Reference-Center/Presentations/2010/08/18/Army-Center-for-Enhanced-Performance>

A processo de aprendizagem é realizado fornecendo, inicialmente, bases para habilidades mentais (*Mental Skills Foudations*), em seguida, desenvolvendo e construindo confiança (*Building Confidence*) e, posteriormente, empregando técnicas de visualização, (*Integrating Imagery*), conforme apresenta a figura a seguir.



FIGURA 9 – Processo de aprendizagem da ACEP.

FONTE: <https://health.mil/Reference-Center/Presentations/2010/08/18/Army-Center-for-Enhanced-Performance>

Processo inicial visa passar os conhecimentos necessários para facilitar o aprendizado empregando as habilidades mentais e técnicas específicas. O próximo passo visa passar as técnicas de pensamento para desenvolver, manter e proteger o estado de confiança em qualquer situação. Dentro desse processo busca-se ensinar os princípios de estabelecimento de metas para planejamento, execução e perseverança. São passadas técnicas de controle de atenção, voltada para a obtenção de agilidade mental e foco no objetivo de sua missão. Por fim, nesta fase intermediária, técnicas de gerenciamento de energia, para obter melhor efetividade sob situação de estresse. Após esses conhecimentos são desenvolvidas capacidades baseadas na intuição e instinto, empregando técnicas de visualização do problema.

De acordo com a ACEP, a utilização desses métodos tem sido eficiente, com mais de 80% de efetividade e mais de 85% dos participantes já usaram e recomendaram a metodologia.

2.3 TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO (TEPT)

Em razão do objetivo deste trabalho que visa abordar sobre a preparação psicológica para o combate, é interessante conhecer o que é o TEPT, o que ele causa. Este assunto é indispensável ao entendimento das formas de preparação. É importante conhecer os efeitos posteriores para que se saiba como se preparar e evitar que este tipo de estresse ocorra.

O transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), termo que surgiu em 1980, com a publicação da terceira revisão do Manual de Diagnóstico e Estatística dos Distúrbios Mentais (DSM-III), pode ser entendido como uma perturbação psíquica decorrente e condicionada a um evento fortemente ameaçador ao próprio paciente, ou nos casos em que esse apenas é testemunha da ocorrência. Consiste num tipo de recordação, que é mais bem definida como revivescência, pois é muito mais forte do que uma simples recordação¹. Outra definição caracteriza o TEPT como um transtorno de ansiedade desencadeado por um evento traumático de natureza extrema. (ALMEIDA et al, 2012)

Devido a sua importância o TEPT tem sido alvo de estudo no mundo inteiro. No Brasil existem alguns estudos relacionados ao emprego de policiais em suas atividades finais. Observa-se no “Caderno técnico de tratamento do transtorno de estresse pós-traumático – TEPT” do Ministério da Justiça e Segurança Pública de 2019, uma preocupação com esse assunto, pois observa-se a execução prática de um trabalho relacionado ao TEPT nas polícias estaduais.

De acordo com Seligman (2011), o TEPT pode ser visto com frequência como uma exacerbação de sintomas preexistentes de ansiedade e depressão do que uma primeira ocorrência. Com essa descoberta Seligman, desenvolveu um trabalho de treinamento de resiliência para soldados norte-americanos chamado “Programa de Aptidão Abrangente para Soldados”, baseia-se na ideia de que um treinamento psicológico dos soldados antes de seu emprego pode prevenir alguns casos de TEPT. Entende-se que está é mais uma maneira de preparar um militar para o combate, pois certamente, ele não será empregado uma única vez. Deve-se ter uma preocupação com o treinamento, para que o militar empregado não retorne com nenhum tipo de sequelas que o limite como ser humano e por consequência o limite em um próximo combate.

O que Seligman desenvolve no Exército dos Estados Unidos da América, com soldados desde sua entrada no Exército até seu desengajamento é o que se tem feito hoje mundialmente. Busca-se hoje, desenvolver treinamentos para desenvolver a resiliência nos militares e torná-los psicologicamente aptos ao combate.

2.4 O ESTRESSE DE COMBATE

O Estresse de acordo com a definição do Ministério da saúde é a reação natural do organismo que ocorre quando vivenciamos situações de perigo ou ameaça. Esse mecanismo nos coloca em estado de alerta ou alarme, provocando alterações físicas e emocionais. A reação ao estresse é uma atitude biológica necessária para a adaptação às situações novas.

Goulart (2012) aponta que os estudos relacionados ao combate se tornaram mais evidentes durante a Primeira Guerra Mundial, momento no qual os médicos puderam observar distintas reações nos combatentes. Alguns apresentando tiques nervosos, até atitudes catatônicas ou perda da capacidade de caminhar. Era conhecida inicialmente por mal de *shell-shock*, pois acreditava-se que era originada pela concussão decorrente de explosão de granadas de artilharia próximo do militar. Até o início do século passado, o conhecimento médico não permitia avaliar os efeitos de ordem psíquica relacionadas ao combate. Muitos militares inclusive eram considerados covardes, já que aparentava que criavam situações para fugir se duas obrigações.



FIGURA 10 – Exemplo de shell-shock na 1ª Guerra Mundial
Fonte: BOURKE, 2011.



FIGURA 11 - Um soldado em estado de Shell-Shock em uma trincheira durante a Batalha de Courcellette em meados de setembro de 1916, na Primeira Guerra Mundial.

Fonte: <https://www.kidbentinho.com/2014/10/olhos-janelas-da-alma.html>

Goya (2016), traduz muito bem a relação do combate com o psicológico no trecho a seguir:

Combater é antes de tudo penetrar em um mundo que não se estende por mais de uma centena de metros de amplitude e viver um momento que, na maioria das vezes, não dura mais do que algumas horas. Esse mundo novo é uma brecha no espaço habitual das nossas percepções. É um lugar surreal, onde por todos seus sentidos, é preciso absorver em alguns minutos as emoções de vários anos de vida cotidiana. (GOYA, 2016)

Em combate, o indivíduo mergulha em uma realidade cruel e extremamente desafiadora, capaz de conduzi-lo aos limites de suas forças e de sua capacidade psicológica. (GOULART, 2012)

Os conflitos de 4º geração da atualidade são por definição, voláteis, incertos, complexos e ambíguos, características capazes de transformar qualquer mente bem treinada em um amontoado de preocupações, somados a maior delas que é a de o militar ter que manter-se vivo em meio a tudo isso. A tomada de decisão em um ambiente como esse é algo extremamente complexo. Principalmente, no tange à capacidade psicológica, ou seja, capacidade de aceitar as consequências das decisões, estando elas corretas ou não.

É bastante comum criar-se expectativas de resultados prósperos diante das decisões tomadas. Contudo, a diferença entre as expectativas e a realidade são um dos principais componentes de estresse de combate. Ter ciência dessa situação é fundamental para prevenir e combater com eficiência.

O estresse de combate pode ser evitado ou ao menos diminuído com bastante efetividade com um treinamento adequado. Seus efeitos podem surgir após um conflito, com o estresse pós-traumático, ou ter implicações diretas e imediatas, ainda em combate

– Quando a reação aguda ao estresse pode de forma extremada incapacitar o soldado para o combate eficiente (SHAW apud NOSHPITZ; CODDINGTON, 1990).

Comumente, estuda o estresse de combate baseado em 4 (quatro) zonas de estresse. A Zona Verde, que se trata uma zona em que o comportamento é de tranquilidade em que praticamente não há riscos. A Zona Amarela, em que há um estado de alerta, porém os riscos ainda são baixos. A Zona Laranja, em que os riscos são altos, cabe uma atenção especial, pois as consequências e efeitos da atividade de estresse podem ser graves e afetar as funções dos militares. A Zona Vermelha,

em que já há uma grave perturbação psicológica e exige tratamento e atenção especializada.

READY (Green Zone)	REACTING (Yellow Zone)	INJURED (Orange Zone)	ILL (Red Zone)
<p>Definition</p> <ul style="list-style-type: none"> - Adaptive coping and mastery - Optimal functioning - Wellness <p>Features</p> <ul style="list-style-type: none"> - Well trained and prepared - Fit and focused - In control - Optimally effective - Behaving ethically - Having fun 	<p>Definition</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mild and transient distress or loss of optimal functioning - Always goes away - Low risk for illness <p>Features</p> <ul style="list-style-type: none"> - Irritable, angry - Anxious or depressed - Physically too pumped up or tired - Loss of complete self control - Poor focus - Poor sleep - Not having fun 	<p>Definition</p> <ul style="list-style-type: none"> - More severe and persistent distress or loss of function - Leaves a "scar" - Higher risk for illness <p>Causes</p> <ul style="list-style-type: none"> - Life threat - Loss - Inner conflict - Wear and tear <p>Features</p> <ul style="list-style-type: none"> - Panic or rage - Loss of control of body or mind - Can't sleep - Recurrent nightmares or bad memories - Persistent shame, guilt, or blame - Loss of moral values and beliefs 	<p>Definition</p> <ul style="list-style-type: none"> - Persistent and disabling distress or loss of function - Clinical mental disorders - Unhealed stress injuries <p>Types</p> <ul style="list-style-type: none"> - PTSD - Depression - Anxiety - Substance abuse <p>Features</p> <ul style="list-style-type: none"> - Symptoms and disability persist over many weeks - Symptoms and disability get worse over time
Unit Leader Responsibility	Individual, Peer, Family Responsibility		Caregiver Responsibility

FIGURA 12 - Modelo contínuo de estresse operacional de combate⁵

Fonte: MCWP 6-11C/NTTP 1-15M Combat and Operational Stress Control

5

>PRONTO (Zona Verde): (Definição: Enfrentamento e domínio adaptativo; funcionamento ideal; bem estar) (Recursos: Bem treinado e preparado, ajuste e foco, sob controle, ótima eficácia, comportando-se eticamente, divertindo-se.)

>REAÇÃO (Zona Amarela): (Definição: - Leve e transitória angústia ou perda de funcionamento ideal - sempre desaparece - Baixo risco de doença) (Recursos - Irritável, nervoso - Ansioso ou depressivo – Excessivamente motivado fisicamente ou cansado - Perda completa de autocontrole - Foco ruim - Dormir mal - Não está se divertindo)

>LESÕES (Zona Laranja): (Definição: - Sofrimento ou perda de função mais grave e persistente - Deixa uma "cicatriz" - Maior risco de causar doença) (Causas: Ameaça à vida – Perda - Conflito interno – Desgaste) (Recursos: - Pânico ou raiva - Perda de controle do corpo ou da mente - Não consegue dormir - Pesadelos recorrentes ou lembranças ruins - Vergonha, culpa ou culpa persistentes - Perda de valores e crenças morais)

>DOENÇA (Zona Vermelha): (Definição: - Sofrimento persistente e incapacitante ou perda de função - Transtornos mentais clínicos - Lesões por estresse não curadas) (Tipos: - TEPT – Depressão – Ansiedade - Abuso de substâncias) (Recursos: - Sintomas e incapacidade persistem por muitas semanas - Sintomas e incapacidade pioram com o tempo)

Neste trabalho será dado um foco maior na Zona Laranja, a qual normalmente é a que os militares estão imersos durante o combate. Seguem alguns exemplos de estressores da Zona Laranja:

Ameaça à vida	Ser seriamente ferido em combate
	Estar perto de ser morto
	Ver, de muito perto, alguém morrer
	Manusear corpos ou parte deles
	Eventos com múltiplos feridos, como emboscadas ou explosão de explosivos
Perda	Morte de um amigo próximo
	Morte de um membro da unidade ou líder
	Perda de bens valiosos
Conflito interior	Líderes que não cumprem valores fundamentais
	Falha ao salvar a vida de um membro da unidade
	Matar ou testemunhar o assassinato de uma mulher ou criança
	Fogo amigo
Desgaste	Permanecer por muito tempo na zona de estresse amarela

QUADRO 1: Exemplos de estressores da Zona Laranja

Fonte: MCWP 6-11C/NTTP 1-15M Combat and Operational Stress Control (tradução nossa).

2.5 REAÇÕES HUMANAS AO ESTRESSE

De acordo com os estudos de Selye (1956), o estresse divide-se em 3 fases (Alerta, Resistência e Exaustão). Na fase de alerta, os estímulos estressores desenvolvem no organismo uma resposta imediata de luta ou fuga. Na fase de resistência, começam aparecer algumas consequências físicas, físicas e emocionais, trata-se do organismo tentando responder ao estímulo estressor. O indivíduo não deve permanecer tempo demasiado nesta fase, pois pode desgastá-lo, tornando-o mais susceptível a doenças. Na fase de exaustão aparecem sintomas mais graves e duradouros relacionados ao comportamento.

Quando o organismo entra em debilidade física e psicológica não se tem a resposta ideal frente a uma situação estressora, conduzindo-o a uma deficiência comportamental. O estresse de combate relaciona-se de maneira recorrente ao medo. Se tomado como um instinto, pode ser definido como um estado do organismo diante de um perigo ou ameaça. Mas o medo é mais frequente considerado um sentimento que se relaciona com a ideia de dano, de dor ou de sofrimento. (GOULART, 2012)

Assim, ocorre uma resposta ao estímulo estressor com base, principalmente, em experiências anteriores devido à ação integrada do sistema nervoso simpático, do hipotálamo e do sistema límbico que controla as emoções. As respostas hormônios e neurotransmissores atuam em conjunto para modificar as funções viscerais e fornecer ao organismo a reação adequada para o retorno ao equilíbrio perdido (FRANCI, 2005).

Muitas podem ser as reações dos indivíduos expostos ao estressores. Neste trabalho o foco será relacionado ao combate, cujas principais alterações fisiológicas estão relacionadas ao medo, por consequência alterações de batimentos cardíacos e pressão. Ainda como uma resposta ao estresse, limitações auditivas e visuais.

De acordo com Goulart (2012), o medo pode ser mensurado de acordo, os níveis de inteligência, experiência prévia em combate, nível de interação com companheiros e com a preparação que o militar teve para enfrentá-lo (relacionado diretamente à sua resiliência psicológica) como apresentado no trecho a seguir:

O outro tipo de medo é emocional e puramente psicológico. Não se trata da reação a um perigo concreto e iminente, mas de uma sensação desagradável, decorrente da gradual antecipação de um perigo que se aproxima. É a apreensão ou angústia ocasionada pela convicção ou pela suspeita de um mal que se pode sofrer. Esse tipo de medo – mais precisamente, ansiedade – mostra-se mais ou menos intenso conforme o estado psicológico e a personalidade da pessoa. É muito comum a mente “fantasiar” a ansiedade, aumentando exponencialmente a percepção da ameaça pelo indivíduo. (GOULART, 2012)

A figura a seguir representa a evolução da tensão e do medo, provocado em combate:

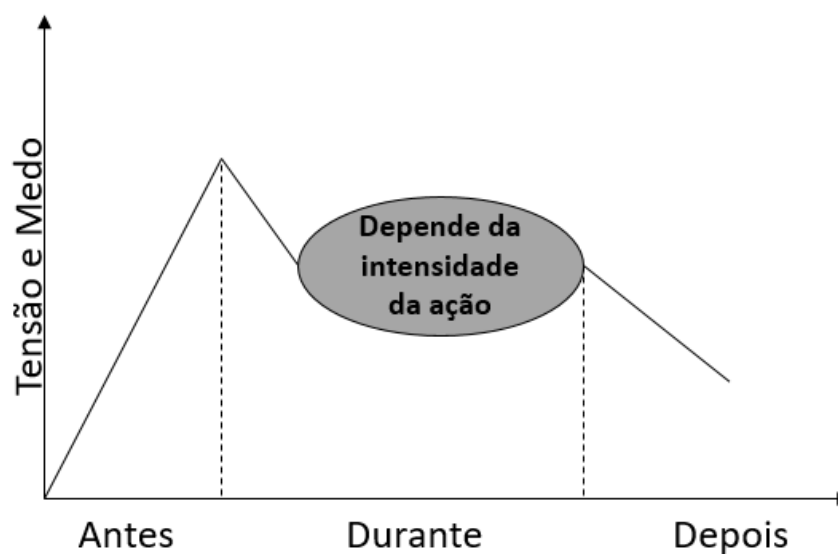


FIGURA 13 - Tensão provocada pelo combate

Fonte: GOULART, 2012

Observa-se na figura anterior, que a ansiedade gerada antes do combate, eleva os níveis de tensão a uma situação que normalmente é além da que a real que será experimentada, isso é, a espera é tão prejudicial quando o emprego. Durante o combate os níveis de tensão e medo podem variar dependendo obviamente do risco envolvido, mas tendem a ser inferiores aos da preparação. Depois da ação os níveis de tensão são reduzidos, gradativamente, com a diminuição da exposição aos riscos do combate. As tensões geradas pela ansiedade ao emprego em combate, devem ser alvo de uma preparação, ou seja, um adestramento conduzido com essa finalidade. No capítulo “treinamento” deste trabalho, apresentam-se algumas formas de executá-lo.

As alterações do sistema circulatório são uma resposta evolutiva do organismo visando protegê-lo de situações de risco, o sangue passa a ser bombeado mais rapidamente e redirecionado aos órgãos vitais, primordialmente. Por consequência os membros passam a ser secundários, podendo ocasionar alterações como tremores, que em combate impedem substancialmente a precisão e desempenho geral do militar.

O militar deve ser “inoculado” constantemente com situações de estresse durante seus treinamentos, de maneira que possa desenvolver sua resistência mental de forma progressiva sem causar danos futuros. Os cursos operacionais são uma forma de desenvolver no combatente essas características, fazendo-o reagir

adequadamente frente a uma situação de medo. Podendo assim tirá-lo de uma zona de conforto e colocá-lo em um ambiente no qual não possui controle algum da situação, fazendo-o raciocinar e tomar a melhor decisão, ainda que esteja na presença constante do medo.

Por esse motivo os cursos de operações especiais tendem a colocar o indivíduo sob essas condições constantemente, pois o soldado em combate sofre diversos níveis de stress. Entre estes podem ser intermináveis meses e anos de exposição ao calor em meio à cidade, selva sufocante, chuvas torrenciais, ou montanhas. Normalmente, o soldado vive em meio a um mundo totalmente diferente do que percebem a maioria das pessoas. Muitas vezes, há falta de comida, falta de sono, e a incerteza constante que corrói o senso de controle sobre suas vidas e seu ambiente de combate. (FORMENTO, 2016, p. 2)

Para se entender na plenitude como o corpo reage em situações de estresse, deve-se ter em mente que cada indivíduo reage de uma maneira, ou seja, tem uma resposta fisiológica de acordo com seu organismo. Segundo Fomento (2016), essa resposta é tal como se manifesta na mobilização dos recursos do sistema nervoso simpático.

O sistema nervoso simpático (SNS) mobiliza e direciona recursos de energia do corpo para a ação. É o equivalente fisiológico dos soldados da linha de frente do corpo que realmente fazem a luta em uma unidade militar. O sistema nervoso parassimpático é responsável por processos digestivos e de recuperação do corpo. É o equivalente fisiológico dos cozinheiros do corpo, mecânicos e funcionários que sustentam uma unidade militar durante um período prolongado de tempo.

O cérebro então, no momento de perceber uma ameaça mortal elimina o processo cognitivo que vai desde a própria percepção da ameaça para o tálamo, ao córtex cerebral onde busca uma resposta racional, a qual é enviada as amígdalas para sua distribuição ao sistema nervoso medular.

Normalmente, o corpo mantém-se num estado de homeostase, o que assegura que estes dois sistemas nervosos mantenham um equilíbrio entre as suas exigências sobre os recursos do corpo. Mas durante circunstâncias extremamente estressantes o sistema nervoso simpático mobiliza toda a energia disponível para a sobrevivência. Isso é o equivalente fisiológico de jogar os cozinheiros, mecânicos e funcionários para a batalha.

Este processo é tão intenso que os soldados muitas vezes sofrem estresse devido ao redirecionamento das energias provenientes de processos parassimpático não essenciais, e é comum perder o controle de micção e defecação, e o corpo literalmente "soprar seu lastro" e redirecionar toda a energia disponível em uma tentativa de fornecer os recursos necessários para garantir a sobrevivência. Isso se reflete nas pesquisas da Segunda Guerra Mundial, em que um quarto dos veteranos admitiram que urinaram nas calças em combate, e um quarto admitiu que defecou nas calças. (FOMENTO, 2016, p.3)

Para suprir as necessidades de atenção total do corpo e direcioná-las para a situação de sobrevivência o organismo produz uma série de hormônios para ajudar

nas demandas físicas do corpo, as quais produzem uma série de alterações no corpo humano, como cita Fomento (2016):

- Aumento da glicose no sangue;
- Aumento do ritmo cardíaco;
- Vaso contrações periféricas;
- Vasodilatação muscular esquelética;
- Dilatação dos alvéolos pulmonares;
- Aceleração do ritmo respiratório;
- Dilatação das pupilas;
- Contração muscular e principalmente nas costas pescoço e ombros;
- Liberam células vermelhas na corrente sanguínea para facilitar uma rápida coagulação.

Steadman (2011), apresenta também algumas reações durante o combate, em razão do acionamento das amígdalas, como a presença da adrenalina no sangue, o pulso acelerado, a focalização e o esquadrinhamento dos olhos no ambiente para verificar a presença de algo ameaçador.

Para responder à situação estressora o corpo humano reage com ganho de força e resistência. Contudo, esses ganhos estão ligados diretamente a perda de habilidade e destreza, extremamente necessárias ao militar em combate.

Goya (2016), apresenta uma simulação feita em 1986, pelo *British Operational Analysis Establishment*⁶, de uma centena de batalhas dos séculos XIX e XX com armas a laser. Ficou muito claro que os combates virtuais foram muito mais mortíferos. Diante da realidade, a possibilidade de morte diminui sobremaneira a efetividade no emprego das armas. Goya (2016) cita ainda que durante o emprego do Exército Francês no Mali em 2013, a taxa de disparos realizados para cada rebelde morto, foi de 200:1.

Para tal ele deve treinar, o mais real possível, essas situações de maneira a desenvolver suas habilidades motoras e destreza nas ações. Deve-se desenvolver também a habilidade de permanecer em alerta após situações como essas, já que a tendência do corpo é dar atenção novamente ao sistema nervoso parassimpático, negligenciando um pouco da atenção e do estado de alerta necessários.

Após a ação o indivíduo paga o preço por essa reação do corpo e ele aparece sob a forma de um cansaço incrivelmente poderoso e sonolência por parte

⁶ Estabelecimento de Análise Operacional Britânico

do soldado. Napoleão afirmou que o momento de maior perigo era o instante imediatamente após a vitória. Ele demonstrou compreensão poderosa da maneira em que os soldados se tornam, fisiologicamente e psicologicamente, incapacitados pela reação parassimpática que ocorre assim que termina o ímpeto do ataque para o soldado e este acredita brevemente estar seguro. Durante este período de vulnerabilidade um contra-ataque por tropas que não participaram do assalto pode ter um efeito completamente fora de proporção e com um número enorme de baixas. (FOMENTO, 2016)

Mesmo não estando em combate os militares podem sofrer efeitos fisiológicos e psicológicos. O simples fato de saber que está designado para tal, pode causar efeitos como a ansiedade e o medo. A maior prova para um soldado não é o combate, mas sua espera, sobretudo, se ela se efetua sob o fogo adverso. (GOYA, 2016). Segundo ele, durante a Guerra Civil Espanhola, de 300 ex-combatentes, 213 confirmaram essa percepção e 42 apenas afirmaram sentir mais medo durante o combate. A ansiedade gera insegurança que reflete diretamente em dúvidas sobre o combate, desconfiança em seu equipamento, e na incerteza das decisões tomadas.

A busca por aliviar a ansiedade se apresenta de diversas maneiras. Uma delas é o excesso cometido nas ações iniciais, como disparar uma quantidade de vezes muito maior que o necessário, ou ainda na abertura precipitada de fogos.

Na noite de 23 para 24 de fevereiro de 1991, que precedeu o ataque às posições iraquianas, mais de 4.000 cartuchos foram disparados em alvos imaginários pelos paraquedistas americanos integrados à divisão francesa de Daguet. Algumas unidades se lançaram ao ataque antes de receberem a devida ordem, como soldados franceses que venceram a batalha de Solferino em 1859 por não suportarem mais esperá-la a pé firme sob fogo. (GOYA, 2016)

Goya (2016, p. 84), cita que as reações humanas por vezes dependem apenas de um estopim, para criar uma “desculpa” e iniciar um processo de medo e ansiedade que se torna uma crescente, alimentando-se de si. Este estopim pode ser por exemplo, a súbita visão de um falso horror, um falso boato ou um ataque surpresa. Circunstâncias assim são geradas a partir de situações pregressas, não saudáveis, como o acúmulo de frustrações, a aglomeração de homens, as interrupções do combate, a ausência de objetivos, a ausência de modelos positivos a serem seguidos, a ausência de laços táticos em as unidades empregadas. Todos esses são fatores que podem dar início ao surgimento de um pânico generalizado. Cabe aos comandantes, portanto, estar atento a situações como essas, para evitar danos às vezes irreversíveis relacionados ao transtorno de estresse pós-traumático. Abaixo

seguem exemplos de situações reais em que uma ação foi causa de movimentos desordenados e não autorizados de tropas:

Em 12 de junho de 1944, um sargento paraquedista foi ferido durante o combate pela posse de Carentan. Ele retrai para o posto de triagem sem alertar seu grupo. Seus homens o acompanham e são seguidos, por sua vez, pelos grupos vizinhos. Alguém passa a informação de que a ordem era para retrair, e todo o dispositivo de desagrega. (MARSHALL apud GOYA, 2016)

Goya (2016), cita um caso durante a guerra no Pacífico, em que houve recuo por má compreensão:

Uma noite, por ocasião de um combate na ilha do Pacífico, o rádio de um observador avançado de artilharia entra em pane. A fim de garantir as ligações, o observador obtém permissão para recuar até o posto de comando da companhia. Mas como havia violentos fogos de morteiro e artilharia ao longo de toda a frente, ele e sua equipe recuam correndo, e não andando. Os infantess, vendo passar os artilheiros, seguiram atrás dele. (GOYA, 2016)

Ainda durante a 2ª Guerra Mundial, segue um exemplo de um abandona da posição por incompreensão, causado pelas tensões do combate:

Em 9 de junho de 1944, nos combates na cabeça de ponte de La Fièvre, na Normandia, um capitão ordena um retraimento muito pequeno a sua unidade. Ele está junto ao pelotão da esquerda, e sua ordem não chega ao mais à direita. O pelotão da esquerda efetua de modo ordenado seu recuo até uma cerca viva mais atrás. O flanco direito, observando o deslocamento se compreender o que se passa, rompe o contato e provoca o recuo geral de todo o conjunto. (MARSHALL apud GOYA, 2016)

Um exemplo de uma situação caótica, gerada pelo imaginário humano. A mente pode criar um pânico a partir de interpretações erradas da realidade, com base nas circunstâncias que se apresentaram anteriormente:

Em *Dix Semaines à Kaboul*, o médico militar Patrick Clervoy narra um pânico ocorrido em abril de 2011 no refeitório da base aérea da coalisão em Kabul. Bastou para isso a coincidência do soar de uma sirene de alerta sobre possível intrusão de rebeldes e a ordem para o pessoal da cozinha evacuar o local em virtude da identificação de um pacote suspeito. A saída do refeitório foi rapidamente obstruída em grande tumulto, com atropelos, acotovelamentos e pisoteio de feridos, ao passo que a unidade de segurança interveio no sentido oposto derrubando as mesas para posicionar-se contra um inimigo imaginário. Por muito pouco não se abriu fogo e consumou-se um massacre. (CLERVOY, Patrick apud GOYA, 2016).

2.5.1 Distorções perceptivas

As formas mais comuns de distorções são a “exclusão auditiva” e “visão de túnel”. São respostas naturais do corpo como uma forma de se concentrar no que realmente importa, quando em uma situação de estresse de combate. O corpo foca

tanto em um objetivo, que naquele momento, a visão se torna extremamente limitada à ameaça. A mesma situação ocorre para a audição.

As pessoas têm diferentes respostas aos estímulos estressores, algumas apresentam apenas uma expressão da distorção, outras apresentam várias simultaneamente. Em uma pesquisa sobre distorções perceptivas realizada pela Dra. Alexis Artwohl e Loren Christensen, com 141 oficiais da polícia americana que já estiveram em situações de estresse de combate, com emprego de armas de fogo.

Massad Ayooh, nascido em 1948, é um atirador de competição e campeão nacional, treinador de policiais, pesquisador, e um dos mais prolíficos escritores policiais da atualidade. Mossad contribuiu com a pesquisa e sobre o assunto ele diz o seguinte:

Tudo que eu vi me diz que a maioria da exclusão auditiva (como a maioria da visão de túnel) é uma questão de percepção cortical. Os ouvidos ainda ouvem e os olhos ainda veem, mas na medida em que se focam na missão de sobrevivência, o córtex cerebral está excluindo da consciência aquilo que julga ser insignificante para que se atinja o objetivo.

O resultado da pesquisa mostra que mesmo em indivíduos com experiências em combate os efeitos fisiológicos ainda são elevados, como apresentado a seguir:

- 85% Diminuíram a percepção do som (exclusão auditiva)
- 16% Intensificaram a percepção de sons
- 80% Visão de Túnel
- 74% Piloto automático (“Mudo Assustado”)
- 72% Aumentaram a Clareza Visual
- 65% Tempo de Movimento Lento
- 7% Paralisia temporária
- 51% Perda da memória para Partes do Evento
- 47% Perda da memória para Algumas de Suas Ações
- 40% Dissociação (Separação)
- 26% Pensamentos distraídos intrusivos
- 22% Distorção de memória
(Papel do medo e associações do passado)
(Papel de videoteipe)
- 16% Tempo de Movimento Rápido

Dados como os resultados apresentados servem para adequar os treinamentos de militares que participarão de operações de risco futuramente. Todos os aspectos dos efeitos fisiológicos podem ser atenuados com adestramentos específicos.

Quando em uma situação de estresse o corpo humano reage de maneira extintiva à situação. Respondendo de maneira automática, ou seja, fazendo o que sempre foi feito sem a necessidade de pensar na situação.

Diversos estudos então comprovaram que o ser humano em situação de risco de vida utiliza seu cérebro primitivo emocional sem ser capaz de usar o cérebro racional até que pare a sensação de possibilidade de perda da vida. Devendo levar em conta que a é a percepção individual de cada indivíduo no momento, circunstância e lugar que gera essa reação primária. (FORMENTO, 2016)

Existem muitos exemplos disso na vida cotidiana. Pessoas que por exemplo morrem atropeladas, quando ao atravessarem a rua se assustam com a aproximação de um carro, reagem de maneira indesejada, permanecendo “congeladas” em razão do susto, ao invés de saírem de seu caminho. Grossman (2004) cita um exemplo em que uma pessoa não foi capaz de digitar três números para chamar um socorro em uma situação de estresse. Ao deparar-se com uma invasão domiciliar a pessoa deveria apenas digitar 911 (número de emergência americano), porém digitava 411, erradamente, sem ter ciência do que fazia.

Por esta razão é tão importante treinar sob estresse, se em situações cotidianas de susto por exemplo já se podem observar reações indesejadas, militares em combate não podem se dar ao luxo de reagirem inadequadamente diante do perigo.

2.6 INCAPACIDADE DE MATAR

A finalidade ou resultado de uma guerra, de modo geral, certamente não se resume a matar ou a quem matou mais. Contudo, a morte e a necessidade de tirar vidas são intrínsecos a ela. Mesmo que um determinado conflito não haja a necessidade de matar, seus participantes certamente deverão estar em condições de o fazer caso seja necessário.

De acordo com um estudo americano, em torno de um homem entre cinquenta (e uma mulher entre cem) seria insensível à ideia de matar. (SWANK apud GOYA, 2016).

Essa situação de incapacidade de matar um semelhante, está ligada a um contexto evolutivo, atribuída diretamente à parte psicológica e funções cerebrais como apresentada no trecho a seguir:

Mobilidade, alcance e proteção interagem entre si na evolução das armas, mas as limitações psicológicas do homem são até mesmo mais influentes

neste processo do que suas limitações físicas. [...] Napoleão disse que “na guerra a moral está para o físico na razão de três por um” [...] Para entender verdadeiramente a natureza desta resistência, precisamos primeiro reconhecer que a maioria dos que participam em um combate contíguo está literalmente amedrontado e fora de suas capacidades de inteligência. Uma vez que flechas ou balas começam a voar, os combatentes deixam de pensar com o prosencéfalo (aquela parte do cérebro que nos faz humanos) e os processos do pensamento se localizam no mesencéfalo, ou cérebro mamífero que é a parte primitiva do cérebro, geralmente indistinguível de um animal. (GROSSMAN, 2004)

Goulart (2012), apresenta uma pesquisa realizada por psicólogos americanos, que se dedicaram ao estudo do comportamento humano em combate, a qual aponta que durante a Segunda Guerra Mundial uma parte significativa dos fracassos individuais não eram gerados pelo medo de morrer, mas sim pela incapacidade de matar.

A seguir, um relato durante a Segunda Guerra Mundial, de um oficial que combateu no Pacífico, pode corroborar com essas informações:

Várias vezes, devido à falta de treinamento ou à liderança deficiente, ou à combinação de ambos, as tropas não tinham disposição para cerrar sobre o inimigo para matá-lo. Os soldados pareciam acreditar que bastava que eles ficassem a distância para [atirar e] matar o inimigo, ou que aviões, tanques, artilharia, morteiros ou metralhadoras deviam fazer isso por eles. Eles relutavam em aceitar que seu dever era ir à frente e matar os japoneses eles mesmos. (KENNETT apud GOULART, 2012)

Goulart (2012), aborda ainda muitos soldados utilizam-se do fogo de suas armas para aliviar a tensão do combate. No Vietnã, soldados recém-chegados gastavam muito mais munição quando em contato com o inimigo, pois atirar diminuía o medo que sentiam no combate. O General Augusto Heleno Ribeiro Pereira, em sua experiência no comando da missão de paz no Haiti, cita que o soldado inexperiente para dar vazão ao seu medo, emprega o fogo de igual maneira: “Se eu estou atirando, não estão atirando em mim”.

A realidade dos fatos na verdade é que em muitos conflitos as partes não estão prontas ou não tem a capacidade de matar. É um fato preocupante, mas que atinge uma grande parte dos militares não experimentados em combate. Muitos se consideram prontos e acreditam que tem plenas condições de cumprir sua missão, porém quando há a real necessidade de puxar o gatilho, eles não executam. Isso decorre em virtude de várias situações atinentes à parte psicológica. Tirar a vida de uma pessoa não é normal, tampouco da natureza humana. O ser humano, de maneira

geral, aprende desde criança que brigar e matar é uma atitude muito errada. As religiões proíbem o ato e condenam quem as executa.

Grossman (2004) cita o livro, *Men Against Fire*, do Brigadeiro General S.L.A. Marshall, o qual aborda acerca desta resistência em matar. O exército, diz Marshall:

[...] tem que considerar o fato que ele vem de uma civilização na qual a agressão, conjugado com a tomada da vida, é proibida e inaceitável. O ensino e ideais da civilização são contra matar, e contra levar vantagem. O medo da agressão foi expresso de forma tão forte a ele e foi por ele absorvido tão profunda e impregnadamente - praticamente com o leite de sua mãe - e é parte da compleição do homem normal emocional. Este é seu maior impedimento quando ele entra em combate. Fica com o dedo no gatilho embora esteja dificilmente consciente que há uma restrição nele. (MARSHALL apud GROSSMAN, 2004)

Grossman (2004), cita dois exemplos de algumas incapacidades de empregar uma arma de fogo. As situações foram utilizadas como parte de um teste para policiais em Portland /Oregon – EUA. A primeira situação ilustrava um policial em uma situação de luta corporal com uma ameaça e incapaz de se defender. Entre o policial e a pessoa do teste havia muitos obstáculos como arames farpados. A solução para a situação que muitos empregaram foi a de transpor os obstáculos e ajudar na situação. De cada 10 testados, 2 não atirariam na ameaça. Em uma segunda situação a pessoa testada se deparava com um policial sem sua arma, com uma ameaça apontando uma arma para sua cabeça. De igual maneira muitos só atiraram na ameaça após ela executar o policial.

Grossman (2004) apresenta ainda um comentário de Clint Smith, presidente e diretor de um centro de excelência no treinamento com armas de fogo, chamado —Thunder Ranch, no Texas, sobre o instinto de sobrevivência:

Qualquer um pode entender o fato de atirar para se proteger. Você me dê cinco minutos e eu farei qualquer um neste planeta furioso o bastante para atirar em mim. A pergunta real é se eles terão tanto tempo assim em um combate? Você precisa tomar tal decisão antes de começar a luta - sua vida depende disto. (SMITH apud GROSSMAN, 2004)

O fato de o militar ter treinamento de tiro e saber manusear sua arma, não significa que ele será capaz de bem empregá-la quando a situação assim o exigir. É preciso desenvolver essa capacidade com preparo psicológico que esse tipo de situação exige. Grossman (2004) cita um exemplo desse aspecto, retirado de uma carta que recebeu:

Eu entrei para a Guarda Aérea Nacional e me tornei um Agente de Segurança da Força Aérea em tempo integral... Certa noite eu estava patrulhando o parque de tanques e ouvi o som do motor de um tanque em algum lugar nesta enorme área repleta de diferentes veículos blindados. Eu solicitei à unidade patrulha para se juntar a mim. —Cowboy, um agente com seis anos de experiência chegou depressa... Nós encontramos um M-113 blindado (carregador de pessoal) com o motor funcionando, um que tem o novo sistema de armas classificado a bordo. Cowboy e eu nos dividimos e nos aproximamos por lados diferentes.

Quando cheguei mais perto, um homem de repente se levantou, abriu seu sobretudo e tirou uma 45 automática a qual começou a trazer contra mim. Eu estava somente acerca de 1,8 metros dele, e o Cowboy veio correndo quando viu o homem. Eu tinha minha arma em mãos apontando-a para o homem, gritando para que parasse e soltasse sua arma. Cowboy estava fazendo o mesmo.

O homem continuou em minha direção e eu comecei a apertar o gatilho de minha arma. Era como se o tempo tivesse reduzido a velocidade; eu ainda posso me lembrar vividamente ver o cilindro de meu revólver girando com e o cão retornando. O homem congelou e eu parei de atirar. Então ele soltou sua arma, e nós o levamos sob custódia.

Em uma oitava subsequente, soubemos que ele era um soldado do Exército e havia sido ordenado por um tenente a vigiar os tanques, e não nos haviam informado. O tenente lhe havia dito que se qualquer um que ele não reconhecesse chegasse perto do tanque, ele deveria atirar.

Meu amigo Cowboy foi desligado do Exército depois de ter um completo desarranjo psicológico. Mesmo depois de todo seu treinamento e experiência, ele jamais havia apontado uma arma carregada para outro ser humano antes e com a intenção para matar. Quando se deu conta de quão perto havia chegado de matar, ele ruiu. Todo treinamento e condicionamento não haviam preparado este homem adequadamente para a realidade de sua posição.

Quando chegou a hora, ele não conseguiu executar. (GROSSMAN, 2004)

É interessante perceber que essa incapacidade acontece mesmo com pessoas que já possuem certa vivência militar. Esse fato, no entanto, não caracteriza um demérito pessoal, mas sim uma falta de treinamento específico que a levou a ter essa atitude. Nos momentos de estresse, as pessoas reagem de acordo com suas experiências anteriores, suas crenças e características psicológicas. Caso não seja muito bem treinada a reação esperada, não se sabe ao certo como será a reação de um militar em situação de estresse, por exemplo.

Goya (2016, p.23) cita que uma das melhores unidades de aviação de caça dos Estados Unidos da América (EUA), durante suas ações na Coreia (1950-1953), metade dos pilotos nunca abriu fogo e dos que atiraram apenas 10% acertaram alguma coisa. Existe um princípio conhecido como “Princípio de Pareto”, também conhecido como regra do 20/80, afirma que 20% de atuadores que produzem 80% dos efeitos. Diversas situações de combate de enquadraram em dados como este. Goya (2016) aponta por exemplo que durante a campanha no pacífico, 15% das tripulações de submarino americanos realizaram 51% dos afundamentos de navios mercantes

inimigos, sendo também bastante semelhante aos dados dos submarinistas alemães no Atlântico. Durante a 2ª Guerra Mundial, o 165º Regimento de Infantaria Americano travou combates muitos violentos na ilha de Makin nas Ilhas Gilbert em novembro de 1943. No entanto após análise encontrou-se apenas 36 homens que deram prova de grande agressividade. Ainda nessa guerra, na Europa em 1944-45, menos de 10% dos infantos americanos e das guarnições de carros de combate causaram mais da metade dos danos ao inimigo. Dado confirmado posteriormente, na década de 1970, pelo Departamento de Treinamento e Doutrina do exército americano e por veteranos de combate.

Deixados por conta própria, somente dez por cento dos soldados tomarão verdadeiras iniciativas: mover-se-ão, atirarão, lançarão granadas e assim por diante. Os outros 90% defender-se-ão se necessário, mas nada farão além disso, a menos que um superior dê ordem de fazer, a qual cumprirão sem discutir. Aprendi que você não pode contar com eles apenas porque você assim planejou ou por ter dado ordens gerais, e isso vale também para os oficiais jovens. Você tem que dizer: “faz isso”, “faz aquilo”, “atira no objetivo” e “vai até ali”. No final, você sempre contará com um bom sargento e três ou quatro homens que farão todo trabalho. (DEPUY, William apud GOYA, 2016).

Seja pelo medo ou simplesmente pela incapacidade de matar, verifica-se que poucos estão realmente prontos para cumprir as missões da melhor maneira. O esforço individual em um combate representa muito para a consecução dos objetivos, a grande massa vai reagir de acordo com a situação. Cabe, portanto, uma reflexão de que os valores individuais é que definem o combate e quanto mais desses militares uma unidade possuir, maiores são suas chances de vencer uma batalha. Em adestramentos deve-se buscar também desenvolver essa capacidade na maior parte de militares possíveis.

A psicologia inerente ao ato de matar envolve uma série de fatores, que pode variar sua dificuldade conforme a situação. Por exemplo, quando se analisa a distância de uma ameaça. De acordo com estudos, quanto mais longe está essa ameaça mais fácil se torna o ato. Dyer (1985), apresenta em seu estudo, as situações dos marinheiros e artilheiros que atiravam de longe sem observar diretamente as consequências de seus tiros. Para eles, embora tenham plena ciência do que faziam, não conseguiam dar uma representação real, em razão da distância. O que tornava muito mais simples a execução de suas missões, ainda que com um tiro pudessem matar várias pessoas. Saber que matamos é bem diferente de ver o que matamos.

(GOYA, 2016). Um exemplo disso é a dificuldade que se tem de empregar armas brancas, ou seja, matar a curta distância.

A taxa de perdas por armas brancas é inferior a 1% desde o fim do século XIX. Se a grandes distâncias os oponentes buscam se aproximar para obter efeitos táticos; a curtas distâncias, as polaridades de invertem. O medo de morrer e a relutância em matar tornam-se exponenciais. É quando os átomos se chocam que a energia liberada é a máxima. (GOYA, 2016, p.92)

Marshall (1968), aponta uma porcentagem considerável de militares que não utilizaram suas armas em combate. Na 2ª Guerra Mundial no máximo 25% dos infantos americanos empregaram o fogo de suas armas. Esse dado, se dá basicamente pelo bloqueio moral e religioso ao ato de matar.

O soldado em combate, após ter adquirido a capacidade de matar, deve também aprender a não o fazer, o que é tão complexo quanto o a ato de matar. Saber quando não pressionar o gatilho nos conflitos atuais possui uma importância muito grande não só pela necessidade de tornar o soldado capaz de limitar seu impulso, mas também pelas considerações civis e limitações do combate da guerra na era informacional.

2.7 ASPECTOS DO TREINAMENTO MILITAR

Em razão da real necessidade de prepara-se psicologicamente para o combate, viu-se uma preocupação em desenvolver essa capacidade de acordo com as exigências dos conflitos atuais. Para isso, existem várias maneiras de se desenvolver a resiliência mental. De acordo com o manual americano MCWP 6-11C/NTTP 1-15M Combat and Operational Stress Control, os princípios básicos para promover a resiliência são:

- torne o treinamento o mais realista possível, para que os membros da unidade tenham poucas surpresas durante a implantação. Surpresa intensa pode ser o pior inimigo da saúde psicológica;
- torne o treinamento difícil o suficiente para pressionar os membros da unidade a desenvolver novas habilidades sem torná-lo tão difícil que eles falhem em dominar os desafios do treinamento ou em sofrer lesões por estresse no trabalho; e
- promova a comunicação e a confiança horizontalmente (ponto a ponto) e verticalmente (líder a subordinado) através de dificuldades compartilhadas e sucesso programado.

Vários estudos, realizados com a presença de estressores, observaram que níveis

mais altos de coesão da unidade estão associados com mais eficácia no "enfrentamento psicológico" e melhor desempenho sob tensão (GRIFFITH, 1989; MANNING; FULLERTON, 1988).

De acordo com Goya (2016), a efetividade de uma tropa depende também das relações entre seus membros. Homens de perfis mais passivos, podem se espelhar na atitude do grupo e desempenhar um bom papel, apenas por estar imerso a ele. Ainda que o grupo não exerça diretamente essa função, seu papel psicológico é primordial para a manutenção do moral. Para alguns homens o fato de saber que seus companheiros estão por perto lhes proporcionam tranquilidade, tornando mais fácil a adaptação ao combate. A coragem de alguns homens em um grupo é extremamente salutar aos demais, pois de modo geral os homens buscam ordens e modelos seguros para imitar. O capitão Paul Rimbault, fez uma citação no *Journal d'un Officier de Ligne* em 1916:

Nos momentos difíceis, instintivamente, nós nos achegamos a eles para reencontrar o conforto quanto a carne vacila. Sejam eles chefes ou soldados, temos certeza de que sempre encontrá-los no momento certo, onde for preciso e como for preciso. São eles que ganham as batalhas, pois, tanto quanto o medo, a coragem contagiam. (RIMBAULT apud GOYA, 2016)

A proximidade dos outros proporciona o sentimento de integração em uma massa inabalável, em uma força, invulnerável, e esse sentimento absorve o combatente, que, na maioria das vezes age como seus companheiros. (GOYA, 2016)

É interessante que se realize um treinamento psicológico adequado, com plena ciência do que está sendo feito e quais objetivos se deseja atingir, desenvolvendo no militar um aumento gradual de sua resiliência, a não observância desses aspectos pode gerar efeitos totalmente contrários aos desejados. A figura a seguir ilustra a resposta humana em relação ao estresse recebido.

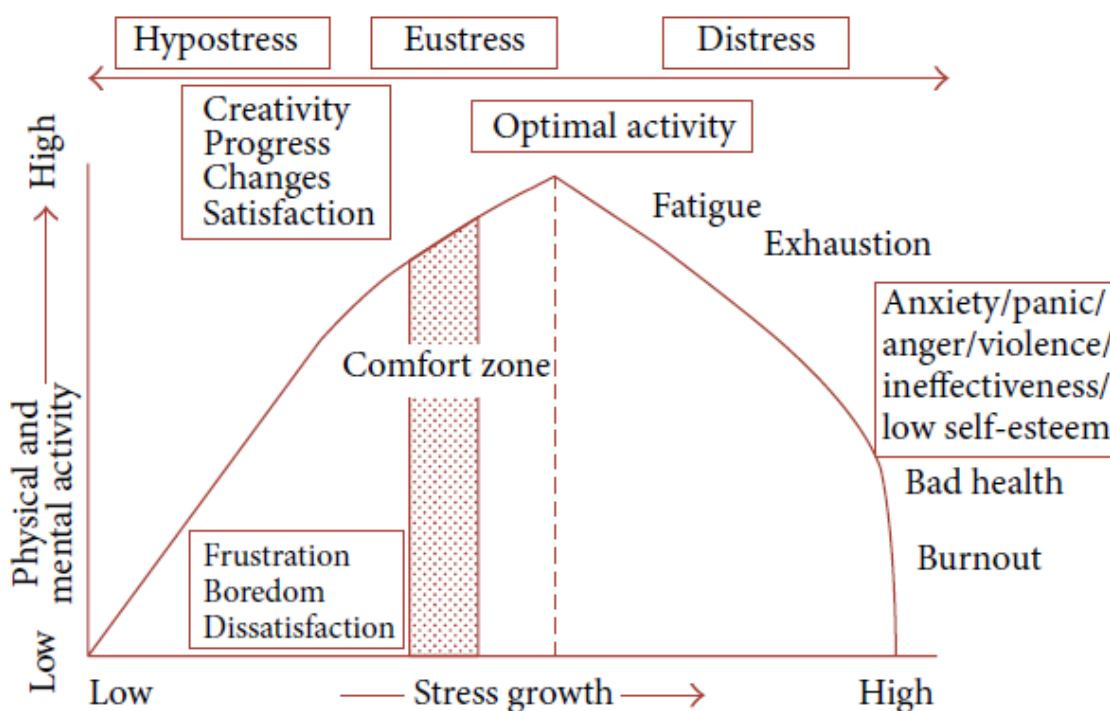


FIGURA 14 - Resposta humana à curva de estresse⁷

Fonte: Nixon P: Practitioner 1979 apud Dalva Maria Carvalho Mendes.

Nota-se com o gráfico que a atividade de preparação sendo bem conduzida pode gerar progresso, criatividade, uma adequação às necessidades do combate e satisfação. Contudo, há um limite ao crescimento do estresse, podendo causar problemas à saúde, caso seja excedido. Durante o emprego em combate deve-se também atentar-se ao tempo de exposição às situações de estresse. Os militares precisam retornar a uma situação de zona de conforto após expostos longos períodos fora dessa área.

A estimulação fisiológica prolongada, com os seus níveis continuamente elevados, causada por repetidos ou severos Acontecimentos Traumáticos de Vida ou Stress é muito dispendiosa para o organismo, podendo causar-lhe danos irreparáveis e até a morte. Enfraquece o sistema imunitário e esgota as reservas energéticas do organismo até um ponto onde a capacidade de resistência se torna muito baixa. É nesta altura que a fase de exaustão começa. (SANTOS, 1998, p. 679)

Qualquer tipo de treinamento que contribua para o desenvolvimento da capacidade psicológica é importante. Pois torna as mentes dos soldados mais resilientes e eficazes de modo que ele acredite que possa lidar com as complexas situações do combate. Devem-se fortalecer nos militares características para que ele

⁷ Eixo X: Crescimento do estresse / Eixo Y: Atividade física e mental

possa reagir positivamente quando expostos a uma situação de risco. O manual americano de combate e controle de estresse operacional, aborda algumas dessas características, descritas no quadro a seguir.

Corpo	• Habilidades físicas necessárias
	• Força física e resistência
	• Aptidão física e bem-estar
	• Sistemas de controle cerebral saudáveis para manter a calma
Mente	• Familiaridade com a situação específica da ameaça
	• Habilidades mentais necessárias
	• Autoconhecimento e autoconfiança
	• Bem-estar psicológico
	• Força de vontade e coragem
Espírito	• Recursos de coragem de fora de si
	• Crença na justiça da missão e das ações
	• Aptidão espiritual
Social	• Confie nos colegas, na família e na organização
	• Confie nos líderes
	• Motivação para agir em nome de outras pessoas

QUADRO 2: Fatores que contribuem para a habilidade de lidar com uma ameaça

Fonte: MCWP 6-11C/NTTP 1-15M Combat and Operational Stress Control

Um bom treinamento ao combate moderno é aquele que consegue englobar além das capacidades técnicas de manuseio de equipamentos, a capacidade mental, tanto na parte cognitiva como no aprimoramento da resistência às exigências da guerra. Como representado na figura a seguir:

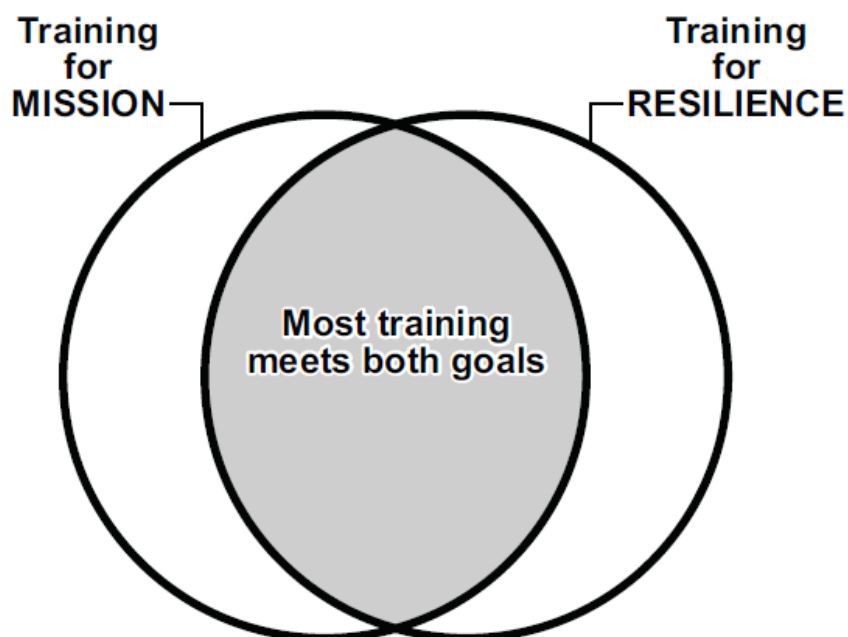


FIGURA 15 – Sobreposição de treinamento para a missão e treinamento para a resiliência.⁸

Fonte: MCWP 6-11C/NTTP 1-15M Combat and Operational Stress Control

Acredita-se que para um melhor desenvolvimento das atividades de treinamento deve-se incluir algum tipo de prática comportamental. De modo que se possa avaliar o comportamento dos militares diante das mais diversas situações. Para isso devem ser realizados em ambiente natural com grupos pequenos de até nove pessoas. O treinamento bem estruturado e administrado pode moderar os efeitos do estresse sobre o desempenho tanto para tarefas físicas quanto mentais ou analíticas (MENDES, 2013).

Uma das grandes dificuldades do combate é a impotência diante de situações complexas, dificuldade de colocar em prática tudo aquilo que foi planejado. A expectativa criada pelo planejamento para o cumprimento de qualquer missão gera no militar uma ansiedade, a qual pode se tornar um problema grave, caso não seja contida. Saunders (1996), aborda que o treinamento pode reduzir, consideravelmente, a ansiedade do combate. Um militar ao treinar realisticamente diversas situações que possam ocorrer durante um conflito armado, está diminuindo as chances de que em uma situação real ocorra algo que ele nunca tenha passado e que não saiba

8

Training for MISSION: Treinamento para Missão

Training for RESILIENCE: Treinamento para Resiliência

Most training meets both goals: A maioria dos treinamentos atende a ambos objetivos.

solucionar. O militar se sente mais autoconfiante pois sabe o que é necessário fazer. O treinamento funciona, portanto, como um redutor de tensão quando a situação de estresse exigir um procedimento de piloto-automático do corpo.

Goya (2016) aborda que em algumas circunstâncias, como de tensão e ansiedade em demasia, pode-se reduzi-las, obrigando os homens a fazer qualquer coisa útil, como cavar um abrigo ou aplicar os primeiros socorros em um companheiro, por exemplo. O fato de agir e se sentir útil, são pequenos objetivos conquistados, dos quais se geram outros grandes objetivos.

2.7.1 Autoconfiança

Durante os treinamentos é interessante ainda que se procura desenvolver a autoconfiança. De acordo com Goya (2016), o princípio desse tipo de treinamento visa criar um círculo de confiança de modo a blindar o indivíduo. Busca-se alimentar a expectativa de cada um acerca de sua capacidade de sobreviver no combate. Alguns fatores podem contribuir para essa sensação de autoconfiança. A qualidade de suas armas, por exemplo, fazê-lo acreditar que em comparação com o inimigo, dispomos de boas armas para enfrentá-lo. Ainda que as armas sejam equiparadas, o treinamento de sua utilização e conhecimento pleno de suas capacidades o levará a pensar positivamente.

A confiança resulta especialmente da estimativa de suas próprias habilidades técnicas. Outra poderosa fonte de confiança é a potência e a superioridade dos materiais empregados. Meios de proteção eficazes podem também influir na sensação de segurança, como por exemplo o emprego de coletes balísticos. Sabe-se que a área que um colete protege é muito pequena, e que existem diversas outras partes que, caso sejam alvos de um disparo, podem ser fatais. Contudo, seu emprego, ainda que limite parcialmente a mobilidade, reduz sensivelmente o medo.

A autoconfiança pode ser desenvolvida em treinamento, porém ela fundamentalmente deve ser bem estudada quando em combate. Uma tropa pode ser derrotada psicologicamente ainda que tenha um potencial bélico e treinamento superiores ao inimigo. O desenvolvimento baseia-se no acúmulo de pequenos êxitos, assim como a vitória de qualquer campanha militar. São as pequenas conquistas que quando somadas permitem uma noção mais ampla de quão exitosa foi uma campanha militar. É extremamente necessário que os militares quando postos em combate, recebam pequenas missões de baixa complexidade de maneira a desenvolver a

percepção de sua autoconfiança. O acúmulo deles, o fará psicologicamente mais forte para enfrentar ameaças de maior complexidade. Exemplo disso ocorreu no Vietnã, como descrito a seguir:

O capitão Nicol, em seu estudo sobre o moral das tropas australianas em luta no Vietnã de 1965 a 1972, mostra como a ênfase posta no combate de emboscadas e a superioridade tática adquirida nesse domínio permitiram aos australianos acumular “microêxitos”. Essas vitórias constituíram um fator essencial para a preservação do moral e, por conseguinte, da eficiência tática.

De modo contrário, as tropas americanas, bem menos adaptadas, sofriam a superioridade dos vietcongues nesse aspecto, já que era o inimigo que dispunha da iniciativa em 88% dos combates. (GOYA, 2016, p.149)

Situações como essa podem ser desenvolvidas ainda em treinamento, de igual maneira, na qual a percepção dos êxitos fique bastante clara. Cabe ressaltar que o instrutor tem papel fundamental nesse contexto, fornecendo objetivos exequíveis de acordo com o nível de adiestramento da tropa. De forma que a efetividade da tropa se sobreponha aos erros cometidos.

A autoconfiança e o controle emocional devem-se fazer presentes, principalmente, nos comandantes, pois a partir do comportamento e da confiança do comandante serão desencadeados os demais, como apresentado no trecho a seguir:

Os comandantes precisam descobrir meios para controlar o modo como empregam sua energia emocional. Seu comportamento é como uma bússola para a Unidade, um indicador de que grau de estresse é admissível e apropriado para a situação. As primeiras ações depois de um acontecimento significativo — como após ter sido atacado com um dispositivo explosivo improvisado — definem o “tom” que a Unidade irá adotar no engajamento. Como advertiu o General George S. Patton, os comandantes estão sempre “na vitrine”. Dar ordens aos gritos, demonstrar nervosismo durante uma chamada de rádio, ou até mesmo um olhar preocupado podem transmitir estresse e dúvida à Unidade. Por outro lado, comandantes serenos e confiantes, apesar de se encontrarem em circunstâncias estressantes, impregnarão a Unidade dessas características. [...] Os comandantes podem fisicamente estimular uma reação emocional mais positiva e relaxada no corpo ao formar, intencionalmente, uma expressão facial relaxada durante o combate. Esse comportamento também irá suscitar reações semelhantes nos soldados ao seu redor. (STEADMAN, 2011)

2.7.2 Coesão

O antropólogo e biólogo Robin Dunbar, apresenta quatro níveis de vínculo que se apresentam em quatro grupos de pessoas com diferentes relações humanas:

[...] Após inúmeras observações, ele pôde definir quatro níveis: o do pequeno grupo, em torno de uma dúzia de indivíduos, no qual os vínculos são muito

fortes; o da tribo paleolítica superior, com 30 a 50 indivíduos; e o chamado “grupo natural” em torno de 150 indivíduos, que é o número mais alto que possibilita a todos se conhecerem pessoalmente e serem influenciados por esses contatos. No nível superior, o efetivo máximo de uma organização capaz de criar um sentimento de pertencimento é de 1.500 a 2.000. (DUNBAR, Robin apud GOYA, 2016, p.131)

Os dados acima são interessantes, já que esses níveis podem ser claramente empregados em unidades militares, buscando desenvolver nos treinamentos uma grande interação entre os Grupos de Combate (GC), até o nível companhia. Nos Períodos de Adestramentos Básicos (PAB), deve ser uma atenção especial ao desenvolvimento das relações humanas nos menores escalões.

Goya (2016) aponta que a Wehrmacht (nome do conjunto das forças armadas da Alemanha durante a 2ª Guerra Mundial), teve sua eficácia e capacidade de resistência em razão da coesão de suas pequenas unidades. Esses pequenos grupos propiciam uma sensação de segurança aos pertencentes. E para criá-los seria necessário manter os homens nos mesmos agrupamentos pelo tempo em que a unidade existir. Ou seja, a criação de laços táticos é demorada, contudo primordial para um combate, desenvolvendo a mentalidade de lutar uns pelos outros, em um ambiente que a sobrevivência de um indivíduo dependa claramente da confiança no outro. Como relatado a seguir por um veterano canadense na Segunda Guerra Mundial:

Eu precisei de quase toda a guerra para saber por que eu lutava. Lutava-se pelos outros, por sua unidade, pelos companheiros da companhia, sobretudo, os do pelotão [...]; quando não restam mais do que quinze dos trinta e tantos do começo, você se apega intensamente a esses quinze. (GOYA, 2016)

Os militares de maneira geral lutam pela sua sobrevivência e pela de seus companheiros. Goya (2016) aborda sobre uma pesquisa realizada, durante a 2ª Guerra Mundial, entre veteranos americanos que haviam combatido no norte da África e na Sicília, a qual revelou que apenas 5% deles eram motivados por ideais como patriotismo ou fé religiosa. Em outra situação durante a 1ª Guerra Mundial, cita que caso se reúna 100 homens do povo, e abordá-los sobre a pátria, metade “rirá na sua cara” de espanto ou por incompreensão, outros 25 apresentarão indiferença.

A coesão permite a realização de tarefas mais complexas. A confiança mútua permite a cada um deles concentrar-se no ambiente tático, em particular no inimigo, sem se preocupar com outros fatores, como possíveis falhas de seus companheiros ou de seu chefe. (GOYA, 2016).

Uma tropa coesa pode solucionar problemas com uma maior eficiência e rapidez. Deve-se, no entanto, desenvolver a coesão em grupos maiores, pois a coesão de grupos pequenos pode gerar conflitos em interesses distintos, gerando um ambiente não salutar ao combate.

2.7.3 Treinamento sob estresse

Ao longo da história têm sido realizados diversos estudos com o intuito de melhorar a efetividade do combatente nos mais diversos conflitos. Grossman (2004) aponta que houve uma evolução considerável na efetividade dos militares, principalmente, ligada a evolução dos treinamentos, voltados para uma abordagem mais realística. Empregando por exemplo alvos semelhantes aos inimigos em combate, empregando fotos, bonecos, alvos interativos, que caem ou produzem alguma reação e não apenas um círculo onde se deva acertar. O intuito é desenvolver um “condicionamento operacional”. Segundo ele, o processo de condicionamento psicológico é uma verdadeira revolução, permitindo um indivíduo superar a média e a aversão ao ato de matar, como descrito a seguir:

Psicólogos sabem que este poderoso tipo de “condicionamento operacional” é a única técnica que seguramente influenciará o processamento primitivo do mesencéfalo de um ser humano amedrontado, da mesma maneira que a condição de treinamento intensivo dos estudantes em responder corretamente durante o fogo, “estímulo-resposta”, e que condiciona pilotos assustados em simuladores de vôo permitindo-lhes responder reflexivamente em situações emergenciais. (GROSSMAN, 2004)

Grossman (2004), aborda que esses treinamentos têm evoluído desde a Segunda Guerra Mundial, passando pela Guerra da Coréia, do Vietnam, culminando nas Malvinas com uma efetividade em combate seis vezes maior. O treinamento psicológico é a revolução nos treinamentos. “No final, não é sobre o hardware, mas sobre o ‘software’. Amadores falam sobre o hardware (equipamento), os profissionais falam sobre o software (treinamento e prontidão mental)”.

Existem diversas maneiras de se treinar sob essas condições, contudo, é importante esclarecer que nenhuma forma de treinamento é capaz de simular uma situação real, em que a vida do militar dependa de sua própria reação. Portanto, quanto mais o militar se ver em uma situação real, mais ele desenvolverá sua resiliência mental, sua autoconfiança. Desde que essa, obviamente, não exceda seus limites pessoais, o que traria consequências negativas.

Você pode fazer uma corrida de curta distância e fazer com que sua taxa de batimentos cardíacos chegue a 200 bpm, mas o este aumento induzido causado por exercício não será o mesmo a quando as causas de tensão envolver aumento do medo ou fatores de sobrevivência. (GROSSMAN, 2004, p.19)

Como abordado anteriormente, o corpo humano reage de maneira involuntária diante de situações de estresse. O treinamento fará com que o corpo reaja de forma adequada às mais diversas situações, seja com o batimento cardíaco alto, com uma vasoconstrição, uma vasodilatação, uma limitação na audição ou visão. O estresse ou o estímulo em uma dosagem adequada pode ser não patológico e por vezes fundamentais para a manutenção de um estado de alerta.

[...] algumas teorias sobre a motivação e estimulação afirmam que as pessoas funcionam e sentem-se melhor sob um determinado nível de estimulação, adequado a cada pessoa (Hebb, 1955; Fiske, & Maddi, 1961). As pessoas diferem na quantidade de estimulação que é entendida como ótima para o seu funcionamento, sendo este prejudicado se existir estimulação a mais ou a menos. (SANTOS, 1998)

Uma maneira bastante comum, atualmente, é treinar sob cansaço físico, com batimento cardíaco elevado, com o intuito de diminuir a performance dos militares como em uma situação real, adaptando-o a essa situação. Conforme ilustrado na próxima figura.

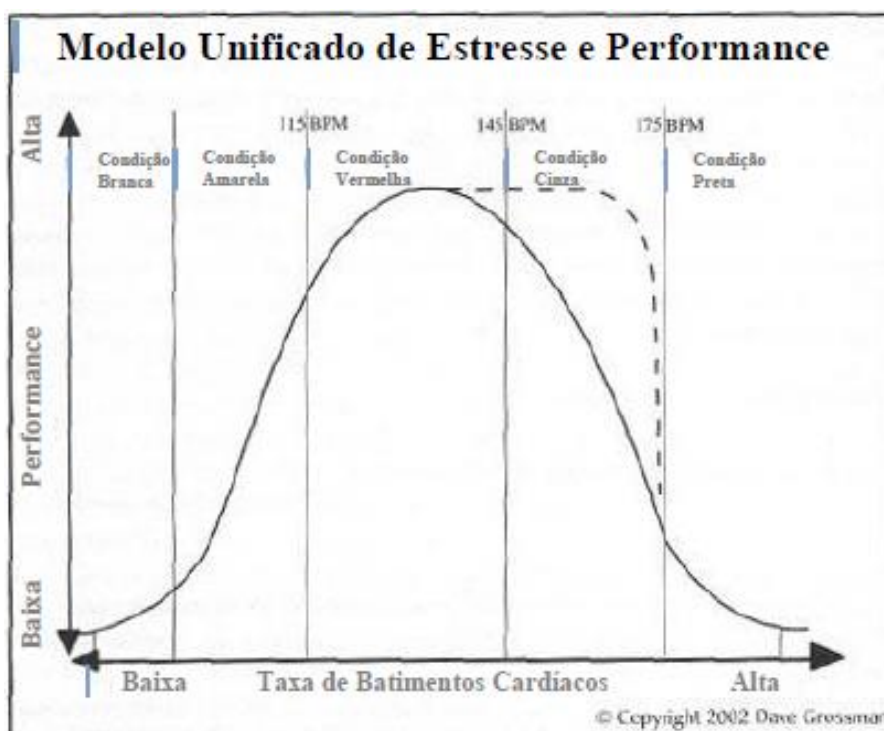


FIGURA 16 – Modelo unificado de estresse e performance.

Fonte: GROSSMAN, 2004, p. 22

Com um treinamento adequado uma pessoa pode adaptar-se a essa situação, fazendo-a ter uma maior performance, ainda que com batimentos cardíacos elevados, conforme apresentado na linha pontilhada da figura anterior.

As pessoas, durante toda a sua vida, vivenciam situações de Stress e tentam lidar com essas realidades de diversas maneiras. A tensão emocional e física que acompanha o Stress é bastante desconfortável e provoca grandes incômodos. É desta maneira que as pessoas sentem que têm de fazer algo para reduzir o seu Stress. Este «algo» que as pessoas fazem, é o que está envolvido nos mecanismos de coping ou de adaptação ao Stress (SARAFINO, 1994 apud SANTOS, 1998).

Steadman (2011), aponta algumas técnicas de combate ao estresse já comprovada por militares e profissionais de segurança pública, uma delas é chamada “respiração tática”, que visa retomar a sensação de calma e controle, controlando o sistema nervoso simpático, diminuindo os batimentos cardíacos por meio do controle da respiração. A técnica consiste em respirar fundo algumas vezes, retendo o ar de três a cinco segundos. Durante a execução da respiração deve-se visualizar o corpo relaxando e retomando a calma. Existe ainda uma outra técnica, que consiste em identificar a situação estressora e rotulá-la “o ato de identificar verbalmente as emoções, ou de tranquilizar-se em voz alta, aciona o córtex pré-frontal e dá início à recuperação de parte da energia do sistema límbico”. Palavra como “calma”, “foco” e “relaxe” podem contribuir para o autocontrole.

De acordo com Goya (2016) o medo pode ser atenuado, inconscientemente, mas certamente ele não desaparecerá completamente, ainda que se tenha bastante experiência em combate. Esse processo de ambientação e adaptabilidade as situações levam tempo, como descreve Paul Lintier, artilheiro em 1914:

De início, o perigo é um desconhecido... transpiramos, trememos...a imaginação o amplifica. Não raciocinamos... depois, passamos a discernir. A fumaça é inofensiva. O assobiar do obus serve para prever sua direção. Não nos agachamos mais em vão; só nos abrigamos quando necessário. O medo não mais domina, nós o dominamos. Essa é a verdade. [...] Cada dia nos conduz à coragem. Acostumado a perigos dessa natureza, o animal humano encabrita-se menos. Os nervos não trepidam mais. Com o tempo, o esforço contínuo e consciente para alcançar o autodomínio é recompensado. Essa é a bravura do militar. Não se nasce bravo, torna-se bravo. (Paul Lintier apud GOYA, 2016 p.43)

Grossman (2004) cita um exemplo disso da vida de RON E. AVERY (1956 - 2019). Ron Avery foi treinador de policiais e um excelente atirador de competições de combate na categoria de pistola, presente em três vídeos de instrução altamente bem-sucedidos chamados “Segredos de um Atirador Profissional”. Enquanto corria e

atirava com batimentos por volta de 145 bpm, Ron estava em um ótimo nível de estimulação com um excelente rendimento, enquanto as outras pessoas, tinham seus rendimentos muito abaixo do que de uma zona de conforto. De acordo com Ron:

Com o treinamento apropriado e requisitos de condicionamento e prática, podemos alcançar habilidades que outros julgam impossíveis. Existe todo um campo de possibilidades onde podemos ensinar e treinar [combatentes]. A aclimatação da tensão é medir doses precisas de tensão seguidas por ondas de recuperação e então repetir estes ciclos muito especificamente. Deve haver tempo para que a adaptação aconteça e haver muito treinamento, repetidos com o passar do tempo, para ajudar a fixar bem como reforçar o condicionamento. (GROSSMAN, 2004, p.24)

Esse tipo de treinamento é interessante para que o militar, assim como Ron Avery, possa manter uma boa eficiência mesmo estando em situação de desconforto e cansado. Contudo, as pessoas possuem diferentes aptidões no que no refere a capacidade física, portanto, deve-se ter atenção especial em fazer treinamentos individualizados, evitando comparar e padronizar taxas de batimentos cardíacos. Não se deve relacionar fatores fisiológicos com desempenho em combate, pois estes dependem de características individuais. As pessoas, certamente, apresentarão algum tipo de reação fisiológica quando em situação de estresse, seja ela qual for.

Goya (2016), aponta ainda que essa adaptação é relativamente rápida já que cerca de 20 dias em um combate de intensidade média podem deixar o combatente ambientado e deixar de temer as situações inusitadas do combate. Segundo ele, na campanha da França em 1944, as unidades americanas demoravam, aproximadamente, vinte dias para se adaptar. Dados como esse podem contribuir diretamente na preparação para um combate. Um combate de média intensidade pode ser simulado em adestramentos por exemplo. Os militares podem já chegar em um combate real, parcialmente ambientados, sem sofrer com as fases iniciais do medo, tornando-se mais efetivos e diminuindo os efeitos fisiológicos do estresse. Deve-se atentar, no entanto, para não expor, desnecessariamente, os militares a tempo excessivo no estado de alerta.

O extremamente importante que a realidade do combate seja colocada em prática durante um treinamento. Pois as ações executadas em treinamento serão repetidas quando a situação assim exigir. O texto a seguir cita uma situação na qual um policial executou exatamente o que realizava em seu treinamento, fazendo-o agir com incorreção diante de uma ameaça:

Um policial americano em seu primeiro confronto com um bandido foi obrigado a atirar contra o malfeitor a uma distância de pouco mais de dois metros. Apesar de sua arma possuir seis cartuchos no tambor, ele por instinto só disparou cinco e errou todos. Em vez de tentar o sexto e talvez acertar o bandido, abriu o tambor para remover os cinco estojos vazios e o sexto cartucho e, a seguir, olhou para o chão, imóvel, enquanto o marginal aproximou-se e abateu-o com um tiro na cabeça. O inquérito revelou que o policial realizava durante muitos anos o percurso regulamentar do FBI, no qual era preciso disparar cinco tiros a uma distância de sete metros de um alvo imóvel, e a seguir, recolher os estojos para manter a limpeza, bem como pô-los em uma lata colocada no chão. Submetido a intenso estresse, o policial agiu instintivamente e, em pleno confronto, procurou em vão a lata que deveria estar ali. (GOYA, 2016, p.98)

Jim Storr apud Goya (2016), cita a importância de treinar respostas rápidas durante os treinamentos. Segundo ele, quem pode agir por uma segunda vez, antes que seu adversário tome uma atitude, pode aproveitar-se da experiência da primeira ação. A probabilidade de sucesso aumenta já que a segunda ocasião tende a ser melhor que a primeira. De acordo com essa abordagem a oportunidade de reagir duas vezes mais rápido que o adversário acarreta uma possibilidade de sucesso cinco vezes maior que a adversária.

Entre dois adversários, mantidas inalteradas todas as outras coisas, o primeiro tiver 95% de chances de tomar uma boa decisão e o segundo, 50%, mas o segundo for duas vezes mais rápido que o primeiro ao tomá-la, será ele que prevalecerá em 51% dos casos contra 23% para o primeiro. (GOYA, 2016, p.104)

Os militares de maneira geral reconhecem a necessidade do treinamento realístico. O desgaste físico, o estresse psicológico e o emprego de munição real, precisam fazer parte da rotina dos militares. Um adestramento nessas condições torna os combatentes mais maduros para enfrentar as dificuldades das operações reais.

Em uma pesquisa realizada na Itália em 1944, 80% dos infantess americanos reconheciam o benefício do treinamento duro e realista pelo qual haviam passado, e muitos consideravam que deveria ter havido mais exercícios com tiros reais. (BOURKE apud GOYA, 2016). Cabe salientar que a justificativa da inexecução de atividades físicas ligadas ao combate e de tiros reais em razão de dificuldades logísticas e restrições orçamentárias não é uma realidade, pois são possíveis treinamentos como pistas de tiro, que exijam bastante da capacidade física e cognitiva realizando alguns poucos disparos, que permitam a avaliação do militar se é o caso ou não disparar na situação imposta. A tecnologia e o conhecimento tornaram a execução dos treinamentos muito mais seguros, podendo-se hoje executar atividades

de risco, sem acidentes de instrução. O trecho a seguir discorre sobre a evolução dos treinamentos:

Os verdadeiros combates tornaram-se muito raros, e suas necessidades foram esquecidas. O treinamento obrigatoriamente duro foi aliviado à medida que os acidentes, fator inevitável nesse caso, pareciam cada vez menos justificáveis. Na França, nos anos de 1960, o “treinamento físico militar”, herdado da Segunda Guerra Mundial e cujo princípio era aproximar-se o máximo possível do esforço requerido no campo de batalha (realizado, portanto, com uniforme de combate na maioria das vezes), deu lugar ao “treinamento físico esportivo”, muito mais civil, até ao absurdo. Os testes físicos anuais tornaram-se puras provas de atletismo, como salto em altura ou lançamento de peso, cujas técnicas específicas são muito distintas das exigidas pelo combate. O treinamento de tiro, naturalmente perigoso, foi objeto de regulamentações cada vez mais restritivas a ponto de, também nesse caso, torná-lo irrealista, o que provoca, sem que se aperceba, a postergação do perigo para o momento do combate. (GOYA, 2016)

Steadman (2011) tem uma abordagem bastante interessante no que tange ao treinamento para um combate emocionalmente estável. O trecho a seguir ilustra seu pensamento sobre o treinamento:

Treinar para o combate exige alterar o cérebro. décadas de pesquisas em neurociência comprovaram que o cérebro é extremamente adaptável e que atividades repetitivas, destinadas a criar comportamentos específicos — como o treinamento de combate — literalmente “alteram a estrutura celular e a força das conexões entre os neurônios” (STEADMAN, 2011)

Ele apresenta um treinamento voltado para o comandante, como por exemplo expô-lo a um estresse físico ou uma situação de medo, logo após forçá-lo a planejar uma situação ambígua em tempo bastante reduzido. Os treinamentos devem ser voltados para que os comandantes consigam raciocinar e identificar padrões passíveis de observação, como apresentado a seguir:

As Unidades também devem estruturar o treinamento de modo a apresentar múltiplos fluxos de informações e padrões de atividade inimiga detectáveis, que ensinem aos comandantes o que buscar. Os relatos sobre batalhas históricas revelam que pequenas mudanças no ambiente, como a falta de atividades normais nas ruas, podem fazer soar alarmes subconscientes. Desenvolver padrões no treinamento para, em seguida, alterá-los pode ensinar os comandantes a escutarem seus “palpites” e ficarem mais alertas quando sentirem que há algo errado. Incorporar elementos paralelos do campo de batalha, como a população civil, desafia os comandantes a analisar cognitivamente a situação e a pensar além da conduta de combate. (STEADMAN, 2011)

2.8 CENÁRIOS FUTUROS

O desenvolvimento das atividades do EB é baseado em possibilidades de emprego futuro, adequando os recursos e treinamentos para atender às possíveis situações de emprego vindouros.

De acordo com Brasil (2017), que tem o propósito de contribuir para o desenvolvimento do processo de planejamento estratégico do Ministério da Defesa, existe uma projeção de emprego das forças armadas voltadas a um provável aumento de seu emprego em GLO. Nesse tipo de operação o ambiente operacional exigirá uma adequação ainda maior de seus meios.

Conflitos assimétricos/híbridos exigirão forças especializadas em combates urbanos, com alta mobilidade flexibilidade, conectadas em rede, capazes de operar diuturnamente, dotadas de armas, munições, veículos, robôs e outros artefatos especificamente projetados para o emprego nesse ambiente. (BRASIL, 2017)

Além disso segundo esse documento, poderia haver um incremento de forças de manutenção/imposição de paz, tendo em vista que a projeção para alguns países da África de do Oriente Médio é de continuidade de seus conflitos internos. América do Sul e na África Subsaariana, provavelmente, ocorrerá um aumento do crime organizado transnacional, pelas oportunidades de lucro decorrentes da venda de drogas e crimes conexos, tais como tráfico de armas e de pessoas.

Com isso conclui-se que o emprego das Forças Armadas será contínuo em razão do agravamento de instabilidades atuais, do continuidade do narcotráfico internacional, porém com uma maior dependência de novos meios e adequação na maneira de combater em meio a uma guerra cibernética e informacional, da qual exigirá cada vez mais a parte psicológica dos combatentes do futuro.

Visacro (2018), aborda que qualquer violação de conduta ou falta grave seria motivo de condenação pela comunidade internacional, tendo em vista que pode ser veiculado, instantaneamente, pela internet. Isso dificulta potencialmente o emprego dos militares, que de maneira alguma podem abandonar a legalidade, sob pena de responderem judicialmente. A guerra da informação que se vive na atualidade, implica diretamente na preparação dos militares. Este tipo de guerra exige sobremaneira a parte psicológica de qualquer combatente.

[...] a guerra moderna é de natureza quádrupla – diplomática, econômica, psicológica e, apenas como último recurso, militar. Uma campanha militar pode ser perdida antes que o primeiro tiro seja disparado. De fato, pode ser de antemão decidida nas frentes preliminares da guerra econômica e

psicológica. Um conflito pode ser travado com meios diferentes em terrenos diferentes. (SIGMUND NEWMAN apud VISACRO, 2018)

Os danos colaterais estão se tornando cada vez mais inconcebíveis pela sociedade, a guerra na era da informação não admite mais erros básicos nem tampouco despreparo na aplicação das capacidades bélicas. Opiniões públicas e as regras de engajamento exigem constantemente a letalidade seletiva das forças militares.

O futuro não nos reserva situações tão distintas das quais já vivemos atualmente, uma crescente violência interna e um aumento nas atividades de combates irregulares.

Eu diria que nós estamos nos tempos mais violentos em tempos de paz em toda a história humana. Lembre-se que a taxa de homicídio está sendo sujeitada pela tecnologia médica, mas a taxa pela qual nossos cidadãos estão tentando ferir e matar um ao outro (a taxa de agressão agravada per capita) está cinco vezes maior desde 1957, e aumentos semelhantes aconteceram em nações ao redor do globo. Enquanto isso há terroristas que atormentam com atos terroristas internacionais [...] e atividades terroristas domésticas batendo o recorde de homicídio doméstico em massa de todos os tempos (os ataques à Cidade de Oklahoma). O resultado é uma —guerra contra o crime e uma —guerra contra o terrorismo, doméstico e internacional como jamais visto antes. (GROSSMAN, 2004, p.157)

Steadman (2011), apresenta uma visão da mudança na forma de combater, uma análise do mundo hoje nos permite avaliar como será o combate no futuro:

[...] os comandantes de hoje não enfrentam o mesmo mundo dos nossos antepassados. Embora ainda existam muitas ameaças que exigem ações rápidas e reflexas, os comandantes também precisam administrar informações oriundas de inúmeras fontes; comunicar-se por meio de vários sistemas tecnológicos; equilibrar considerações políticas, militares e civis; e, ao mesmo tempo, comandar centenas de homens e mulheres. O combate requer uma mente coerente e racional. (STEADMAN, 2011)

2.8.1 Aspectos do aumento da presença de mulheres no combate

As mulheres têm sido cada vez mais presentes no contexto das forças armadas. No Exército Brasileiro têm participado ativamente de praticamente todas as atividades. Essa maior presença feminina pode ser um fator psicológico muito forte para o Exército Brasileiro futuramente, as mulheres combatentes se farão cada vez mais presentes em nos conflitos modernos aumentando a possibilidade de serem feridos ou mortas. As consequências do combate, como ferimentos, perda de partes do corpo ou morte, quando ocorridas em mulheres afetam sobremaneira a mente do

militar e da sociedade. Ainda que tenham um potencial combativo semelhante ao dos homens, quando se analisou o custo benefício de seu emprego, viu-se que perdas do sexo masculino, afetavam muito menos. Os EUA já experimentaram situações como estas e apontaram um forte impacto psicológico em seus militares, obrigando o governo americano a proibir o emprego de mulheres na linha de frente.

A figura a seguir mostra um aumento crescente de seus efetivos e participações nas forças armadas.

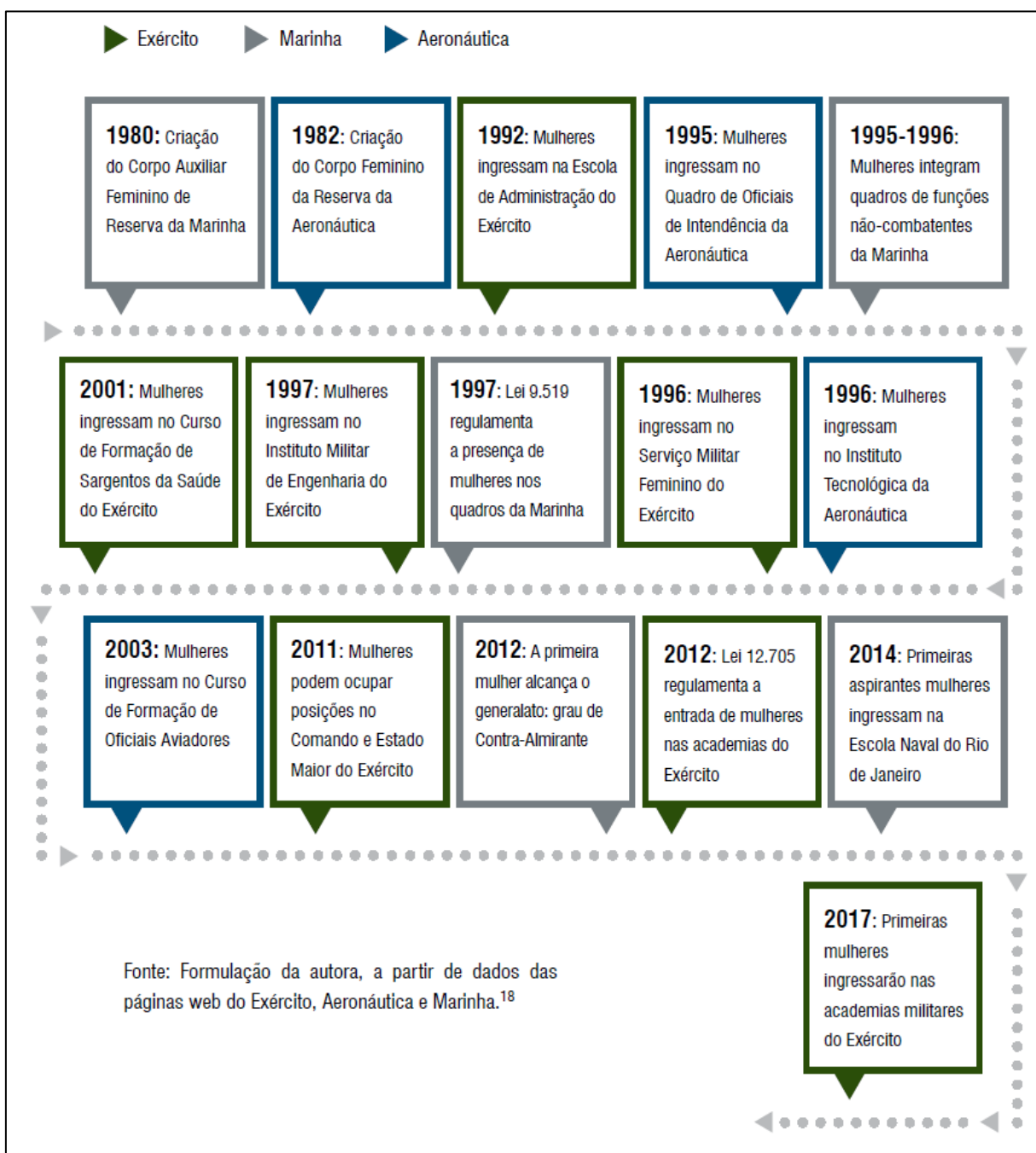


FIGURA 17 - Evolução da presença feminina nas forças armadas

Fonte: GIANNINI, 2014

Cabe analisar que nossa sociedade atual exige uma maior presença das mulheres nos mais diversos setores da sociedade. Não sendo diferente para o EB, que em 2017, iniciou a formação de oficiais combatentes de carreira do gênero feminino. Em breve, essas mulheres ocuparão cargos importantes na linha combatente do Exército.

A presença brasileira no Haiti foi uma experiência de combate muito rica, a qual permitiu ao longo dos 13 anos, a realização de diversas pesquisas e estudos. Alguns dos estudos foram relacionados a presença de militares femininas na MINUSTAH, conforme o gráfico a seguir.



GRÁFICO 02 – Mulheres militares na MINUSTAH (2007 -2017)

Fonte: Ministério da Defesa (2007–2008); Departamento de Operações de Paz (2009-2017) apud GIANNINI (2014)

Ainda que não tão expressivo, o número de mulheres da missão foi uma crescente na missão de paz. Em 2004, no início da missão não havia mulheres, permanecendo assim até 2007, quando se percebeu a real necessidade de empregá-las. Ao término da missão em 2017, havia 19 mulheres, representando 2% do total da missão.

Segundo Giannini (2014), o preparo anterior ao desdobramento foi aperfeiçoado, estendendo o convite a profissionais civis para ministrar e aperfeiçoar os módulos sobre gênero, a exemplo daqueles sobre abuso e exploração sexual; mulheres, paz e segurança; e violência sexual em conflito.

O gráfico anterior representa não somente a missão de paz da MINUSTAH, mas uma tendência para os próximos empregos do EB em missões reais. O aumento

da presença feminina é uma necessidade e uma realidade, com isso diversos aspectos precisam ser revistos incluindo os de preparação, principalmente a psicológica adequando-se a nova realidade. Os gráficos a seguir representam o aumento e a presença feminina nas forças armadas.

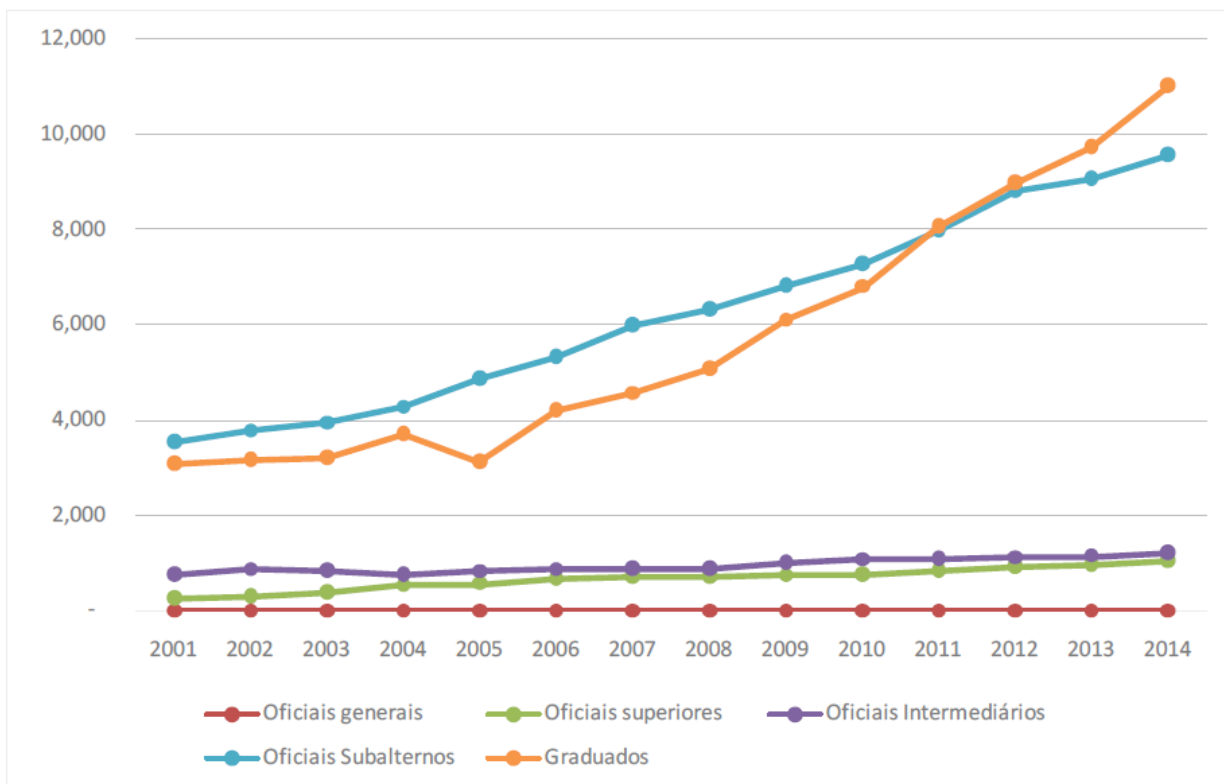


GRÁFICO 03 – Mulheres nas Forças Armadas Brasileiras de 2001 a 2014.

Fonte: Ministério da Defesa apud GIANNINI, 2014.

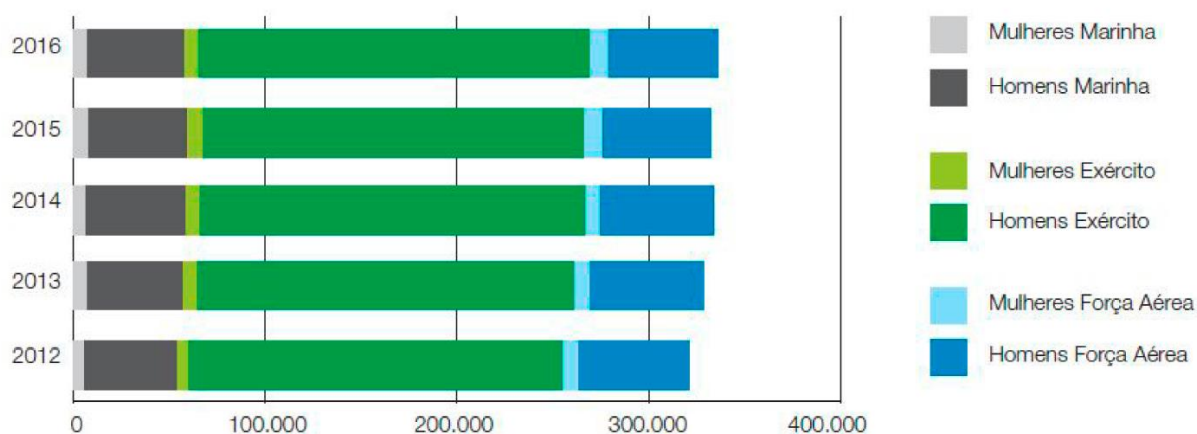


GRÁFICO 04 – Efetivo das Forças Armadas do Brasil, por sexo (2012-2016)

Fonte: ARAÚJO, 2018.

A sociedade brasileira, de modo geral, não está acostumada a aceitar, facilmente, as perdas de militares em combate. Nota-se que em razão do próprio emprego reduzido em combate do EB, a sociedade não se depara com muita frequência com a morte de militares. Com isso, em razão da atenção e preocupação com as mulheres de modo geral, fica a dúvida de como será essa aceitação social, quando forem mais frequentes as mortes de militares do sexo feminino em combate. Cabe uma análise psicológica da sociedade e dos militares para as mortes de militares do sexo feminino.

A morte de mulheres em combate é mais recorrente nos Estados Unidos da América, contudo, são fatores extremamente negativos para o psicológico dos militares, quando em combate. Ainda que se saiba que a guerra não escolhe gêneros é muito mais complicado aceitar a morte de uma mulher à de um homem. Mesmo após anos de emprego em combate o Exército Americano ainda não vê de igual maneira a morte de gêneros distintos. Como apresenta o texto a seguir de 2011:

Quando Devin Snyder, 20 anos, do sul do Estado de Nova York, foi morta por uma bomba enterrada em uma estrada perto desta cidade no leste da Província de Laghman no dia 4 de junho, ela se tornou a 28 soldada americana a morrer no Afeganistão.

Mulheres militares morreram em todas as guerras americanas, mas geralmente elas estavam entre a equipe de apoio, como enfermeiras e atendentes. No Afeganistão, a maioria das mulheres que morreu estava em situação de combate, como Snyder, apesar da proibição oficial dos militares de que mulheres assumam posições de combate.

O mesmo tem acontecido no Iraque, onde 111 soldadas já morreram, segundo dados compilados pelo icasualties.org, uma organização independente que monitora fatalidades militares. Em ambas as guerras, 60% dessas mortes são classificadas pelos militares como devido a atos hostis. Guerras sem front definido colocam as mulheres mais do que nunca em perigo, dificultando a separação entre os trabalhos de combate, que são proibidos para as mulheres, e os trabalhos de apoio, que são muitas vezes tão perigosos ou mais.

Talvez a coisa mais notável sobre a morte de Snyder, no entanto, tenha sido como ninguém percebeu que havia algo incomum nisso. "Aqui fora, não há sexo masculino e sexo feminino", disse o sargento Vincent Vetterkind, um de seus companheiros de pelotão. "Nosso gênero é soldado." Enquanto ainda há um debate nos Estados Unidos sobre o papel das mulheres no serviço militar, no campo a batalha ele parece ter sido em grande parte ganho, ainda que em silêncio, com as mulheres cada vez mais correndo os mesmos riscos que os homens. (NORLAND, 2011)

3 METODOLOGIA

Esta etapa do trabalho tem por finalidade apresentar, detalhadamente, o caminho a percorrer para solucionar o problema de pesquisa. Buscou-se especificar os procedimentos necessários para se chegar aos participantes de operações de GLO em áreas urbanas, no período compreendido desde a operação São Francisco até os dias atuais, no estado do Rio de Janeiro.

Buscou-se também obter as informações de interesse e analisá-las, contemplando a escolha do espaço do estudo, a seleção do grupo de pesquisa, o estabelecimento dos critérios de amostragem, como também a definição de instrumentos e procedimentos para análise dos dados. Para um melhor encadeamento de ideias, esta seção é dividida nos seguintes tópicos: objeto formal de estudo, amostra e delineamento de pesquisa.

3.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO

O presente estudo visa analisar a preparação psicológica dos militares EB, com enfoque nas contribuições advindas das operações militares nas comunidades do Rio de Janeiro.

Este estudo considerou como parâmetro as melhores práticas do 1º Batalhão de Forças Especiais (1º BFEsp) o emprego em ambiente urbano, as opiniões de militares possuidores do curso de Forças Especiais que atuaram em operações de cooperação e coordenação com agências, outras organizações militares, bem como opiniões oficiais e sargentos do Exército que integraram pequenas frações convencionais de combate. No período compreendido entre a operação São Francisco (2014 e 2015) e o término da intervenção federal no estado do Rio de Janeiro (2018). Para tanto, o estudo se limitou ao consentimento voluntário de participação por parte dos militares a partir de seus conhecimentos e suas experiências adquiridas.

3.1.1 Alcances e limites

O estudo tem enfoque na parte de psicologia de combate militar. Nos fatores que contribuem para uma melhor preparação psicológica para o combate de alto risco e para o enfrentamento de novas ameaças do combate irregular.

Para isso serão estudadas operações militares que envolveram alto risco aos seus envolvidos. Englobam-se nesse contexto, militares participantes das operações São Francisco, iniciada em 2014, até o término da Intervenção Federal no estado do Rio de Janeiro, ano de 2018.

Além disso, serão alvos de estudo militares de diversos postos e graduações participantes das operações em questão. Desde militares forças especiais, que por formação, possuem uma seleção e preparação maior na parte psicológica, até militares, não operadores especiais, que participaram dessas operações recém regressos das escolas de formação.

O estudo será limitado ao ambiente operacional do estado do Rio de Janeiro. No que tange, basicamente, ao combate urbano. Pois, na atualidade, trata-se de uma das áreas mais complexas e de alto risco para o emprego militar, do Exército Brasileiro.

O trabalho será restrito aos aspectos atinentes à preparação para o combate. Não abordará, portanto, análise ou estudo de efeitos pós combate. Esses serão utilizados apenas como dados, para que se possa analisar, de uma melhor maneira, a preparação para o emprego real.

3.1.2 Definição conceitual de variáveis

Foram identificadas duas variáveis envolvidas no presente estudo. A variável I, considerada a variável independente, que se trata do **emprego do EB em comunidades do Rio de Janeiro**, tendo em vista que se espera um efeito significativo de sua manipulação sobre a variável dependente. E a variável II, que representa a variável dependente, trata-se do **preparo para o enfrentamento de ameaças futuras**.

Variável I: Emprego do EB em comunidades do Rio de Janeiro.

Para essa pesquisa, entende-se como o emprego do EB, todo o desdobramento real de tropas no interior de comunidades do Rio de Janeiro com propósito de enfrentamento de ameaças. Ou seja, militares expostos a um ambiente não controlado, incerto que dependam de seus conhecimentos militares para solucionar um problema específico.

Variável II: Preparo para o enfrentamento de ameaças futuras.

Nesse estudo o preparo está relacionado a todas as atividades de cunho militar, que visam preparar militares tecnicamente ou psicologicamente para fazer frente às

ameaças demandadas. A preparação pode variar de acordo com a necessidade ou nível de ameaça, antevendo-se situações de provável emprego e provendo maneiras de enfrentá-lo.

3.1.3 Definição operacional das variáveis

Nos quadros a seguir estão representadas das variáveis independente e dependente:

	Dimensão	Indicadores	Forma de medição
Variável I: Emprego do EB em comunidades do Rio de Janeiro	Operacional	Número de Op GLO	Consulta bibliográfica/documental
		Tempo permanecido nas comunidades	Consulta bibliográfica/documental
		Formas de emprego	Consulta bibliográfica/documental

QUADRO 3: Variável independente

Fonte: o autor

	Dimensão	Indicadores	Forma de medição
Variável II: Preparo para o enfrentamento de ameaças futuras	Psicomotor	Foram gerados problemas em razão do preparo	Consulta bibliográfica/documental e Entrevista
		Efetividade	Consulta bibliográfica/documental
		Formas de Adestramento	Consulta bibliográfica/documental / Entrevista
		Desempenho nas Atividades	Questionário/Entrevista

	Afetivo/ Psicológico	Autoconhecimento	Consulta bibliográfica/documental Questionário / Entrevista
		Confiança	Questionário/Entrevista
	Cognitivo	Desempenho de suas atribuições específicas	Questionário/Entrevista

QUADRO 4: Variável dependente

Fonte: o autor

3.2 AMOSTRA

A amostragem foi composta por oficiais e praças que serviram ou servem no 1º BF Esp ou no 1º Batalhão de Ações de Comandos (1º BAC) possuidores do curso de Forças Especiais que atuaram em operações GLO no Rio de Janeiro, bem como oficiais e praças do Exército que integraram pequenas frações convencionais de combate. Especificamente, no período compreendido entre a operação São Francisco (2014 e 2015) e o término da intervenção federal no estado do Rio de Janeiro (2018).

Dessa maneira a pesquisa conta com dois grupos. Militares de operações especiais, compondo o grupo A e militares pertencentes as organizações militares convencionais, compondo o grupo B.

O universo do grupo A, compõe militares de operações especiais de dois batalhões distintos, no entanto, para o emprego operacional nas operações supracitadas adotaram uma Força Tarefa comandada pelo 1º BF Esp. A delimitação do grupo A foi baseada no efetivo operacional desse batalhão. O intuito da divisão em dois grupos distintos se dá ao fato de que será realizada uma comparação entre os dois grupos, tendo como base de comparação o grupo A.

OM valor unidade de Forças Especiais operacionais	1 OM
Quantidade de SU FEsp ativas no 1º BF Esp	2 SU a 2 DOFEsp cada uma
Operadores de Forças Especiais em atividade	4 DOFEsp com 4 Of e 8 praças cada. Totalizando 48 operadores.
População	48 militares
Nível de confiança desejado	95%
Margem de erro admitida	5%
Distribuição da população	Mais homogênea (80/20)
Tamanho da amostra para pesquisa (calculadora amostral)	41
Efetivo para teste de questionário	10% da amostra (4 militares)
Perfil desejável dos oficiais participantes	Of integrantes/ex-integrantes de DOFEsp, Cmt SU ou EM de OM Op Esp com experiências em combate urbano
Perfil desejável das praças participantes	Sgt (3º Sgt ,2º Sgt, 1º Sgt, ST) integrantes/ex-integrantes de DOFEsp com experiências em combate urbano

QUADRO 5: Cálculo de amostra do grupo A

Fonte: o autor (<https://comentto.com/calculadora-amostral/>) – acesso em 28/05/2020

O universo do grupo B, trata-se de militares (oficiais e sargentos) não operadores especiais, das seis organizações militares de infantaria da região da vila militar do Rio de Janeiro, que atuaram nas comunidades do Rio de Janeiro ente 2014 e 2018. Entende-se desse grupo que são os militares mais empregados no contexto dessas operações, tendo em vista que, apesar de terem sido empregadas outras unidades de outros lugares, os militares da Vila Militar do Rio de Janeiro, estavam sendo empregados durante todo o período, com isso possuem um conhecimento maior sobre o ambiente operacional. Procurou-se trabalhar apenas com oficiais e sargentos, pois de modo geral são os que conduzem os treinamentos da tropa, além de serem possuidores de uma visão e conhecimentos mais amplos sobre as necessidades do preparo e sobre as características de seus subordinados. Para a

delimitação da população adotou-se como base os batalhões de infantaria existentes na cidade do Rio de Janeiro, totalizando seis organizações militares, que possuem os efetivos mais atuantes nas operações consideradas.

Btl Inf na cidade do Rio de Janeiro	6 OM
Composição de cada Btl Inf	3 SU a 3 Pelotões de fuzileiro, cada Pel com 3 Grupos de Combate (GC)
Instrutores de corpo de tropa que comandam frações em cada Btl.	3 Cap Cmt SU, 9 Of subalternos Cmt Pel e 27 praças Cmt GC
População	(18 Cap Cmt SU, 54 Of subalternos Cmt de Pel, 54 Sgt Adjuntos de Pel e 162 Sgt Cmt GC = 288)
Nível de confiança desejado	95%
Margem de erro admitida	5%
Distribuição da população	Mais homogênea (80/20)
Tamanho da amostra para pesquisa (calculadora amostral)	133 militares
Efetivo para teste de questionário	10% da amostra (13 militares)
Perfil desejável dos oficiais participantes	Of (Asp Of, 2º Ten, 1º Ten e Cap) que já desempenharam a função em Op GLO
Perfil desejável das praças participantes	Sgt (1º Sgt, 2º Sgt e 3º Sgt) que já desempenharam a função em Op GLO

QUADRO 6: Cálculo de amostra do grupo B

Fonte: o autor (<https://comentto.com/calculadora-amostal/>) – acesso em 28/05/2020

3.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA

O delineamento de pesquisa teve, inicialmente, fases de levantamento e seleção da bibliografia, leitura analítica e fichamento das fontes. Além disso, esta pesquisa foi desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, documentos, regulamentos, normas e manuais. De acordo com o objetivo geral, o estudo foi descritivo, visando a estabelecer relações

entre as variáveis estudadas. Já quanto ao seu método, foi utilizada a modalidade indutiva, pois programa-se concluir aspectos genéricos a partir de resultados particulares. E, quanto à natureza, a execução da investigação foi de característica aplicada, pois os conhecimentos nela adquiridos permitirá aperfeiçoar o adestramento de tropas convencionais para o seu emprego em operações de GLO em ambiente urbano ou futuros combates do EB com outros nações.

Posteriormente, foi elaborado um questionário, com o intuito de reunir conhecimentos e opiniões relativas às formas de preparação para emprego real.

Quanto à forma de abordagem do problema, a pesquisa, foi qualitativa, em alguns aspectos quantitativa porque as informações colhidas nos questionários, relacionadas à revisão de literatura, se constituíram de uma investigação cuja interpretação foi uma análise comparativa de gráficos.

Buscou-se explorar os conhecimentos de outros autores sobre o tema e ainda as experiências de oficiais e sargentos dos batalhões de infantaria da vila militar com experiência nas operações das comunidades do Rio de Janeiro. Buscou-se contato com psicólogos ligados a parte de Neurociência e de preparo de tropas para missão, basicamente, pessoal especializado do Centro de Psicologia Aplicada de Exército e do Instituto de Pesquisa da Capacitação Física de Exército. Buscou-se ainda aproveitar os conhecimentos de militares operadores de forças especiais, cuja experiência em operações reais é grande, totalizando dois capitães e um coronel.

Com isso pretendeu-se ampliar os conhecimentos do estado atual de preparo psicológico da tropa, os conhecimentos do que já foi feito em outros países para desenvolver a capacidade psicológica operacional e ainda propor formas de desenvolvê-la baseado nas referências bibliográficas e no pessoal especializado da área psicológica e operacional.

3.3.1 Procedimento para revisão da literatura

A seleção das fontes de pesquisa teve fundamentação em publicações de autores de reconhecida importância em relação ao assunto em documentos nacionais e internacionais.

Para a definição de termos, a organização do método, a redação da Revisão da Literatura e a estruturação de um modelo teórico analítico, que viabilizou a solução do problema de pesquisa, foi realizada a revisão de literatura nos seguintes moldes.

3.3.1.1 Fontes de busca

As fontes de busca foram constituídas de documentos, tanto nacionais quanto estrangeiros:

- a. Manuais militares de operações especiais do Exército Brasileiro;
- b. Manuais de Campanha do Exército Brasileiro e dos Estados Unidos da América;
- c. Manuais militares de operações especiais dos Estados Unidos da América;
- d. Dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso e artigos científicos sobre adestramentos, técnicas táticas e procedimentos, preparação psicológica;
- e. Relatórios de operações do 1º Batalhão de Forças Especiais;
- f. Artigos científicos das principais revistas de assuntos militares;
- g. Notas de aulas brasileiras de cursos e estágio que abordem o tema;
- h. Livros publicados por civis e militares.

3.3.1.2 Estratégia de busca para a base de dados eletrônica

Foram utilizados os seguintes termos que descrevem a intenção de busca: “lições aprendidas em operações militares, técnicas táticas e procedimentos, preparação psicológica para o combate, melhorar práticas no combate urbano”, respeitando as peculiaridades de cada base de dados. Além disso, após a pesquisa eletrônica, foram revisadas as referências bibliográficas dos estudos considerados relevantes, no sentido de encontrar artigos não localizados na referida pesquisa.

3.3.1.3 Critério de inclusão

Foram incluídos os seguintes documentos, tanto nacionais quanto estrangeiros:

- a. Estudos publicados em português, inglês ou espanhol;

- b. Estudos publicados de 2004 a 2019;
- c. Relatórios de missões em Op GLO no período entre 2014 e 2019 sem classificação sigilosa;
- d. Estudos qualitativos que descrevem experiências em conflitos contemporâneos que tratam das causas e efeitos psicológicos do combate;
- e. Estudos estrangeiros que versam sobre preparação psicológica para o combate.

3.3.1.4 Critérios de exclusão

- a. Estudos que não trataram essencialmente sobre a parte operacional do combate.
- b. Estudos sobre tropas de países cuja experiência em combate em ambiente urbano era pouco expressiva.
- c. Questionários cujos participantes não tenham experiência em operações de combate urbano.

3.3.2 Instrumentos

Foram elaborados um questionário, uma entrevista e um pré-teste cujos objetivos consistem em mensurar as variáveis e, especialmente, em determinar se a eficiência e o preparo para operações nas comunidades do Rio de Janeiro podem servir como base para evolução no Exército no enfrentamento de ameaças futuras. O principal objetivo será mensurar, tanto de forma qualitativa como de quantitativa, fatores que influenciam diretamente as variáveis estabelecidas.

3.3.1.5 Questionário

Os militares foram selecionados de acordo com suas experiências e seus conhecimentos a respeito do tema para avaliarem, de forma significativa, as questões levantadas, contribuindo de maneira pragmática com a natureza deste estudo.

As perguntas do questionário tiveram a intenção de verificar a necessidade de adequações ou não no preparo da tropa, no que tange a preparação psicológica.

3.3.1.6 Entrevista

Com relação às entrevistas exploratórias, convidou-se dois oficiais, operadores especiais, com vasta experiência em missões reais, principalmente nas comunidades do Rio de Janeiro, Cap Emmanuel e Cap Demétrius. No intuito de aprofundar a parte de psicologia, convidou-se duas doutoras com experiência na parte de neurociência e um psicólogo do CPAEx que realiza um trabalho de mestrado ligado a parte de preparo psicológico. No intuito de obter uma visão geral sobre o assunto, convidou-se o Cel Alessandro Visacro, militar com grande experiência no comando de tropa de operações especiais no Rio de Janeiro. O objetivo foi entrevistar militares com vasta experiência de emprego em GLO. Os militares possuidores do curso de forças especiais contribuíram para a obtenção de dados mais precisos a respeito de sua preparação psicológica, os dados serviram de base de comparação aos demais.

A entrevista teve como intenção, verificar o tipo de preparação que foi feita para o emprego em missões reais, se houve algum tipo de preparação psicológica e ainda se, durante o combate, o militar percebeu em si ou em outrem a necessidade dela. Teve o intuito, também, de levantar percepções individuais a respeito da necessidade de uma preparação psicológica.

3.3.1.6.1 *Entrevista com o Cap Emmanuel Merlin Pinheiro*

O Cap possui a especialização de forças especiais e grande experiência em experiências de Op GLO e em Combate Urbano. Em sua entrevista aponta que a degradação psicológica de um militar pode dificultá-lo a desempenhar funções básicas, relacionadas a liderança e a tomada de decisões. Em sua experiência profissional pôde trabalhar com diversas tropas e observar comportamentos relacionados ao despreparo psicológico de algumas delas. Citou exemplo em que um Cmt de fração em uma situação de risco, permaneceu imóvel por alguns minutos, deixando sua tropa sem saber o que fazer. Apontou que na mesma situação houve forte exclusão auditiva de uns dos motoristas de viatura blindada, também por conta da situação psicológica.

Em outras situações presenciou o desencadeamento de diversos disparos sem controle e sem coordenação, forma bastante comum de aliviar a pressão psicológica de uma situação de risco. Apontou uma situação de particular, em que apresentou forte ansiedade, a qual foi controlada pela sua ação consciente de uma conversa consigo mesmo e controle da respiração.

Segundo ele, na seção de instrução especial da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), tem sido desenvolvido um trabalho e uma experimentação no emprego de técnicas de controle emocional, que consistem em foco no objetivo, visualização mental, conversa consigo mesmo e controle da respiração. Essas técnicas têm se mostrado eficazes, segundo ele.

3.3.1.6.2 *Entrevista com o Cap Demétrius Alberto Azedo De Melo*

Demétrius é capitão, forças especiais, com grande experiência em GLO e operações especiais. Segundo ele, a necessidade da aceitação da morte como hipótese de trabalho é real, para que um militar desempenhe bem suas atribuições em determinada missão. Para isso, acredita que o equilíbrio emocional deva iniciar desde as escolas de formação e nos diversos adestramentos. Há uma necessidade de se realizarem melhorias na capacitação, principalmente, em momentos de baixas durante a execução de alguma operação. É comum um aumento no nível da agressividade quando existe dificuldade de cessar alguma ameaça. Essa atitude por vezes gerava uma inobservância de aspectos relacionados a própria segurança.

Acredita que a capacidade psicológica de modo geral é deficiente, contudo, pode ser desenvolvida em adestramentos de modo a diminuir os impactos emocionais do combate. Apontou algumas formas de preparação como: Aceitação do risco, adestramentos em simuladores, instruções de saúde, adestramento cultural, plano de apoio familiar em caso de falecimento e assistência religiosa.

3.3.1.6.3 *Entrevista com o Coronel Alessandro Visacro*

Apontou que em diversas oportunidades de sua carreira pôde verificar o despreparo de tropas no que tange ao preparo psicológico. Situações de exagero por parte da tropa ou situações em que recuou quando na verdade deveria agir ofensivamente, são exemplos de despreparo, principalmente, relacionado a parte psicológica. Alguns erros, inclusive, comprometeram a dimensão informacional, com a mídia explorando o despreparo da tropa. Em sua vida operacional, nunca soube trabalhar o psicológico de seus subordinados, preparando-os psicologicamente ou deixando-os em condições de gerenciar suas características psicológicas.

Quanto aos treinamentos, citou que, atualmente, são realizados de forma totalmente empírica. São realizados por uma maneira, institucionalizada, de se

replicar o que foi já feito. Sem, contudo, se saber o real motivo pelo qual está se fazendo, sem qualquer tipo de acompanhamento visando melhorar o comportamento e evitar que ele se repita em uma situação semelhante.

3.3.1.6.4 *Entrevista com Dra. Émille Burity Dias*

Foi apresentado que a melhor maneira de iniciar o preparo da parte psicológica, é com instruções teóricas de como as situações de estresse e o medo podem afetar o ser humano. Tornar a pessoa autossuficiente na identificação de suas reações é de extrema importância para o prosseguimento da parte prática. Visando iniciar os treinamentos de maneira gradual é interessante começar os treinamentos de maneira individual, de modo que cada militar possa identificar suas reações em uma situação de tensão.

No que tange aos treinamentos citou a importância de treinamentos realísticos. A aproximação da realidade facilitará a assimilação e seu emprego em uma situação real. Treinamentos devem ter movimento e desencadear a reação de não querer errar. Torná-los o mais consciente possível, não apenas mecânicos, empregando adversidades, raciocínio, como alvos diferentes e com cores diferentes, buscando desenvolver por exemplo a memória e a capacidade perceptiva. Utilizar ambientes distintos, fora do estande de tiro, não necessariamente para atirar, mas para desenvolver o raciocínio, perguntando por exemplo como a pessoa agiria em determinada situação ou se ela deve atirar ou não. Situações em que, por exemplo, o militar precise sacar sua arma antes de seu companheiro, estando os dois de frente um ao outro, pode gerar a pressão psicológica para um treinamento simples de saque de arma. De maneira geral, os treinamentos devem buscar desenvolver uma exposição gradativa a situações estressoras, de forma que uma pessoa possa reagir sem exigi-la demais psicologicamente, para que, por exemplo, uma pessoa que teria o potencial de desempenhar uma atividade de risco, não seja exposta demasiadamente a ponto de não querer mais realizar a atividade ou sentir um receio muito grande ao realizá-la.

3.3.1.6.5 *Entrevista com Filipe Carvalho Tolentino*

É 1º Ten QCO – Psicologia, atualmente, trabalha no Centro de Psicologia Aplicada do Exército (CPAEx), localizado no Centro de Ensino e Pesquisa (CEP).

Segundo ele, no que tange ao preparo psicológico, existe apenas um Estágio de Preparo Militar Psicológico (EPMP), para militares designados para missão no exterior, cujo foco é aumentar os recursos para lidar com situações de estresse e confinamento. Não existe atuação em adestramentos específicos de preparo psicológico, na rotina nem em preparação para Op GLO. De acordo com sua experiência, julga que a capacidade psicológica dos militares está aquém do que poderia ser e que as experiências obtidas pelos militares do EB nas comunidades do Rio de Janeiro não caracterizam a realidade da guerra. Cita ainda que nenhum ser humano está em plenas condições de vivenciar um cenário de guerra, o qual necessita desenvolver algumas habilidades para suportar as situações estressoras por mais tempo e ainda diminuir a quantidade de baixas por razões psiquiátricas e psicológicas.

Acredita que um treinamento específico pode ser bastante útil, expondo, gradualmente, os militares as situações mais reais possíveis.

3.3.1.7 Pré-teste

A fim de levantar-se possíveis falhas de elaboração da pesquisa, dúvidas durante sua execução e, principalmente, determinar a clareza dos instrumentos utilizados, foi realizado um pré-teste aos questionários dos grupos A e B.

3.3.3 Análise de dados

Na revisão de literatura que abordou o estudo em questão, a análise foi estritamente qualitativa, tendo em vista a subjetividade dos dados observados.

Entretanto, os questionários foram analisados por meio de um tratamento qualitativo e quantitativo, sendo o último por procedimentos estatísticos a partir das respostas. A apresentação dos resultados foi executada por meio de recursos gráficos estatísticos, redação de uma conclusão parcial fundamentada em citações e, finalmente, dados estatísticos provenientes dos questionários.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta etapa do trabalho serão apresentados os resultados de todas as fontes de busca: Revisão bibliográfica, questionários da amostra A e B e entrevistas com especialistas.

A fim de facilitar a apresentação e o entendimento esta parte será dividida em dois outros tópicos: Aspectos observados nos questionários e aspectos observados nas entrevistas. A apresentação dos resultados obtidos por meio das pesquisas bibliográficas estará distribuída nesses dois tópicos, com o objetivo de agrupar todas as ideias sobre cada assunto em um único momento, permitindo constatações mais claras e objetivas.

Ao final de cada subdivisão chegou-se a uma conclusão parcial sobre as informações observadas e como essas informações se relacionam com os objetivos específicos, as questões de estudos e com as dimensões operacionais das variáveis definidas na pesquisa.

4.1 ASPECTOS OBSERVADOS A PARTIR DOS QUESTIONÁRIOS

A seguir serão apresentados os dados obtidos em cada uma das perguntas do questionário, elucidando a significado e relevância dos números obtidos.

A pergunta a seguir buscou verificar a necessidade de uma adequação dos treinamentos em razão das constantes mudanças dos cenários nos combates atuais. Levando em consideração a guerra de 4ª geração, em um ambiente de forte atuação da dimensão informacional.

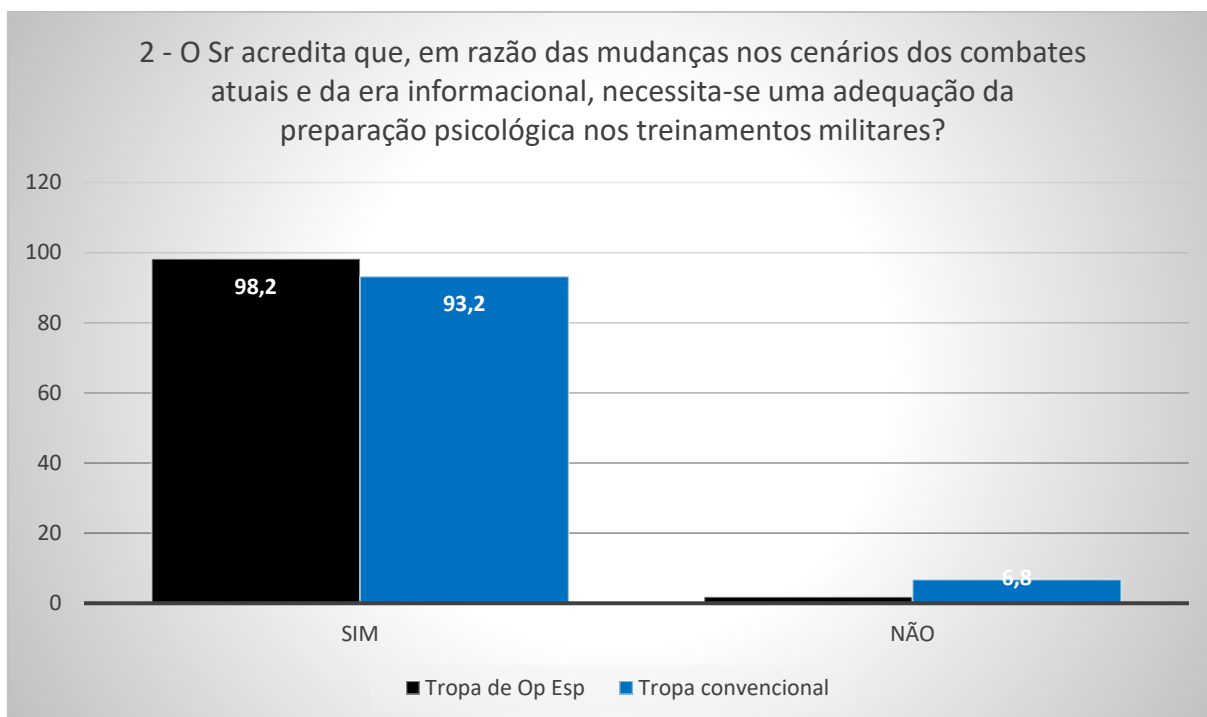


GRÁFICO 05 – Pergunta número 02 (dois) do questionário.

Fonte: o autor

A realidade dos combates atuais possui características como a volatilidade, em que o ambiente se altera muito facilmente, de uma aparente estabilidade para uma situação além do controle dos militares. A incerteza presente na dificuldade de identificar as ameaças e na efetividade das ações para a solução do problema. A complexidade da atuação em um ambiente onde a dimensão humana deve ter prioridade, e qualquer atitude pode ter um fecho muito mais complexo do que se imaginou durante o planejamento, pela atuação dos meios de informação. A ambiguidade em que situações possam parecer corretas e ao mesmo tempo incorretas, em que participantes, ora são ameaças, ora são primordiais para a consecução dos objetivos.

Isto posto, viu-se que a grande maioria, mais de 90% em ambos os questionários, acredita que se deve ter uma adequação da preparação psicológica dos militares. O ambiente mudou, as necessidades são outras, com isso a preparação assim também o deve ser. A guerra na era da informação não admite mais erros que outrora eram recorrentes, não admite mais procedimentos de uma guerra ultrapassada.

A pergunta a seguir, buscou identificar se há algum treinamento especificamente voltado para a preparação psicológica. O intuito era analisar, também, quais os tipos

de treinamentos feitos. Os cursos operacionais têm em sua grade curricular, aspectos ligados ao desenvolvimento da área afetiva, exigindo o militar psicologicamente, para pensar e agir em condição de estresse, ainda que não tenha a melhor decisão. Os objetivos dos treinamentos de preparo psicológico visam desenvolver a resiliência mental, gradualmente, de forma que o militar tome a melhor decisão para uma situação e não apenas tome uma decisão qualquer.

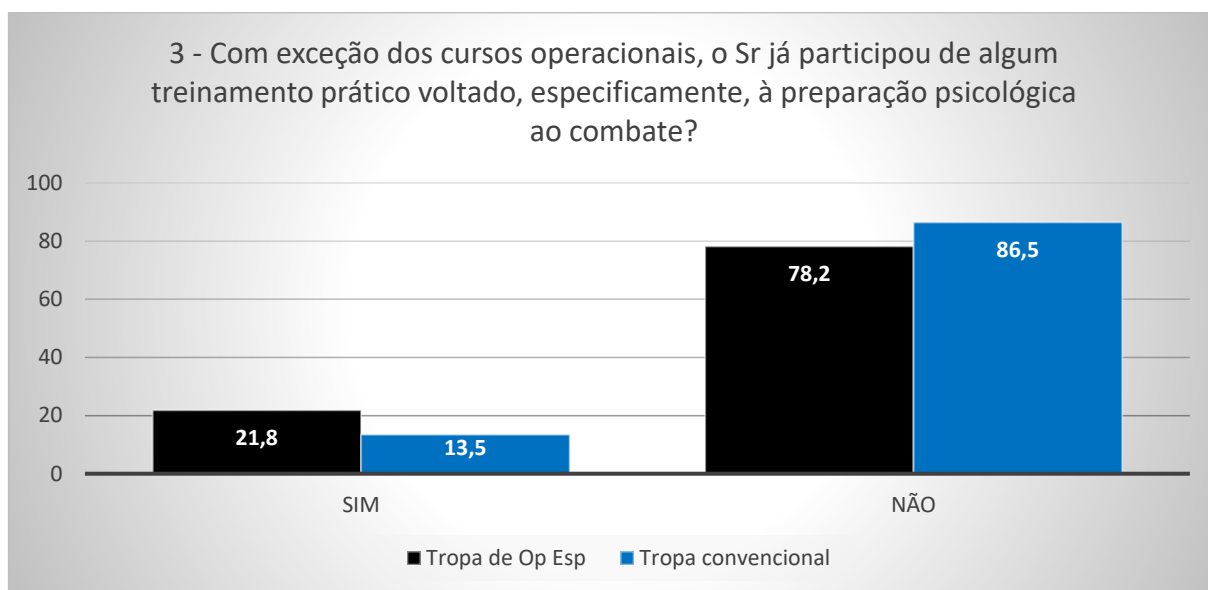


GRÁFICO 06 – Pergunta número 03 (três) do questionário.

Fonte: o autor

O gráfico demonstra que a maioria das pessoas nunca realizaram treinamentos específicos para o desenvolvimento de sua capacidade psicológica. Cabe salientar que, atualmente, esse tipo de treinamento, quando é feito, trata-se de um efeito secundário a um outro, cujo foco não é a parte psicológica. Uma minoria respondeu que já participou de treinamentos. Os tipos de treinamentos foram pouco variados sendo que a maior parte deles foi relacionado a uma preparação para missão de paz. Exemplos de treinamentos apresentados:

- Preparação para missão de paz no Haiti
- Dinâmicas de grupo no Centro de Psicologia Aplicada do Exército - CPAEx
- Pista de tiro sob estresse
- Treinamentos voltados para a identificação da resposta fisiológica individual em diferentes situações de estresse

Analisando maioria das respostas, permite-se identificar que o entendimento da preparação psicológica tem uma concepção antiga, na qual não se simula na plenitude as situações de combate, conforme apresentado na revisão bibliográfica deste trabalho.

A maioria dos militares participa de uma ou duas vezes de missão de paz, com isso os treinamentos nessa situação são bastante exíguos. As pistas de tiro sob estresse podem ser bons treinamentos, desde que conduzidas da maneira correta. Contudo, pistas de tiro não simulam adequadamente o combate, já que o sistema nervoso simpático não entra na situação de luta ou fuga, ou seja, o corpo exige um descanso, o medo não se faz presente.

A pergunta a seguir buscou identificar a qualidade dos treinamentos e se a maneira como são conduzidos, atualmente, são efetivos para o emprego real. Sabe-se que a morte de um militar em combate pode afetar todos ao redor, devendo o militar estar preparado e ciente de que isto pode acontecer.

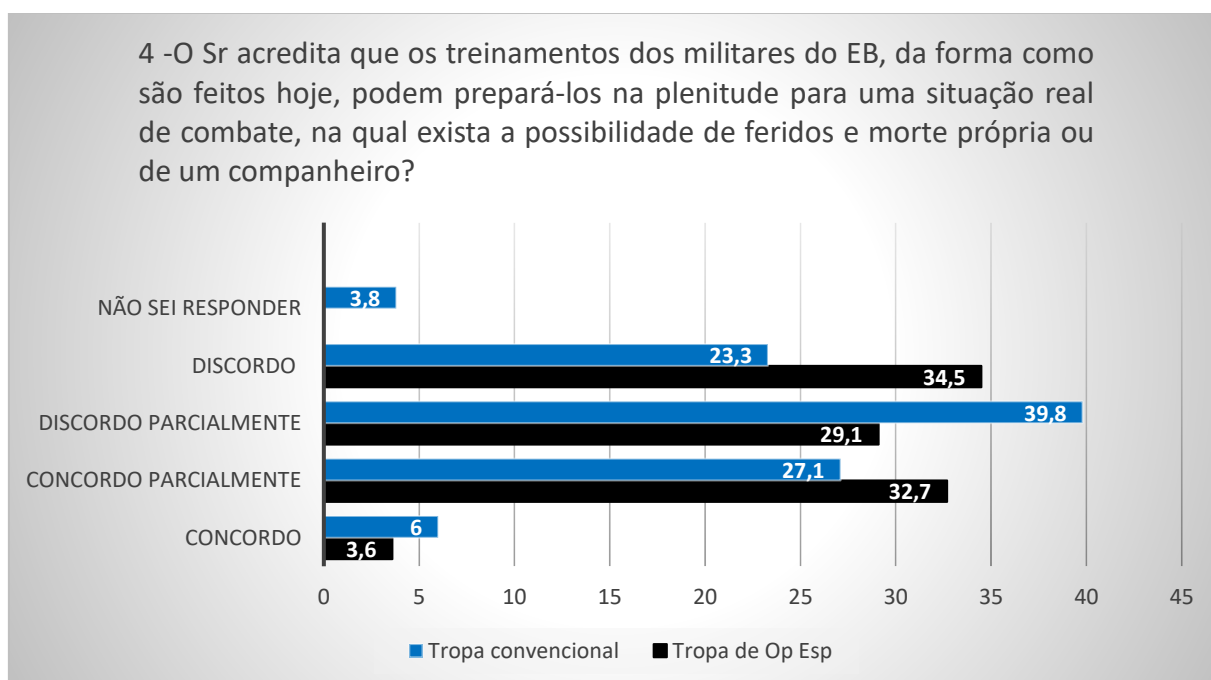


GRÁFICO 07 – Pergunta número 04 (quatro) do questionário.

Fonte: o autor

Pode-se observar acima que a maioria discorda, que os treinamentos podem preparar os militares na plenitude, ou seja, falta na realidade algum complemento durante os treinamentos que possa prepará-los de uma maneira mais eficaz para o medo da morte. Ainda que alguns tenham participado de treinamentos com esse fim,

não são conduzidos adequadamente, já que não traduzem na confiança do preparo para uma situação em combate real.

A próxima pergunta visou identificar a atuação do sistema nervoso, durante situação de estresse. Sabe-se que todos os seres humanos em situações dessa natureza apresentarão reações fisiológicas, não sendo incomum a presença de mais de uma reação. Algumas delas, em razão da própria situação, não são identificadas de imediato, exigindo uma análise pós-ação, para que o militar saiba que as apresentou.

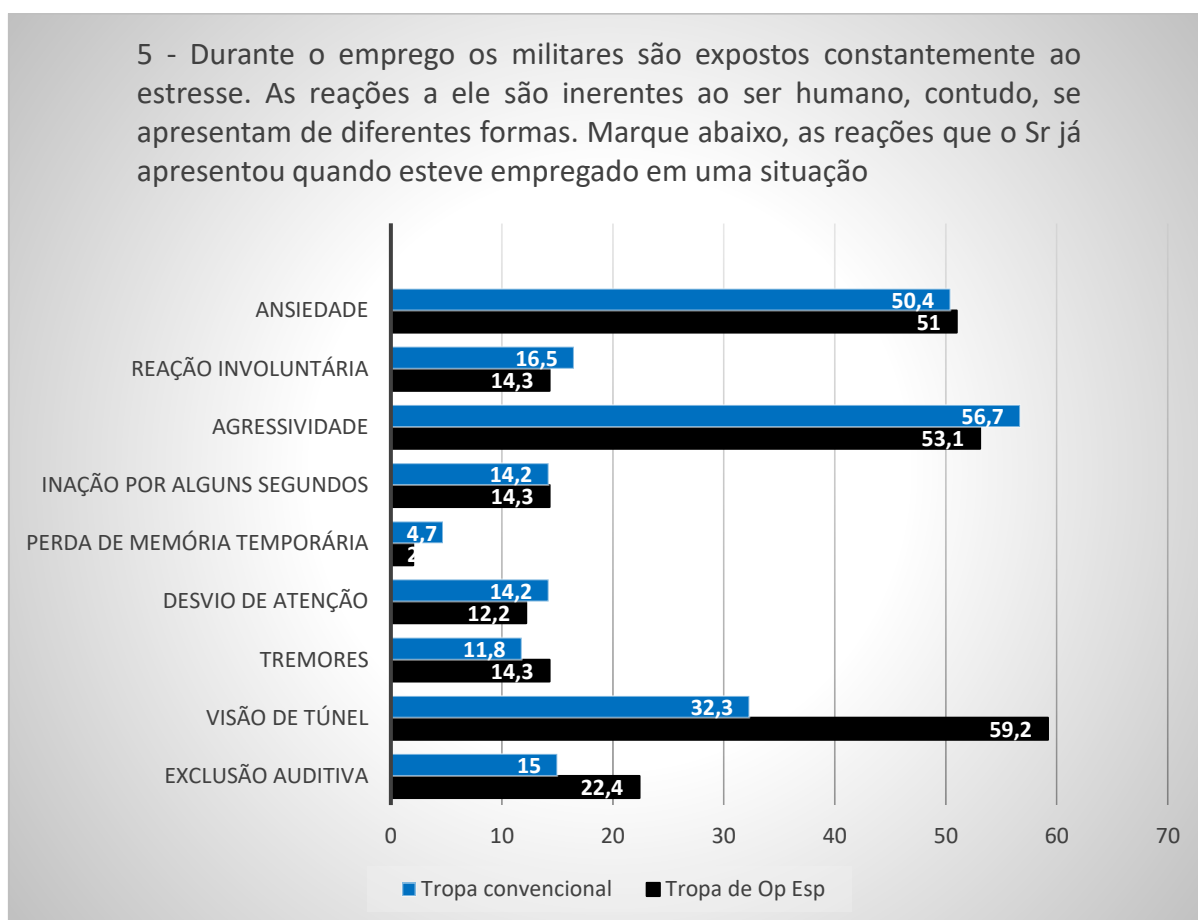


GRÁFICO 08 – Pergunta número 05 (cinco) do questionário.

Fonte: o autor

A identificação individualizada das reações é de extrema importância, já que elas não se apresentam de igual maneira nos seres humanos. Cada militar precisa identificar e trabalhar cada uma dessas reações, de forma a mitigá-las ao máximo nos treinamentos. A importância da preparação psicológica durante os treinamentos, se dá também, para que os militares tenham oportunidade de identificá-las ainda durante

os adestramentos, não em situação real, cujas reações indevidas podem causar-lhe danos ou a morte.

Procurou-se na pergunta a seguir, identificar qual o grau de importância a parte psicológica tem em combate quando comparada a outras necessidades já consagradas.

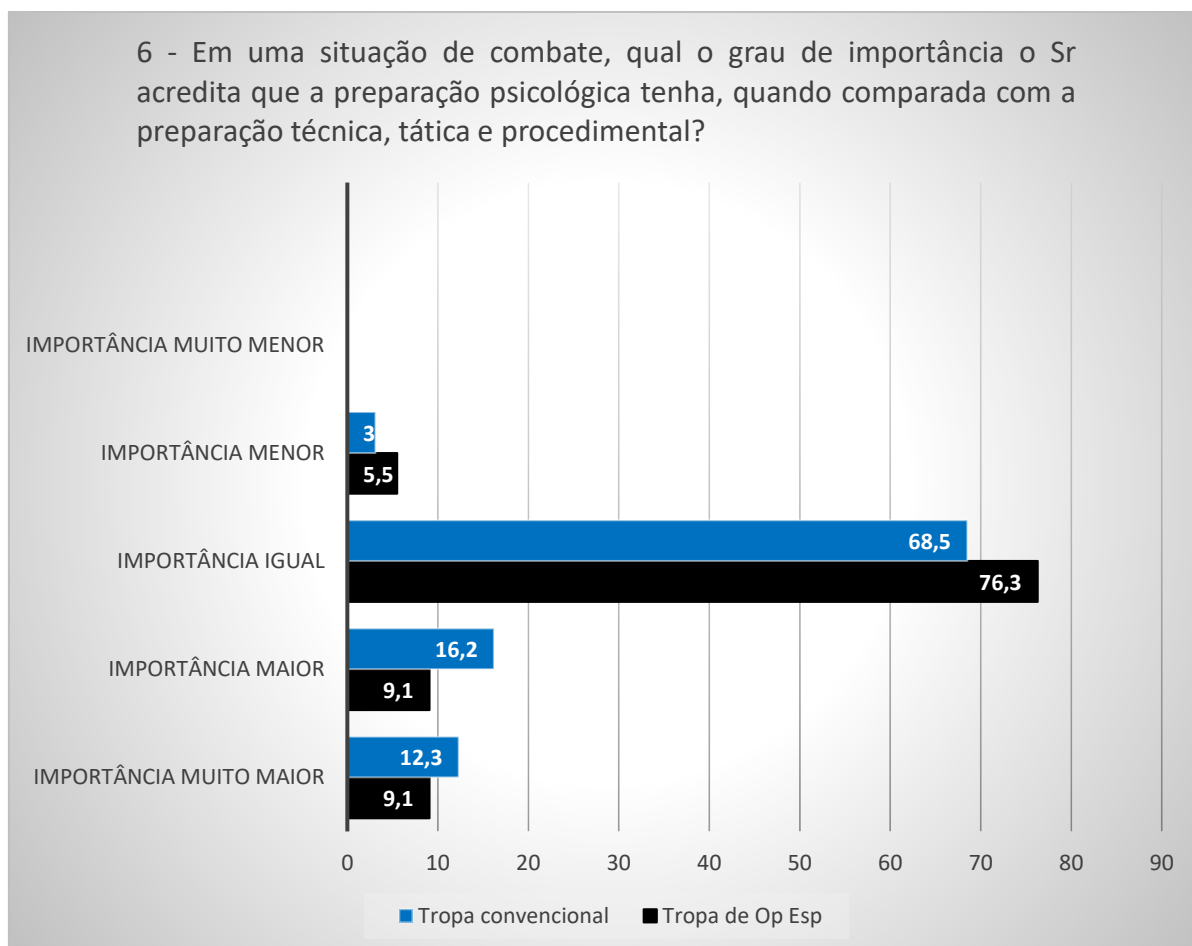


GRÁFICO 09 – Pergunta número 06 (seis) do questionário.

Fonte: o autor

Sabe-se que a exigência individual da parte psicológica é diretamente proporcional ao risco da situação de combate. Quanto maior o risco, maior será a cobrança ao sistema nervoso, para que tenha foco na situação. Pela análise das respostas ao questionamento anterior, observa-se que a grande maioria das pessoas acredita que a parte psicológica tenha igual importância a outros tipos de preparação para o emprego real. A resposta vai ao encontro do que aborda os especialistas no assunto, de que todos esses treinamentos possuem peso igual durante o combate.

Os treinamentos em uma visão geral devem, portanto, ser abrangentes, e permitirem o desenvolvimento de todas as capacidades individuais e coletivas,

incluindo a emocional e psicológica. Nota-se que os adestramentos na rotina de preparo, têm foco voltado, principalmente, para o desenvolvimento de técnicas, táticas e procedimentos. Contudo, de acordo com os próprios militares precisa-se desenvolver também a resiliência psicológica.

Os treinamentos da parte psicológica são importantes não apenas para situações de combate, tendo em vista que, por diversas vezes, em situações fora de áreas conflagradas vê-se a necessidade de manter um controle emocional para solucionar problemas tão complexos, psicologicamente, quanto os de combate. A pergunta a seguir buscou analisar o comportamento das pessoas diante dessas situações. Para essa análise, partiu-se do princípio de que as pessoas de maneira geral, dificilmente, fazem juízos de valor negativos de si, e que consideram que se estão vivas ou em boas condições é em razão das decisões que tiveram, ou seja, a grande maioria irá considerar que tomaram boas decisões, ainda que elas pudessem ser melhores.

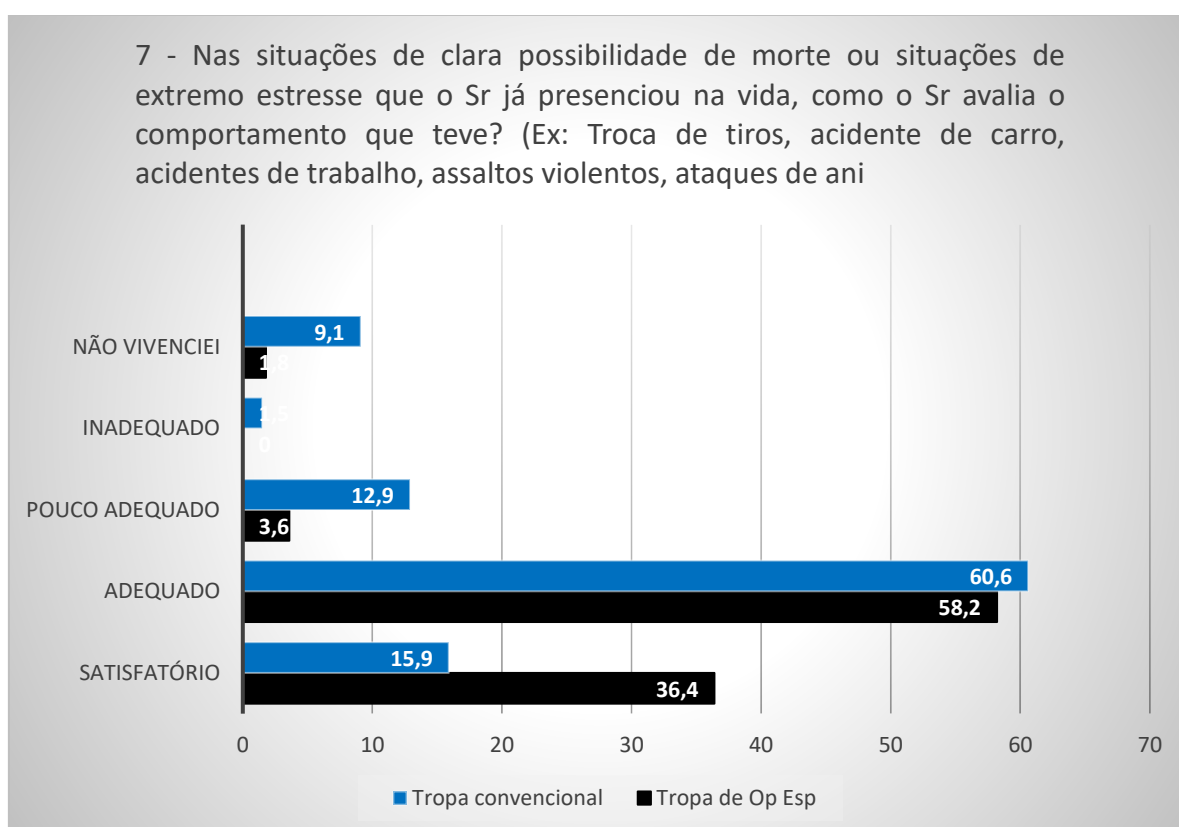


GRÁFICO 10 – Pergunta número 07 (sete) do questionário.

Fonte: o autor

A maioria das pessoas aponta um comportamento adequado em situações de estresse. Ainda que as pessoas superestimem seus comportamentos, nota-se que

uma grande parte delas poderiam ter agido melhor em situações como as postas em questionamento. Somando-se ao fato de que a maioria delas nunca realizou treinamentos específicos da parte psicológica, entende-se que uma grande parte desconhece o quanto poderiam evoluir psicologicamente e o quão melhores poderiam ser suas decisões.

Conforme apresentado na revisão bibliográfica deste trabalho, uma parcela muito pequena das pessoas é insensível às situações de grande estresse. Estudos anteriores demonstraram a dificuldade de realizar pesquisas relacionadas a esse assunto, já que, em sua maioria, as pessoas consideram as reações psicológicas como uma fraqueza ou um problema.

A pergunta a seguir, visou identificar o conhecimento dos militares a respeito das respostas psicológicas e dos transtornos pós-traumáticos. Foram ofertadas poucas opções, podendo-se incluir reações, sendo uma delas a de não ter tido nenhuma resposta psicológica, o que deveria ocorrer em uma pequena parcela.

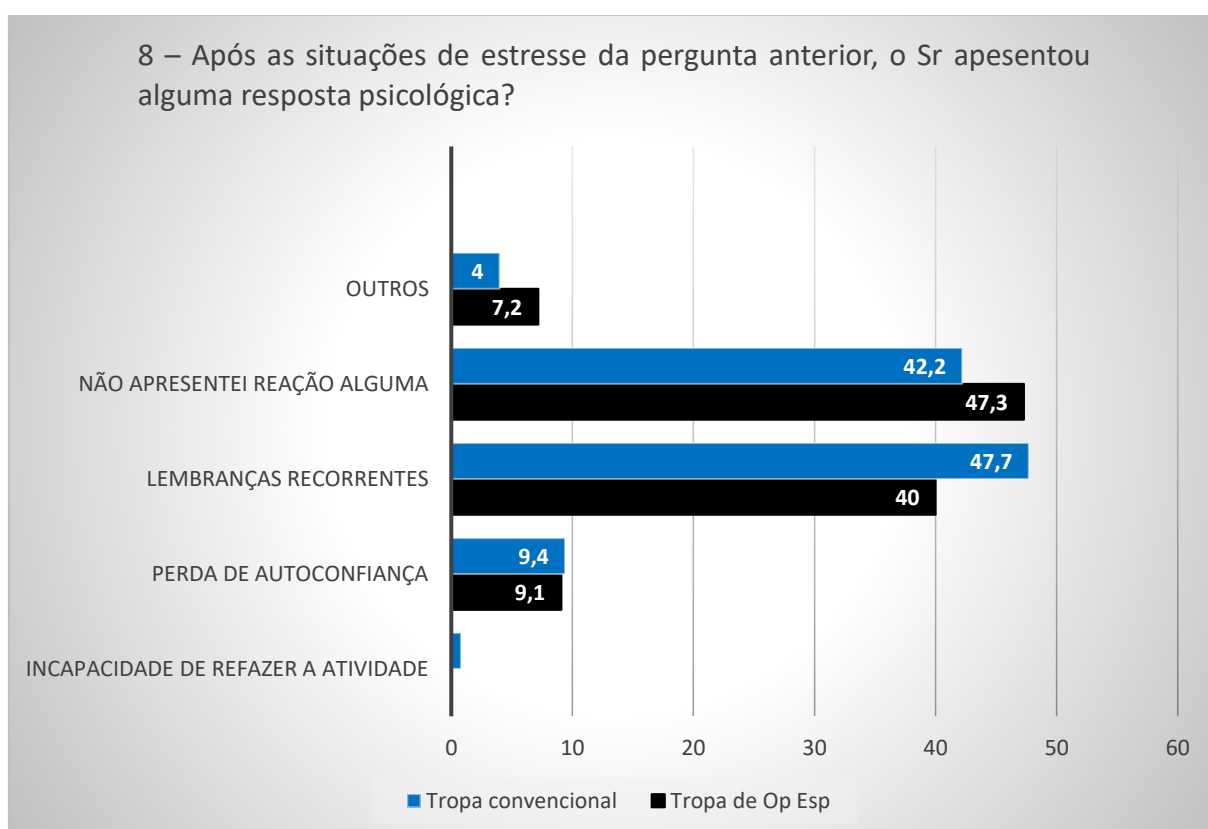


GRÁFICO 11 – Pergunta número 08 (oito) do questionário.

Fonte: o autor

Nota-se que a maioria das pessoas disse não ter tido reação alguma. As respostas nos levam a crer que a falta de informação sobre o assunto é considerável.

O conhecimento sobre o assunto é tão importante quanto a evolução da capacidade psicológica. A falta de conhecimento leva inclusive ao medo, de apresentar alguma resposta, de ser considerado fraco e à impossibilidade de evoluir, já que desconhecem sobre o assunto. Durante os treinamentos, instruções sobre o comportamento psicológico devem-se fazer presentes, de maneira que a pessoa consiga identificar quais são suas reações e entendam que é apenas uma reação natural do ser humano, podendo então se adaptar as suas individualidades.

A próxima questão buscou identificar a credulidade dos militares quanto à possibilidade de evoluir sua capacidade mental com treinamentos específicos.

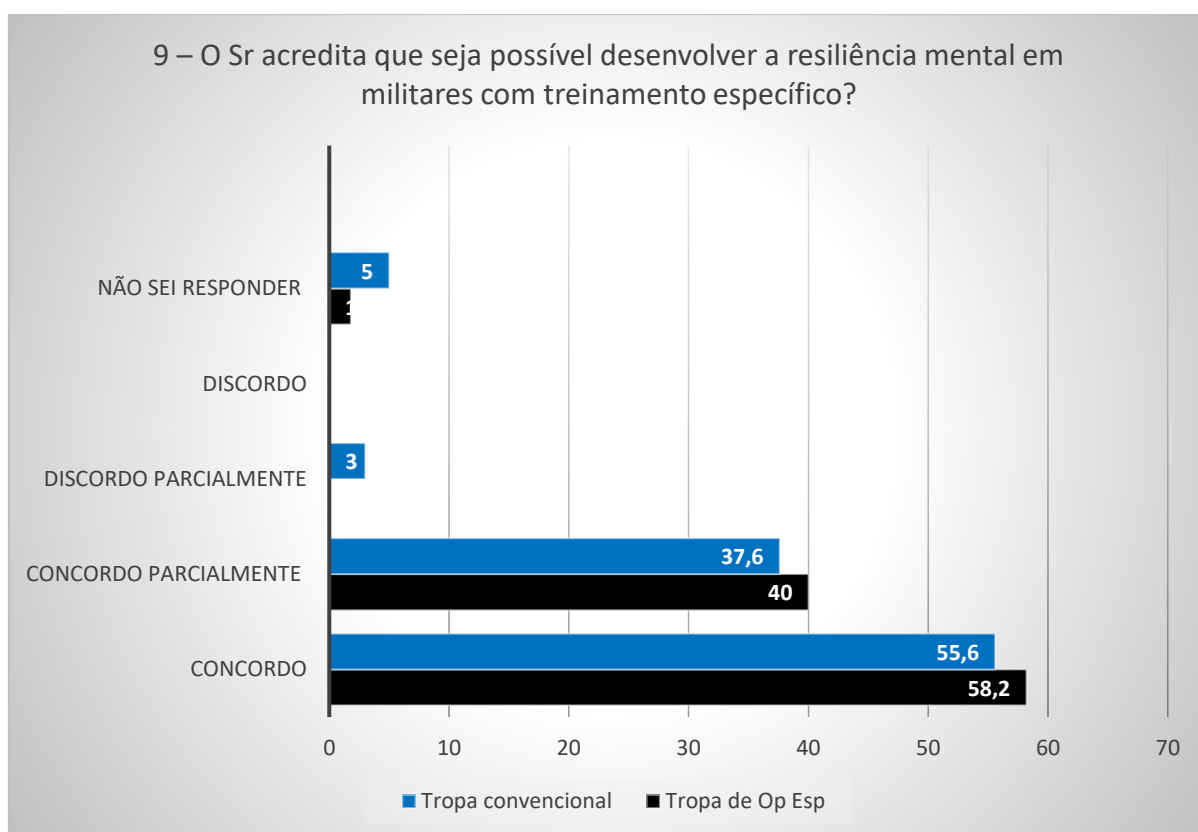


GRÁFICO 12 – Pergunta número 09 (nove) do questionário.

Fonte: o autor

Os treinamentos especificamente voltados ao desenvolvimento da resiliência mental, não são como os que comumente são feitos nas organizações militares, os quais, normalmente, tratam esse tipo de treinamento de maneira secundária, como um subproduto de algum outro treinamento. Os treinamentos com esse fim nem sempre envolverão tiros, podendo ser realizados de diversas maneiras, visando ligar as emoções, as reações de sistema nervoso com o raciocínio lógico.

Viu-se que a grande maioria dos militares acredita que treinamentos específicos podem desenvolver a resiliência mental. Essa resposta aponta para uma maior efetividade deles, já que os militares não gastarão tempo e recursos em atividades nas quais não confiam. A importância do assunto já se mostrou de conhecimento de grande parte deles, exigindo poucas comprovações de sua eficiência.

Na pergunta a seguir, o intuito foi identificar a importância dada pelos militares aos cursos operacionais, no que tange a sua capacidade de desenvolvimento psicológico.

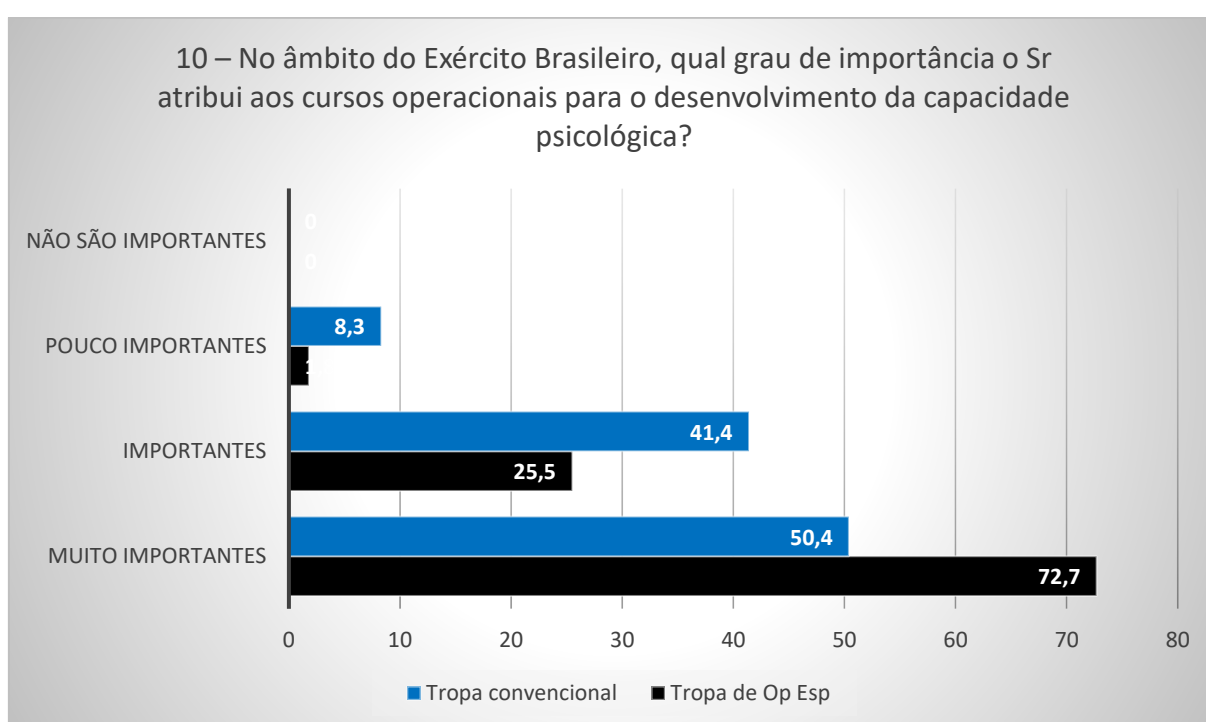


GRÁFICO 13 – Pergunta número 10 (dez) do questionário.

Fonte: o autor

Nota-se que que a maior parte dos militares acredita que os cursos operacionais podem desenvolver a capacidade psicológica. É bastante comum nesses tipos de cursos o desenvolvimento da área afetiva, aplicando pressão psicológica de maneira controlada de forma a exigir um comportamento adequado para cada situação. O intuito da maior parte deles é simular as situações estressoras de um combate.

Observou-se uma diferença na importância dada pelos militares de operações especiais e militares de tropas convencionais. Sabe-se que o Curso de Ações de Comandos é o curso que habilita os militares a executarem as operações especiais. Sendo considerado, pelos próprios militares, o curso operacional mais difícil do

Exército Brasileiro. Após sua conclusão, o militar realiza uma série de outros cursos e estágios da linha operacional do EB, como: Curso de Forças Especiais, Curso de Mestre de Salto, Estágio de Salto Livre, Estágio de Mestre de Salto Livre, Curso de Caçador de Operações Especiais, Estágio de Mergulho e Resgate, Estágio de Mergulho de Combate, entre outros. Esses militares, por serem possuidores de uma série de cursos e os julgarem importantes, conclui-se que o autoaperfeiçoamento permite aos militares um autoconhecimento e o desenvolvimento da resiliência psicológica de maneira muito positiva. Ainda assim, uma grande parcela dos militares de operações especiais nunca realizou treinamentos especificamente voltados para a parte psicológica. Porém, apesar de toda sua preparação, acreditam no desenvolvimento dessa capacidade.

A seguir, o questionamento buscou identificar a importância atribuída às experiências obtidas no emprego real nas comunidades do Rio de Janeiro.

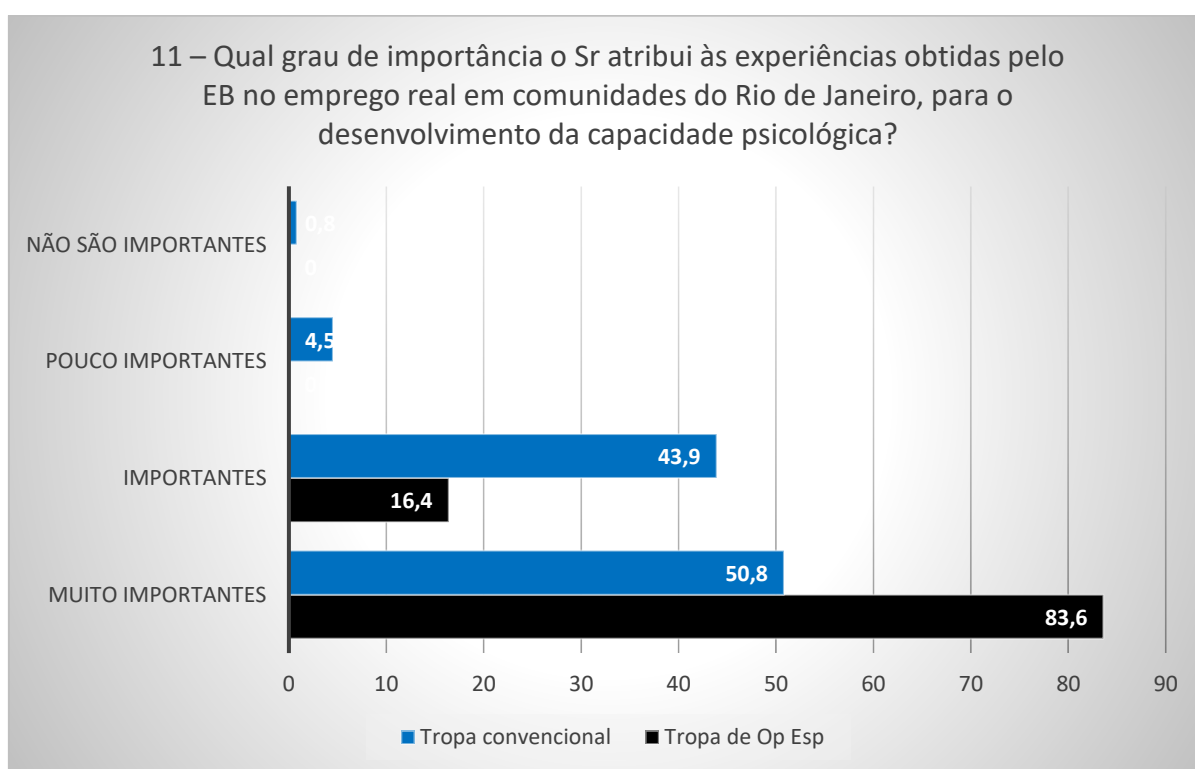


GRÁFICO 14 – Pergunta número 11 (onze) do questionário.

Fonte: o autor

As experiências obtidas pelos militares no emprego em comunidades foram bastante distintas, já que o momento e o local empregado podiam variar o nível de risco envolvido em cada operação. Dependendo da comunidade do Rio de Janeiro e da conjuntura política do período em questão, as ameaças poderiam variar seu nível

de hostilidade perante a tropa. Contudo, viu-se que de maneira geral foi dada uma importância muito grande nesse tipo de emprego para o desenvolvimento da capacidade psicológica. Ainda que determinadas tropas, não tenham vivenciado trocas de tiros, o risco ao qual estavam expostas, já era suficiente para afetar a parte psicológica de cada uma delas.

As experiências militares nesses tipos de operações foram suficientes para permitir a verificação do desempenho emocional e as necessidades de melhorias dos treinamentos de cada militar. Isso porque o risco envolvido foi suficiente para que os militares apresentassem suas características diante de situações de estresse.

Nesse contexto, a pergunta que se segue visou identificar se essas experiências foram suficientes para preparar os militares, psicologicamente, para uma situação real de guerra.

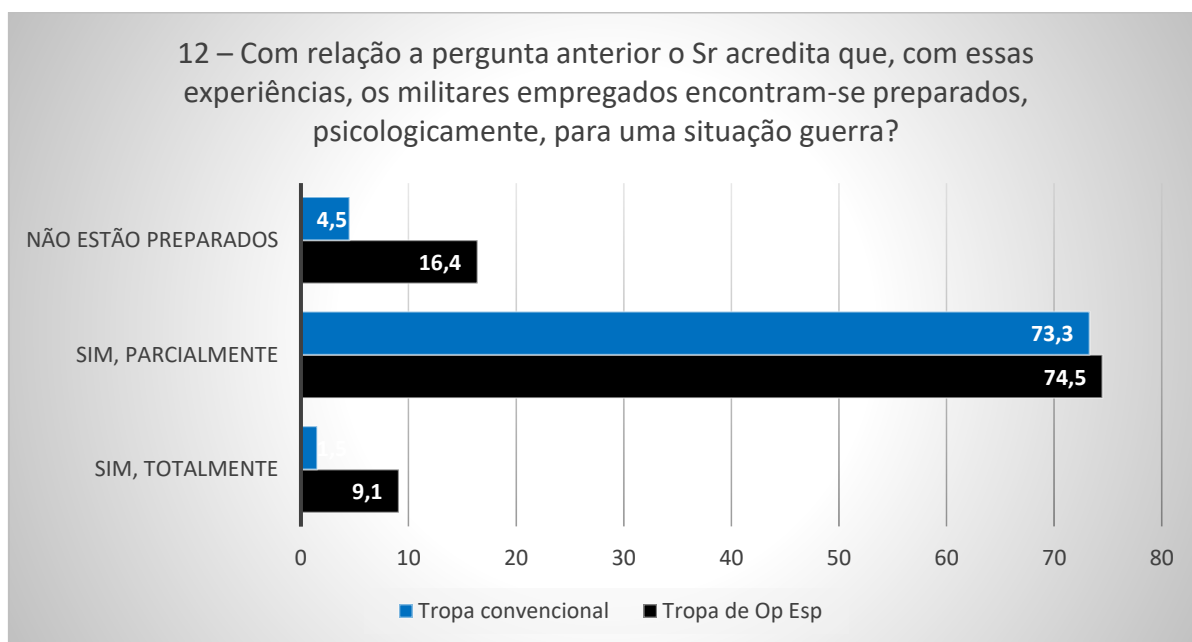


GRÁFICO 15 – Pergunta número 12 (doze) do questionário.

Fonte: o autor

Nota-se que apenas uma pequena parcela acredita que com essas experiências os militares participantes estão totalmente em condições de participar de um combate real. A grande maioria acredita que estão parcialmente prontos, ou seja, ainda cabe um desenvolvimento dessa capacidade. Essas experiências, apenas, não irão capacitá-los para a realidade de um combate.

4.1.1 Conclusões parciais a respeito dos aspectos observados a partir dos questionários

A respeito da atual preparação psicológica da tropa nota-se que há uma grande necessidade de melhoria, não diretamente relacionado ao fato de não estarem preparados, mas com relação à forma como tem sido realizada. Os militares de maneira geral, seja por uma característica social ou pela própria formação militar, não costumam desistir de seus objetivos, buscando se adaptar às mais diversas situações de emprego, sem que haja, contudo, um estado plenamente racional para agir dessa maneira, ou seja, por vezes tomam decisões psicologicamente corretas, mas de maneira inconsciente. Isso porque como apresentado na pesquisa apenas 86,5% da amostra de militares de tropas convencionais citaram já terem participado de treinamentos práticos voltado ao preparo psicológico, ainda que muitos desses treinamentos tenham sido realizados como subproduto de um outro treinamento.

As respostas apontam ainda, que uma grande parcela dos militares é desacreditada na efetividade dos treinamentos atuais para uma situação real, cuja possibilidade de morte própria ou de um companheiro seja maior.

A pequena experiência em combate do Exército Brasileiro, atualmente, o impede de enxergar a real necessidade desse tipo de preparação. As operações GLO, no Rio de Janeiro, são as que mais se assemelham a um desdobramento de um combate, pois em razão do risco envolvido, expõe os militares a uma grande exigência psicológica, pela possibilidade de enfrentamento com Agentes Perturbadores da Ordem Pública (APOP). A grande maioria dos militares da amostra acredita que as experiências obtidas em operações dessa natureza são importantes ou muito importantes, conforme a pergunta de número 11. Contudo, essas experiências, podem apenas prepará-los parcialmente, como aponta a resposta para a questão 12.

Fazendo-se um comparativo das respostas anteriores com o gráfico 1 deste trabalho, nota-se que a dependência dessa experiência de emprego real, para o desenvolvimento da capacidade psicológica, não é o ideal. A sazonalidade das operações GLO, impedem um desenvolvimento contínuo da resiliência mental dos militares. Esse tipo de operação varia conforme a demanda na segurança pública do país, não podendo o EB se apoiar apenas nesse tipo de operação para o desenvolvimento de seus militares, necessitando desenvolver treinamentos e pesquisas voltadas para essa grande demanda de preparo.

Atualmente, o EB não dispõe de uma organização voltada, especificamente, ao desenvolvimento de capacidades psicológicas para o emprego operacional. Como essa é uma capacidade a ser desenvolvida no EB, julga-se interessante iniciar um trabalho, semelhante ao que é feito no *Army Center for Enhanced Performance* (ACEP), apresentado no capítulo 2.2.4 deste trabalho. A criação de um estabelecimento, onde se ofereça o desenvolvimento da capacidade psicológica, demanda bastante tempo, principalmente no desenvolvimento de pesquisas relacionadas ao assunto. No entanto, julga-se interessante basear-se em pesquisas atuais e nas atividades desenvolvidas pelo ACEP para desencadear o processo de evolução da capacidade mental dos militares. Ainda que os métodos atuais não sejam os ideais, as pesquisas e práticas relacionadas ao assunto permitirão seu desenvolvimento contínuo. O ACEP possui permeabilidade em vários ramos do Exército Americano, desde a formação do oficial aos cursos de especialização como de Forças Especiais. Seria importante ao EB, capacitar pessoal necessário para permitir a continuidade dos estudos nessa área, de modo a aumentar sua operacionalidade e mitigar os impactos dos efeitos psicológicos do combate.

Notou-se que os efeitos do estresse psicológico nos militares se apresentam das mais diversas formas. No capítulo de estresse de combate e de reações humanas ao estresse, foram observadas diversas situações que podem ocorrer em um combate. Essas mesmas reações foram citadas em ambas as amostras do questionário, como observado na pergunta de número 5 do questionário. Algumas delas se apresentam de maneira mais recorrente por serem de mais fácil identificação, como exclusão auditiva e visão de túnel. Contudo, viu-se, uma vez mais, a necessidade do conhecimento, pois algumas pessoas acreditam que não apresentam reações, mas como é sabido, o ser humano apresentará algum tipo de reação em maior ou menor grau.

Além das características anteriormente apresentadas, diversos outros aspectos estão relacionados com o desempenho psicológico, como o autoconhecimento, a confiança e a coesão. Eles representam fortes fatores no desempenho individual dentro de um grupo. Foram colocados como indicadores dentro da dimensão operacional das variáveis deste trabalho, em razão de sua incontestável importância. Esses fatores necessitam sere desenvolvidos continuamente durante os treinamentos.

4.2 ASPECTOS OBSERVADOS A PARTIR DAS ENTREVISTAS

Verificou-se que muitos militares quando empregados em situações de risco, apresentam comportamentos que não se adequam às necessidades de resposta do Exército Brasileiro. Sabe-se, contudo, que o medo e outras reações resultantes do estresse de combate sempre se farão presentes, no entanto pessoas de um mesmo grupo, que tiveram o mesmo tipo de treinamento, quando exposto a uma situação de risco semelhantes, não deveriam apresentar comportamentos tão discrepantes uns dos outros.

De acordo com o testemunho de militares com experiência no emprego em GLO, alguns comportamentos caracterizam muito bem a falta de um treinamento psicológico adequado. Não se permite prever, atualmente, nenhum tipo de comportamento dos militares empregados, já que eles próprios desconhecem suas características.

Tem sido feito muito pouco na parte de psicologia, com o intuito de desenvolver essas capacidades nos militares. Algumas atividades são realizadas pelo CPAEx, no intuito de alertá-los para possíveis situações de estresse que podem ocorrer em missão no exterior, sem, contudo, capacitá-los, tendo em vista o pequeno tempo disponível.

A importância do assunto se apresentou incontestável, com clara necessidade de inculcar os conhecimentos básicos a todos os militares. É interessante iniciar o preparo dos militares demonstrando a importância do tema, fazendo com que tenham informações necessárias para sua autoavaliação.

A neurociência aplicada ainda é bastante incipiente no Exército Brasileiro, estudos encontram-se em fase de execução. O IPCFEx conduz alguns deles, nos quais buscou-se investigar a influência do treinamento mental com desempenho no tiro ao alvo e a relação de estados afetivos com emoções, aptidão cardiorrespiratória e processos de tomada de decisão.

No que tange ao treinamento dos militares para o desenvolvimento psicológico, foram observados alguns aspectos importantes para seu desenvolvimento, para isso eles necessitam:

- a. iniciar com instruções para desmistificar aspectos emocionais, deixando claro que reações emocionais são naturais. O conhecimento das emoções facilitará o desenvolvimento da capacidade psicológica;

- b. iniciar de modo individualizado, com o intuito de ampliar o autoconhecimento e posteriormente realizá-los de forma coletiva;
- c. desencadear reação de não querer errar, o que produzirá uma pressão psicológica e ações mais racionais;
- d. torná-los o mais consciente possíveis;
- e. ser realizados em ambientes distintos;
- f. ser de uma exigência psicológica gradual;
- g. desenvolver a autoconfiança e a confiança em seus companheiros.

Algumas técnicas se mostraram eficientes no desenvolvimento da resiliência psicológica como:

- conversa consigo mesmo;
- controle da respiração.
- foco no objetivo;
- visualização mental;

4.2.1 Conclusões parciais a respeito dos aspectos observados a partir das entrevistas

Quanto ao preparo psicológico, notou-se que os entrevistados concordam que há uma necessidade de melhoria na capacitação psicológica, sendo que, praticamente, não há nada voltado ao desenvolvimento dela, atualmente. De acordo com os representantes das organizações diretamente ligadas a essa área como o CPAEx e o IPCFEx, nos encontramos bastante atrasados no que tange a parte de psicologia operacional. Em uma rápida análise com países que vivenciaram uma realidade de frequentes guerras, nota-se que há uma grande preocupação com o desenvolvimento da psicologia voltada ao combate. De acordo com as experiências dos Estados Unidos da América, por exemplo, que dispõe de uma organização (ACEP), especificamente, voltada para esse aspecto, esse tipo de preparação é o “próximo nível”. A ACEP tem uma importância muito além do que imaginam os militares brasileiros, cujo último emprego em combate remonta a longa data.

O IPCFEx, tem iniciado estudos ligados a neurociência, com intuito de entender e desenvolver a capacidade operacional. Ainda que incipiente, esse tipo de estudo é o que vai nos levar ao desenvolvimento operacional. Armas de última geração nas mãos de um militar incapaz de combater não fará diferença alguma para o êxito de

qualquer missão. Há que se difundir esse conhecimento, como citado, em entrevista, pelo Cap Emmanuel. Os militares precisam tomar conhecimento dessa real necessidade muito antes de entrarem em combate.

Existem diversas maneiras de se desenvolver o psicológico dos militares, podendo variar de acordo com a criatividade na condução dos adestramentos. Há, contudo, que se entender algumas características desse tipo de adestramento, como por exemplo, as apontadas no tópico anterior. Com o objetivo final em mente, pode se desenvolver diversas formas de chegar a ele. As observações dos entrevistados, quanto ao treinamento, corroboram com as ideias apresentadas na revisão de literatura. A sugestão da realização treinamentos realísticos, foi um aspecto considerado muito importante, que vai ao encontro do manual americano MCWP 6-11C/NTTP 1-15M *Combat and Operational Stress Control*. Empregando treinamentos dessa forma, evita-se uma grande quantidade de surpresas, as quais são o pior inimigo para a saúde psicológica. Treinamento realizados em diferentes locais, em diferentes situações e com exigência psicológica adequada, contribuirão sobremaneira para o desenvolvimento de habilidades mentais.

A falta de preparo psicológico adequado, já levou militares a situações não desejadas, mesmo sem estar em combate. Operações de GLO, por definição não caracterizam combate, apesar do risco envolvido. Conforme apontado pelos entrevistados, as reações psicológicas apontadas em operações GLO, em muito se assemelham, às apresentadas na revisão bibliográfica, do tópico 2.3 ao 2.6 deste trabalho. Foram apresentadas uma série de comportamentos que, em tese, não são saudáveis aos militares, podendo, inclusive, comprometerem sua vida. Observou-se que dentro das definições operacionais das variáveis deste trabalho, a dimensão psicomotora e a psicológica foram afetadas pela falta de treinamento e de experiência no emprego em GLO. Os indicadores como, problemas gerados em razão do preparo, efetividade, desempenho nas atividades e desempenho de suas atribuições foram claramente afetados pela falta de experiência prévia. Militares que, em razão do estresse, tiveram dificuldades em comandar sua fração, não conseguiam progredir, fugiram da cena e apresentaram irritabilidade, são fortes indicadores de uma real necessidade de melhoria no preparo. Sabe-se, contudo, que o ser humano sempre irá apresentar alguma reação diante de situações de estresse, mas com um bom treinamento é possível direcioná-la a um comportamento mais efetivo e saudável.

Foi apontado pelo capitão Demétrius, uma necessidade nem sempre observada de modo geral, no que tange ao apoio familiar. De acordo com o apresentado no capítulo 2.7, os soldados e suas famílias devem ser convencidos de que os objetivos valem o risco de suas vidas. O apoio e a preparação familiar, para uma possível situação de perda, são fundamentais para um bom desempenho das funções dos militares quando em missão real. A família deve estar pronta, de igual maneira, para uma possível perda familiar. O Exército Americano, por meio da ACEP, desenvolve programas para o preparo psicológico de civis, podendo ser familiares. A apoio familiar é um pilar muito importante na base psicológica do militar.

Alguns aspectos externos se mostraram bastante importante para o desenvolvimento da resiliência psicológica. Um grupo coeso, o apoio familiar e religioso, podem ser a base da autoconfiança do militar. Com relação ao apoio religioso, ainda que o militar não seja ligado diretamente aos aspectos religiosos, nota-se que é uma base importante para a manutenção e o desenvolvimento da ética, como aponta o coronel Visacro em suas respostas. O capitão Demétrius acredita ainda que seja um importante aspecto na diminuição da tensão em combate, diminuindo os efeitos da pressão psicológica.

5 CONCLUSÃO

A concepção geral deste trabalho foi apresentar adequações e melhorias na preparação psicológica dos militares. Apontando o estado atual desse tipo de preparação e o que ainda pode ser feito visando essa melhoria. O estudo se baseou no pessoal empregado nas diversas operações militares nas comunidades do Rio de Janeiro, os quais entende-se que obtiveram boas experiências no emprego real, servindo para uma avaliação da capacitação psicológica atual dos militares. Levou-se em consideração para realizar esta pesquisa, as dificuldades apresentadas por outros autores. Em estudos anteriores foi apresentado que os militares, em razão de sua formação, têm grande dificuldade em admitir serem possuidores de algumas características naturais de seres humanos. Não é comum um militar admitir que sentiu medo ou que apresentou respostas fisiológicas geradas por uma situação de estresse. Fatos como esse, dificultaram a continuidade de diversas pesquisas geradas por ocasião das guerras da humanidade, já que o orgulho pessoal impedia que o militar fornecesse dados fidedignos. Por essa razão, no intuito de aumentar ao máximo a confiabilidade dos resultados deste trabalho, buscou-se trabalhar apenas com oficiais e sargentos, os quais, em tese, possuem uma maior maturidade e responsabilidade profissional.

Notou-se que o Exército Brasileiro dispõe de pessoal altamente motivado e vocacionado. Ainda que a forma de adestramento não seja a ideal, já que pouco se sabe sobre a necessidade da preparação psicológica, os militares têm desempenhado um papel fundamental para o país. A abnegação dos militares não deixa transparecer por completo a necessidade de uma melhoria no seu preparo. Sabe-se, no entanto, que a preparação psicológica é o futuro do preparo e do desenvolvimento dos militares, já que pouco adianta ter um excelente desempenho técnico sem poder empregá-lo em sua plenitude, quando em combate.

Os treinamentos, no que tange às TTP, têm sido desenvolvidos de maneira bastante contundente. Contudo, a parte do desenvolvimento psicológico, tem sido realizada como um subproduto de um treinamento principal. Muitos treinamentos, como: pistas de tiro, testes de reação de líder, cursos operacionais, entre outros, possuem uma parte voltada ao desenvolvimento da parte afetiva. Porém, claramente, observa-se o modo empírico como são desenvolvidos. De modo geral os militares replicam tudo aquilo que já executaram, sem saber, contudo, a finalidade pela qual

essas atividades são realizadas. Diversos estímulos são cobrados de alunos de cursos operacionais, por exemplo, sem saber ao certo o que cada um deles representa e como podem ser desenvolvidos. Não há um padrão comportamental, o qual se acredite que seja o ideal. Por vezes os militares são exigidos muito aquém ou além do que precisam em determinado momento. Não se tem por base reações individuais, que se apresentem como limites ao desenvolvimento progressivo de um militar. Atualmente, os treinamentos são desenvolvidos empiricamente, ou seja, quando os instrutores acreditarem que seja a hora de cessar a pressão psicológica, ela assim termina. Isso leva a uma possível involução, pois militares que teriam plenas condições de atingirem uma capacidade mental alta, ao serem pressionados excessivamente, podem criar um bloqueio mental ao realizá-la.

Entende-se que este tipo de treinamento leva um tempo considerável e variado para atingir sua efetividade, já que cada militar apresenta uma característica comportamental distinta. Com isso, ele deve ser desenvolvido ao longo de sua carreira, ao encontro de que muitos pensam, de que devam ser desenvolvidos em cursos operacionais. Qualquer curso operacional da atualidade, não dispões de tempo hábil para realizar essa evolução psicológica. Exigem um grau de comportamento e uma resposta psicológica que julgam necessário para o desenvolvimento da especialidade. Os militares que não atingiram o nível proposto de preparo durante sua formação, não terão condições e tempo suficiente para desenvolvê-lo durante a execução do curso ou estágio.

Os adestramentos do EB, da forma como são realizados, atualmente, não permitem ao instruendos a identificação de suas características psicológicas e fisiológicas, impedindo a eles o desenvolvimento de cada uma delas. Em razão da forma empírica como são desenvolvidos, não há um acompanhamento da evolução individual dos militares. Ou seja, se o militar apresentou uma característica comportamental inadequada para uma determinada atividade, continuará apresentando, até que identifique por si só e que tenha consciência de desenvolvê-la.

Esse tipo de situação é que visam os treinamentos especificamente voltados ao preparo psicológico. Oportunizar a identificação de características comportamentais individuais e coletivas, permitindo a evolução gradual de cada uma delas, até que se atinja um nível adequado ao desempenho da função. Sem isso, os militares continuarão tendo comportamentos inesperados e por vezes sendo julgados por eles, sem nunca ter tido, anteriormente, a oportunidade de identificá-los.

Verificou-se que, por diversas vezes, quando em uma situação de emprego real, os militares brasileiros apresentaram respostas psicológicas inadequadas para a situação, principalmente, ligadas ao despreparo. Não se pode afirmar que, ainda que tenham o treinamento adequado, todos os militares reagiram de maneira positiva em uma situação de estresse. Contudo, os estudos realizados pelo Exército Americano, por exemplo, apontam que os treinamentos quando realizados de maneira racional, para o desenvolvimento psicológico, permitem um enquadramento comportamental dentro dos limites que se julga adequado. Os estudos brasileiros ainda se apresentam bastante incipientes, mas em processo de evolução. Há, contudo, que se conscientizar os militares para que contribuam para a evolução dos treinamentos psicológicos, como os ligados a neurociência.

Este trabalho objetivou, também, contribuir com a divulgação da importância do assunto para o público militar. Não há como combater com eficiência sem o desenvolvimento da capacidade mental dos militares. Entende-se que não é necessário passar por situações de combate para, só então, passar a dar importância no assunto. O Exército Americano, já entende que esse é o “próximo nível” no que tange ao preparo, dispondo de organização, especificamente, voltada para esse fim.

A pesquisa foco deste trabalho não pretende finalizar o assunto com sua conclusão. Ainda há muito que o ser feito para a se chegar ao ideal. Apesar de esclarecer as principais ideias do que precisa ser feito para o desenvolvimento da capacidade psicológica, ainda é necessário estudar formas de se colocar isso em prática no Exército Brasileiro como um todo. No entanto, como ponto de partida, acredita-se que desde sua formação os militares necessitam travar contato com o preparo psicológico específico. Podendo assim replicar os conhecimentos e desenvolvê-los, não mais empiricamente. No apêndice H deste trabalho encontram-se algumas ideias levantadas por meio de pesquisas bibliográficas e análise de questionários e entrevistas, para permitir o início dos adestramentos específicos. Porém, há que se verificar futuramente a efetividade de cada um deles, visando adequá-los e torná-los mais exequíveis no âmbito das unidades, principalmente, capacitando pessoal para desenvolvê-los de maneira mais efetiva.

Por fim, esta pesquisa, visa recomendar algumas ações futuras, para uma evolução natural do assunto:

- a) desenvolver pesquisas, no intuito de comprovar a efetividade de cada forma de adestramento apresentada por este trabalho, visando identificar quais tipos de treinamentos permitem desenvolver determinada resposta cerebral;
- b) mandar pessoal militar, com experiência em emprego real e com conhecimento de psicologia, incluindo neurociência, para realizar intercâmbios com Exército Americano para desenvolver a atividade no Brasil. Por exemplo, para conhecer que tipos de atividades são desenvolvidas pela ACEP.
- c) Fomentar estudos civis nessa área, visando desenvolver o conhecimento da neurociência aplicada à operacionalidade.
- d) Desenvolver parcerias junto a faculdades de psicologia, de educação física, ligadas a psicologia do esporte, cujo viés se liga, parcialmente, com o desenvolvimento cerebral em situações de estresse.
- e) Desenvolver a certificação do Sistema de Prontidão Operacional da Força Terrestre (SISPRON), também, na parte psicológica.
- f) Ministras instruções de neurociência aplicada, de cunho estratégico, permitindo aos escalões decisores do EB identificarem a importância do assunto. Objetivando o levantamento recursos ao desenvolvimento de pesquisas relacionadas ao assunto.
- g) Ministras instruções nas escolas de formação e nos centros de instrução do EB, visando desenvolver a mentalidade de preparo psicológico dos militares.

REFERÊNCIAS

ADAS, Melhem. **Panorama geográfico do Brasil**. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2004. 456 p.

ALMEIDA Cláudia Wanderley da Nóbrega Cabral de et al. **Transtorno por estresse pós-traumático como causa de acidente de trabalho**. Revista Brasileira de Medicina do Trabalho. João Pessoa/ PB – Brasil, 2012.

ARAÚJO, Jéssica de. **A participação das mulheres em operações de paz: O Caso do Exército Brasileiro na MINUSTAH durante a última década**. Artigo apresentado à Universidade Federal de Uberlândia (UFU), curso de Relações Internacionais. Uberlândia – MG, 2018.

ARAÚJO, Mario L. A. Operações no amplo espectro: novo paradigma do espaço de batalha. **Doutrina Militar Terrestre**. Brasília, DF, ed. 1. p. 16-27, jan-mar 2013.

BARTONE Paul T. et al. **Psychological Hardiness Predicts Success in US Army Special Forces Candidates**. *International Journal of Selection and Assessment* Volume 16 Number 1 March 2008.

BOURKE, Joanna. **Shell Shock during World War One**. Publicado na BBC History, Inglaterra, 2011.
<http://www.bbc.co.uk/history/worldwars/wwone/shellshock_01.shtml>

BRASIL. Comando de Operações Terrestres. **Centros de Instrução do Exército Brasileiro**. Disponível em: <<http://www.coter.eb.mil.br/index.php/centros-de-instrucao>>. Acessado em: 03 Ago 2020.

BRASIL. Exército. **Batalhões de Infantaria: C 7-20**. 3. ed. Brasília, DF, 2003a.

_____. Centro de Doutrina do Exército. *Brazilian Battalion*, 31. **Relatório do BRBAT 02 na MINUSTAH**. Brasília, DF, 2005.

_____. **Companhia de Fuzileiros: C 7-10**. 1. ed. Brasília, DF, 1973.

_____. **Glossário de Termos e Expressões para uso no Exército: C 20-1**. 3. ed. Brasília, DF, 2003b.

BRASIL. Exército. **EB 70-MC-10.223: Operações**. 5. ed. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Cenários de Defesa 2020 – 2039** – sumário executivo. Assessoria Especial de Planejamento. Brasília: Assessoria, 2017.64 p.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Secretaria Nacional de Segurança Pública. **Caderno técnico de tratamento do transtorno de estresse**

pós-traumático – TEPT. Brasília : Ministério da Justiça e Segurança Pública, Secretaria Nacional de Segurança Pública – SENAP, 2019. 194 p.

CAMPOS, Marcio Bessa. **O Emprego operacional atualizado da observação aérea em operações militares, com ênfase nas operações de garantia de lei e da ordem (GLO).** 2004. 212 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comando e Estado Maior do Exército, ECEME, Rio de Janeiro, 2004.

CAON, Gustavo M. **O pelotão de fuzileiros de força de paz em operações urbanas na missão de paz no Haiti – uma proposta de emprego quaternário.** 2013. 97 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, EsAO, Rio de Janeiro, 2013.

CHANNEL, History; The Brain
<https://www.youtube.com/watch?v=8tSsc0kTf_o> Acessado em: 22 Jun 2020.

COSTA. Marcos Affonso da. **Sistema de Prontidão Operacional da Força Terrestre.** Palestra Ministrada na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais em 28 Jul 2020.

DIAS, Émille Burity. **Entrevista concedida a Augusto Machado da Silva.** Rio de Janeiro, 24 julho de 2020. [A entrevista encontra-se transcrita no apêndice “B” desta dissertação de mestrado]

DYER, Gwynne. **War.** [S.l.]: Crown Publishing Group Inc., 1985.

FORMENTO, Samuel. **A fisiologia do confronto armado - O desejo de sobreviver – Limitações fisiológicas no uso de armas de fogo em combate.** Agosto, 2016.

FULLER, John Frederick Charles. **A conduta da guerra de 1789 aos nossos dias.** Rio de Janeiro: Bibliex, 1966.

FRANCI, C R. **Estresse:** Processos Adaptativos e Não-Adaptativos. In: ANTUNES-RODRIGUES J.; MOREIRA A. C.; ELIAS L. L. K.; CASTRO M. Neuroendocrinologia Básica e Aplicada. Guanabara Koogan, 1 ed., 2005.

GEIBEL, A. Lessons in urban combat. **Infantry**, Georgia, EUA, p. 21-25. nov.-dez. 1995

GIANNINI, Renata Avelar. **Promover gênero e consolidar a paz:** a experiência brasileira. Artigo estratégico 9, Instituto Igarapé. Rio de Janeiro – RJ, setembro 2014.

GOULART, Fernando. **Ação sob fogo:** Fundamentos da motivação para o combate. Rio de Janeiro, 2012.

GOYA Michel. **Sob Fogo:** A morte como hipótese de trabalho. Rio de Janeiro, 2016, p. 44.

GRAU, Lester W.; THOMAS, Timothy L. Russian Lessons Learned From the Battles For Grozny. **Marine Corps Gazette**, Virginia, p. 45. abr. 2000.

GRIFFITH, J. The Army's new unit personnel replacement and its relationship to unit cohesion and social support. **Military Psychology**, Washington, D.C., v. 1, n. 1, p. 17-34, 1989.

GROSSMAN, Dave; CHRISTENSEN Loren W. **On Combat: The Psychology and Physiology of Deadly Conflict in War and in Peace**, Second Edition, Set. 2004.

HENRIQSON, E. Consciência situacional, tomada de decisões e modos de controle cognitivo em ambientes complexos. **Produção**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 433-444. set./dez. 2009.

KENNEDY, Carrie H.; ZLLMER Eric A., **Psicologia Militar: Aplicações Clínicas e Operacionais**, Rio de Janeiro, 2009.

LEWIS, B. G. (2006). **Developing soldier cultural competency**. USAWC Strategy Research Project. Retrieved from <<https://deomi.org/CulturalReadiness/documents/GetTRDoc.pdf>>

MANNING, F. J.; FULLERTON, T. D. Health and well-being in highly cohesive units of the US Army. **Journal of Applied Social Psychology**, [S.l.], v. 18, p. 503-519, 1988.

MARSHALL, Samuel Lyman Atwood. **L'Invasion Aéroportée en Normandie**. Paris: Payot, 1968.

MARTINS, Lilian Cristina Xavier. **Entrevista concedida a Augusto Machado da Silva**. Rio de Janeiro, 05 agosto de 2020. [A entrevista encontra-se transcrita no apêndice "F" desta dissertação de mestrado]

MELO, Demétrius Alberto Azedo De. **Entrevista concedida a Augusto Machado da Silva**. Rio de Janeiro, 05 agosto de 2020. [A entrevista encontra-se transcrita no apêndice "E" desta dissertação de mestrado]

MENDES, Dalva Maria Carvalho. **O estresse e os militares em missão de paz: a política de suporte social e psicofísico aos militares brasileiros / Contra-Almirante (Md) Dalva Maria Carvalho Mendes**. - Rio de Janeiro: ESG, 2013.

NORDLAND, R. **Para soldados americanos, morte não escolhe gênero: Guerras sem front definido colocam mulheres militares americanas mais em perigo do que nunca**. Defesanet, junho, 2011. <<http://www.defesanet.com.br/terrestre/noticia/1644/Para-soldados-americanos--morte-nao-escolhe-genero/>>

OODA loop. **WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/OODA_loop>. Acesso em: 10 mar. 2013

PINHEIRO, Emmanuel Merlin. **Entrevista concedida a Augusto Machado da Silva**. Rio de Janeiro, 02 agosto de 2020. [A entrevista encontra-se transcrita no apêndice “D” desta dissertação de mestrado]

ROGERS, S. C. (2005). **Improving information operations with a military cultural analyst**. Fort Leavenworth, KS: School of Advanced Military Studies United States Army Command and General Staff College.

ROUX, Huber le; SABBAGH Antoine, **Palavras de Soldados: Os franceses em guerra 1983 – 2015**. Rio de Janeiro, 2017.

SAUNDERS, T. et al. The effects of stress inoculation training on anxiety and performance. **Journal of Occupational Health Psychology**, Washington, D.C., v. 1, n. 2, p. 170-186, Apr. 1996.

SANTOS, Abel Matos; CASTRO João Jácome de. **Stress**. *Análise Psicológica* 1998, 4 (XVI): 675-690.

SELIGMAN, M.E.P. **Florescer: uma nova compreensão sobre a natureza da felicidade e do bem-estar**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2011.

SELYE, H. **The stress of life**. New York: McGraw Hill, 1984. (publicado originalmente em 1956).

SHAW, J. A. Stress engendered by military action on military and civilian population. In: NOSHPITZ, J. D.; CODDINGTON, R. D. (Ed.). **Stressors and the adjustment disorders**. New York: John Wiley & Sons, Inc., 1990. p. 341-361.

STEADMAN, Andrew. **Neurociência para comandantes combatentes: A liderança no campo de batalha moderno sob uma abordagem baseada no cérebro**. *Military Review*, Julho-Agosto, 2011.

TEIXEIRA, Carlos Augusto Ramires. **Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil: história e perspectivas pós-MINUSTAH**. A Participação do Brasil na MINUSTAH (2004-2017): percepções, lições e práticas relevantes para futuras missões. Instituto Igarapé, Rio de Janeiro – RJ, 2018.

TOLENTINO, Filipe de Carvalho. **Entrevista concedida a Augusto Machado da Silva**. Rio de Janeiro, 28 julho de 2020. [A entrevista encontra-se transcrita no apêndice “C” desta dissertação de mestrado]

VISACRO, Alessandro. **Entrevista concedida a Augusto Machado da Silva**. Rio de Janeiro, 23 setembro de 2020. [A entrevista encontra-se transcrita no apêndice “G” desta dissertação de mestrado]

VISACRO, Alessandro. **A Guerra na era da Informação**. São Paulo: Contexto, 2018. 224p.

VISACRO, Alessandro. **Guerra irregular**: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009. 384 p.

WAR, Voices of the First World: Shell Shock, Junho, 2018.
<<https://www.iwm.org.uk/history/voices-of-the-first-world-war-shell-shock>>

WOLFE, Andrea. **Military influence tactics**: lessons learned in Iraq an Afghanistan. 2011. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Master of Science em Psicologia) – Department of Psychology and the Graduate School, University of Oregon, Oregon, 2011.

GLOSSÁRIO

1º Batalhão de Ações de Comandos: unidade especialmente organizada, equipada e adestrada para o planejamento, condução e execução de ações Diretas. Possui mobilidade tática e estratégica, de acordo com os meios de transporte postos à sua disposição. Composto por oficiais de carreira, praças, temporários e de carreira e militares no núcleo base. Todos os militares em funções operacionais possuem o Curso de Ações de Comandos.

1º Batalhão de Forças Especiais: é a unidade do Exército Brasileiro capacitada ao planejamento, condução e execução de operações de guerra irregular, contraterrorismo, fuga e evasão, inteligência de combate, contraguerrilha, guerra de resistência, operações psicológicas, reconhecimento estratégico e busca, localização e ataques a alvos estratégicos. Constituído por oficiais e praças de carreira possuidores do Curso de Forças Especiais para o desempenho de funções operacionais.

Adestramento: Fazer com que, por meio de treinamentos, fique hábil para realizar determinada ação, trabalho. Preparar-se para realizar tarefa específica.

Comando de Operações Especiais: Com sede em Goiânia-GO, o Cmd Op Esp é subordinado ao Comando Militar do Planalto (CMP), estando vinculado para fins de preparo e emprego COTER. Suas Organizações Militares orgânicas integram a Força de Ação Rápida Estratégica e apoiam as operações de todos os Comandos Militares de Área do Exército Brasileiro. É constituído pelo 1º Batalhão de Forças Especiais, 1º Batalhão de Ações de Comandos, Batalhão de Apoio às Operações Especiais, Base Administrativa, Companhia de Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear, Pelotão de Polícia do Exército e Posto Médico.

Comando de Operações Terrestres: Orientar e coordenar o preparo e o emprego da Força Terrestre, em conformidade com as políticas e diretrizes estratégicas do Exército e do Estado-Maior do Exército

Conflitos de 4ª Geração: vem sendo empregado para designar o conflito multidimensional, envolvendo ações em terra, no mar, no ar, no espaço exterior, no espectro eletromagnético e no ciberespaço. Nesse novo contexto estratégico, o "inimigo" pode não ser um Estado organizado, mas um grupo terrorista ou outra organização criminosa qualquer.

Distorções perceptivas: Limitação de uma ou mais capacidades de percepção sensorial, gerada em virtude da exposição a algum ambiente incomum. Normalmente efeitos de uma situação de estresse.

Estresse: estado gerado pela percepção de estímulos que provocam excitação emocional e, ao perturbarem a homeostasia, levam o organismo a disparar um processo de adaptação caracterizado pelo aumento da secreção de adrenalina, com várias consequências sistêmicas.

Forças de Operações Especiais: são forças destinadas à execução das Operações Especiais: frações de Forças Especiais, Comandos e os seus apoios que possuem habilitações e especializações para operar em ambientes hostis, negados ou politicamente sensíveis.

Operações Especiais: operações conduzidas por forças militares especialmente organizadas, treinadas e equipadas, em ambientes hostis, negados ou politicamente sensíveis, visando a atingir objetivos militares, políticos, psicossociais e/ou econômicos, empregando capacitações militares específicas não encontradas nas forças convencionais

Shell Shock: é a reação de alguns soldados ao trauma da batalha. É uma reação à intensidade do bombardeio e da luta que produziu um desamparo. Aparecendo várias vezes como pânico e medo ou fuga, incapacidade de argumentar, dormir, andar ou conversar.

Sistema Nervoso: é a parte do organismo que transmite sinais entre as suas diferentes partes e coordena as suas ações voluntárias e involuntárias.

Transtorno de estresse pós-traumático: é um tipo de transtorno de ansiedade que pode se desenvolver em pessoas que vivenciaram um evento traumático. Essa condição causa sofrimento intenso e prejuízos a vários aspectos da vida, como trabalho e relacionamentos.

Tropas convencionais: são aquelas destinadas à execução das operações militares convencionais (singulares, conjuntas ou combinadas). Compreendem, de modo geral, as frações, as subunidades (SU) e as unidades (U) das Armas, Quadro e Serviço, assim como as grandes unidades (GU) e os grandes comandos operativos (G Cmdo Op) da F Ter.

Tropas de Operações Especiais: designação para os militares integrantes das Unidades Especiais do Exército (1º BAC e 1º BFEsp).

APÊNCICE A - QUESTIONÁRIO EM APOIO À PESQUISA

Este questionário tem a finalidade de contribuir com a dissertação de mestrado do Cap Augusto (Aluno da EsAO 2020). O trabalho tem como tema: A ADEQUAÇÃO DA PREPARAÇÃO PSICOLÓGICA PARA O COMBATE BASEADA NO GANHO MILITAR QUE O EXÉRCITO OBTVEU NO EMPREGO DURANTE AS OPERAÇÕES NAS COMUNIDADES DO RIO DE JANEIRO, DESDE A OPERAÇÃO SÃO FRANCISCO AO TÉRMINO DA INTERVENÇÃO FEDERAL. Os resultados poderão ser expostos no referido trabalho.

1 - O Sr possui especialização de Operações Especiais (Comandos ou Forças Especiais)?

Sim

Não

2 – O Sr acredita que, em razão das mudanças nos cenários dos combates atuais e da era informacional, necessita-se uma adequação da preparação psicológica nos treinamentos militares?

Sim

Não

3 - Com exceção dos cursos operacionais, O Sr já participou de algum treinamento prático voltado, especificamente, à preparação psicológica ao combate?

Sim

Não

Se sim, qual? _____

4 - O Sr acredita que os treinamentos dos militares do EB, da forma como são realizados hoje, podem prepará-los na plenitude para uma situação real de combate, na qual exista a possibilidade de feridos e morte própria ou de um companheiro?

Concordo

Concordo parcialmente

Discordo parcialmente

Discordo

Não sei responder

5 - Durante o emprego os militares são expostos constantemente ao estresse. As reações a ele são inerentes ao ser humano, contudo, se apresentam de diferentes formas. Marque abaixo, as reações que o Sr já apresentou quando esteve empregado em uma situação real. Pode-se marcar mais de uma opção.

- Exclusão auditiva
- Visão de túnel
- Tremores
- Desvio de atenção
- Perda de memória temporária
- Inação por alguns segundos
- Agressividade
- Reação involuntária
- Descontrole fisiológico
- Ansiedade
- Outro: _____

6 –Em uma situação de combate, qual o grau de importância o Sr acredita que a preparação psicológica tenha, quando comparada com a preparação técnica, tática e procedimental?

- Importância muito maior
- Importância maior
- Importância igual
- Importância menor
- Importância muito menor

7 - Nas situações de clara possibilidade de morte ou situações de extremo estresse que o Sr já presenciou na vida, como o Sr avalia o comportamento que teve? (Ex: Troca de tiros, acidente de carro, acidentes de trabalho, assaltos violentos, ataques de animais, presenciar morte de companheiros.)

- Satisfatório
- Adequado
- Pouco adequado
- Inadequado

() Nunca passei por situações de extremo estresse

8 – Após as situações de estresse da pergunta anterior, o Sr apresentou alguma resposta psicológica?

() Incapacidade de refazer a atividade estressora

() Perda de autoconfiança

() Lembranças recorrentes

() Não apresentei reação alguma

() Outra: _____

9 – O Sr acredita que seja possível desenvolver a resiliência mental em militares com treinamento específico?

() Concordo

() Concordo parcialmente

() Discordo parcialmente

() Discordo

() Não sei responder

10 – No âmbito do Exército Brasileiro, qual o grau de importância o Sr atribui aos cursos operacionais para o desenvolvimento da capacidade psicológica:

() Muito importantes

() Importantes

() Pouco Importantes

() Não são importantes

() Não sei responder

11 – Qual o grau de importância o Sr atribui às experiências obtidas pelo EB no emprego real em comunidades do Rio de Janeiro, para o desenvolvimento da capacidade psicológica em combate?

() Muito importantes

() Importantes

() Pouco Importantes

() Não são importantes

() Não sei responder

12 – Com relação a pergunta anterior, o Sr acredita que com essas experiências os militares empregados encontram-se preparados, psicologicamente, para uma situação de guerra?

- Sim, totalmente
- Sim, parcialmente
- Não estão preparados

13 – Como o Sr se autoavalia, quanto a sua preparação psicológica atual, para as situações de guerra (Matar, ser morto, perder um companheiro, perder uma parte do corpo)

- Plenamente pronto
- Parcialmente pronto
- Não estou pronto

14 – O Sr gostaria de contribuir com alguma outra opinião ou informação?

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA – DRA ÉMILLE BURITY DIAS

PARTE 1 – INFORMAÇÕES GERAIS

a. Qual o nome completo da Sra?

Émille Burity Dias

b. Qual sua formação profissional e em quais estabelecimentos obteve?

Graduada em psicopedagogia (UFPB)

Graduada em psicologia (UNIPE)

Mestre em Neurociência cognitiva e comportamento (UFPB)

Doutora em Neurociência cognitiva e comportamento (UFPB)

c. Qual sua função profissional atual?

Psicóloga clínica infantil

Avaliação neuropsicológica infantil

d. Quais as principais atividades desempenhadas na parte de neurociência?

Pesquisas sobre avaliação das funções executivas, TDAH, transtornos de aprendizagem

PARTE 2 – INFORMAÇÕES ESPECÍFICAS

a. Como a senhora recomendaria iniciar os treinamentos voltados para o desenvolvimento da resiliência mental?

R: A melhor maneira de iniciar o preparo da parte psicológica, é com instruções teóricas de como as situações de estresse e o medo podem afetar o ser humano. Tornar a pessoa autossuficiente na identificação de suas reações é de extrema importância para o prosseguimento da parte prática. É bastante comum as pessoas demonstrarem receio em dizer suas reações, principalmente no que tange ao medo. O conhecimento a ser passado nas instruções visa apresentar que reações ao medo, sejam elas qual for, são normais e da natureza humana, visando desmistificar os aspectos emocionais. Todos os seres humanos apresentarão algum tipo de reação. A pessoa só terá condições de identificá-la com o conhecimento de como elas podem se apresentar, seja com alguma limitação.

Ainda que haja treinamento específico, as reações a situações de medo sempre se farão presentes. A identificação do medo, não é não ter medo. É importante desmistificar os aspectos emocionais, de maneira que a pessoa entenda que sempre haverá situações desconfortantes, mas que ainda assim ela pode continuar e executar sua atividade na presença do medo. Existem várias consequências de situações estressoras, podendo ser inclusive fisiológica. O conhecimento das emoções e reações facilitará o enfrentamento delas.

- b. Na sua opinião, os treinamentos para o desenvolvimento da capacidade psicológica devem ser, prioritariamente, individualizados ou coletivos?

R: É interessante que se inicie o treinamento de maneira individualizada, já que as reações a situações de estresse se apresentam de forma distinta em cada pessoa, podendo, posteriormente, dar continuidade de maneira coletiva, com cada indivíduo conhecendo suas especificidades.

- c. Como na sua opinião deveriam ser conduzidos os treinamentos voltados para o desenvolvimento da capacidade psicológica?

R: O treinamento deve ser o mais realístico possível. A aproximação da realidade facilitará a assimilação e seu emprego em uma situação real. Treinamentos devem ter movimento e desencadear a reação de não querer errar. Torná-los o mais consciente possível, não apenas mecânicos, empregando adversidades, raciocínio, como alvos diferentes e com cores diferentes, buscando desenvolver por exemplo a memória e a capacidade perceptiva. Utilizar ambientes distintos, fora do estande de tiro, não necessariamente para atirar, mas para desenvolver o raciocínio, perguntando por exemplo como a pessoa agiria em determinada situação ou se ela deve atirar ou não. Situações em que por exemplo o militar precise sacar sua arma antes de seu companheiro, estando os dois de frente um ao outro, pode gerar a pressão psicológica para um treinamento simples de saque de arma. De maneira geral os treinamentos devem buscar desenvolver uma exposição gradativa a situações estressoras, de forma que uma pessoa possa reagir sem exigi-la demais psicologicamente, para que por exemplo uma pessoa que teria o potencial de desempenhar uma atividade de risco, não seja exposta demasiadamente a ponto de não querer mais realizar a atividade ou sentir um receio muito grande ao realizá-la.

APÊNDICE C – ROTEIRO DA ENTREVISTA – CPAEX

PARTE 1 – INFORMAÇÕES GERAIS

a. Qual o nome completo do Sr?

R: Filipe de Carvalho Tolentino

b. Qual o posto, graduação ou título do Sr, dentro da organização?

R: 1º Ten QCO - Psicologia

c. Qual a função do Sr, em sua organização?

R: S3 e Chefe da Divisão de Planejamento e Gestão.

d. Que tipos de atividades o Sr desempenha, atualmente?

R: Enquanto S3- Planejo, organizo e coordeno, as instruções da unidade. Mantenho em dia o registro das instruções de quadros. Auxílio a seleção das praças que devam ser matriculadas nos diversos cursos, em colaboração com o S1. Organizar as cerimônias militares. Coordenar as palestras sobre prevenção de acidentes em atividades de risco, como por exemplo deslocamentos rodoviários. Planejo e coordeno os TAF e TAT em conjunto com o Oficial de Tiro, Oficial de Treinamento Militar e médico do CEP.

Enquanto Chefe da Divisão de Planejamento e gestão – Elaboro e mantenho atualizado o Plano Geral de Atividades do ano corrente e do ano seguinte. Planejo em conjunto com as seções envolvidas as atividades de Avaliação Psicológica, Pesquisa e Preparo e Emprego psicológico. Elabora as Ordens de Serviço e publicações de autorização de deslocamento em BI. Participo da implantação do Sistema de Gestão e Gestão de risco da OM.

e. Quantos tempo de experiência o Sr tem no desempenho de sua função?

R: 6 meses

PARTE 2 – INFORMAÇÕES ESPECÍFICAS

a. O que tem sido feito no preparo psicológico dos militares? (Para o dia -a -dia, para emprego em GLO, para missões no exterior)

R: São realizadas medidas apenas para missões no exterior. Existe um Estágio de Preparo Militar Psicológico (EPMP) para os militares designados para missões no exterior.

b. Quais são os objetivos do preparo psicológico?

R: Fazer com que os militares tenham mais recursos para lidar com situações adversas como estresse, confinamento etc.

c. Como você acredita estar a capacidade psicológica dos militares para o Cmb?

R: Acho que está aquém do que poderia estar.

d. Como você acha que pode ser desenvolvida a capacidade mental dos militares durante os treinamentos?

R: Desenvolvimento de estratégias de Coping adequadas ao Combate e capacitação em primeiros socorros psicológicos.

e. Você poderia discorrer sobre alguma situação, de seu conhecimento, cuja falta de preparo psicológico afetou a missão?

R: Os casos de repatriamento de militares.

f. Você acredita que o emprego do Exército nas comunidades do RJ pode desenvolver a capacidade psicológica para um Cmb futuro? Explique.

R: As regras de engajamento empregadas na “pacificação” de comunidades e patrulhamento urbano não são compatíveis com a realidade de um cenário de Guerra.

g. Na sua opinião, no que tange a capacidade mental, como você acredita que os militares estejam, para enfrentar uma situação de guerra?

R: Nenhum ser humano está em plenas condições de vivenciar um cenário de Guerra. Como essa situação vai de encontro aos instintos de sobrevivência, é necessário desenvolver certas habilidades para que seja

possível suportar o estresse de combate por um tempo maior, retardando ou evitando, a baixa por razões psiquiátricas e psicológicas.

- h. Qual sua opinião sobre a criação de um treinamento voltado diretamente ao desenvolvimento da capacidade psicológica?

R: Útil e necessário.

- i. Na sua experiência como iniciar um treinamento psicológico sem afetar excessivamente o militar?

R: Exposição gradual às situações reais (adestramento) e desenvolvimento de estratégias de Coping adequadas ao Combate somado à capacitação em primeiros socorros psicológicos.

- j. De que maneira o CPAEx poderia contribuir na aplicação de treinamentos desse tipo, voltados diretamente ao combate?

R: Desenvolvendo pesquisas para fundamentar intervenções e capacitações nas áreas mencionadas.

- k. De que maneira você acha que a forma atual de preparação psicológica pode ser melhorar?

R: Implementando pesquisas voltadas para atividade fim do EB. Por exemplo: elaboração de manuais de primeiros socorros psicológicos e pesquisas que identifiquem estratégias de coping mais adequadas aos cenários operacionais.

APÊNDICE D – ROTEIRO DA ENTREVISTA – CAP EMMANUEL

Esse questionário visa colaborar com a dissertação de mestrado do Cap Augusto Machado da Silva. O senhor foi escolhido para contribuir em razão de sua grande experiência no emprego nas comunidades do Rio de Janeiro. Suas respostas são de extrema importância e servirão de subsídios para a conclusão do trabalho.

PARTE 1 – INFORMAÇÕES GERAIS

a. Qual o nome completo do Sr?

R: Emmanuel Merlin Pinheiro

b. Qual o posto, graduação ou título do Sr, dentro da organização?

R: Capitão

c. Qual a função do Sr em sua organização?

R: Instrutor da Seção de Instrução Especial da AMAN

d. Que tipos de atividades o Sr desempenha, atualmente?

R: Condução de instrução especial

e. Quantos tempo de experiência o Sr tem no desempenho de sua função?

R: 7 meses

f. Quais curso de especialização o Sr possui?

R: Básico paraquedista, estágio de caçador, Mestre de Salto, Salto-Livre, Operações na Selva, Curso Regular de Operações na Selva (Peru), Ações de Comandos e Forças Especiais.

PARTE 2 – INFORMAÇÕES ESPECÍFICAS

a. Para o desempenho de sua atividade o Sr acredita que é importante ter controle emocional? Por quê?

Resposta: Sim. Como instrutor é importante demonstrar ao instruendo a capacidade de manter o controle emocional independente das situações que surjam, além disso, o instrutor deve ter a capacidade de superar os diversos erros que seus instruendos cometam, independentemente de sua gravidade.

- b. Em alguma de suas atividades o Sr já notou a necessidade de melhorar a capacitação psicológica antes de enfrentar as dificuldades do ambiente operacional? Por quê?

Resposta: Sim. Os diversos ambientes operacionais que os militares são submetidos geram degradações físicas e psicológicas. O militar, degradado, passa a ter dificuldades em desempenhar funções básicas, tanto relacionadas à psicomotricidade como a exercício da liderança e tomada de decisão. A capacitação psicológica auxilia o militar a mitigar os efeitos de sua própria degradação, mantendo sua capacidade operacional.

- c. O Sr poderia discorrer sobre algumas situações de emprego, vivenciada por sua tropa ou observada em outra, em comunidades do Rio de Janeiro, cuja falta de preparação psicológica ou emocional gerou dificuldades no cumprimento da missão? (Situações de medo, por exemplo)

Resposta: Por diversas vezes os destacamentos de forças especiais eram reforçados por tropas convencionais para cumprimento de missões na cidade do Rio de Janeiro.

Lembro de um episódio onde um Cmt de fração veio abrigar-se embaixo de um carro durante um tiroteio no complexo da maré, nessa ocasião o destacamento já contava com dois feridos. Esse Cmt de fração permaneceu imóvel por alguns minutos e sua fração acéfala. Um motorista de uma Vtr Guarany, nesse mesmo dia, evidenciou uma forte exclusão de auditório, tendo dificuldades que receber ordens via rádio, seu blindado permaneceu parado por diversas vezes.

Outra ocasião foi durante as Op GLO no RJ, quando um DOFEsp foi ocupar uma posição sobre um ponto dominante que já estava sendo ocupado pela tropa. A tropa ouviu disparos em uma comunidade próxima e começou a atirar na direção do DOFEsp, os demais integrantes da tropa atiraram “por simpatia” sem ver, ao menos, quem estavam atirando. Os Cmt Grupo, não conseguiram escutar as ordens de cessar fogo do Cmt de pelotão nessa ocasião.

Ainda durante a Op São Francisco, um pelotão que mobiliava um PBCVU recebeu disparos a distância, sua reação foi se abrigar por um longo período atrás de uma barricada de sacos de areia, que comportava poucos homens. O Cmt não conseguia emitir ordens.

- d. O Sr poderia dar alguns exemplos de atividades profissionais (exceto as de curso de formação), que vivenciou nas comunidades do Rio de Janeiro, as quais necessitaram de um grande controle emocional ou resiliência psicológica? (Citar a atividade e o motivo pelo qual necessitou controle emocional, caso seja atividade sigilosa, pode-se abordar de modo genérico)

Resposta: Durante uma ação no complexo do alemão estava em um blindado que se dirigia para um local onde se encontravam diversos APOP armados. Por limitações de espaço tive que permanecer sentado dentro da Vtr, enquanto meus companheiros estavam em pé, fazendo segurança através das escotilhas. No deslocamento pude ouvir disparos e explosões, o conflito era claro entre o DOFEsp e os APOP, permaneci impotente e alheio aos acontecimentos no meu assento, nesse momento senti frustração e medo dos acontecimentos que ocorriam fora de meu controle. Decidi mentalizar o que fazer quando a porta traseira abrisse e isso me ajudou um pouco. Quando a Vtr parou disse a mim mesmo que “se tem alguém que tem que sentir medo aqui são eles e não eu” a porta se abriu e saí para tomar o dispositivo, já me sentia confortável novamente.

- e. De acordo com as situações que vivenciou no emprego em comunidades do Rio de Janeiro, como o Sr julga a capacidade psicológica das tropas do Exército (não as de operações especiais), quando comparada com as de sua tropa?

Resposta: Acredito que há um grande despreparo. Acredito que esse despreparo vem do simples desconhecimento do assunto, ninguém ensina aos oficiais e sargentos combatentes técnicas de controle emocional e, por consequência, essas técnicas não são repassadas à tropa.

- f. Na sua experiência, quais tipos de atividades poderiam ser desenvolvidas, no preparo, para aumentar a capacidade psicológica e diminuir os impactos emocionais do combate?

Resposta: Atualmente, na SIEsp da AMAN, são ensinadas as seguintes técnicas de autocontrole atitudinais (as TA2): foco no objetivo, visualização mental, conversa consigo mesmo e controle da respiração. Essas técnicas são extremamente simples e têm-se mostrado bastante eficazes para os cadetes que têm grande dificuldade de controle emocional.

APÊNDICE E – ROTEIRO DA ENTREVISTA – CAP DEMÉTRIUS

Esse questionário visa colaborar com a dissertação de mestrado do Cap Augusto Machado da Silva. O senhor foi escolhido para contribuir em razão de sua grande experiência no emprego nas comunidades do Rio de Janeiro. Suas respostas são de extrema importância e servirão de subsídios para a conclusão do trabalho.

PARTE 1 – INFORMAÇÕES GERAIS

g. Qual o nome completo do Sr?

R: Demétrius Alberto Azedo de Melo

h. Qual o posto, graduação ou título do Sr, dentro da organização?

R: Capitão

i. Qual a função do Sr em sua organização?

R: Sou instrutor do Centro de Instrução de Operações Especiais (C I Op Esp).

j. Que tipos de atividades o Sr desempenha, atualmente?

R: Instrutor do Curso de Ações de Comandos (CAC) e Curso de Forças Especiais (C FEsp).

k. Quantos tempo de experiência o Sr tem no desempenho de sua função?

R: Antes de servir no C I Op Esp, fui do 1º B FEsp, onde permaneci no mesmo destacamento por 4 anos, na função de Oficial de Operações.

l. Quais curso de especialização o Sr possui?

R: Curso Básico Paraquedista, Guerra na Selva, Ações de Comandos e Forças Especiais.

PARTE 2 – INFORMAÇÕES ESPECÍFICAS

a. Para o desempenho de sua atividade o Sr acredita que é importante ter controle emocional? Por quê?

Resposta:

O controle emocional é essencial para atividade militar, essa característica atitudinal permite que o soldado em operações cumpra suas atribuições durante a missão.

Dentro deste escopo, o profissional desta área necessita aceitar os riscos acidentais e táticos nas operações os quais elevam o *stress* em combate pela possibilidade da morte como hipótese de trabalho.

Por isso, o equilíbrio emocional deve ser trabalhado nas escolas de formação e nos adestramentos, com a finalidade proporcionar ao soldado à simulação do que poderá ocorrer no campo de batalha.

- b. Em alguma de suas atividades o Sr já notou a necessidade de melhorar a capacitação psicológica antes de enfrentar as dificuldades do ambiente operacional? Por quê?

Resposta:

Em missões reais, observei a necessidade de melhorar os aspectos psicológicos de forma individual e coletiva, principalmente, em situações que houvesse baixas no destacamento.

O principal objetivo, no aspecto psicológico, é possibilitar a todos os integrantes da equipe a rápida reação no aspecto moral em relação à morte de algum integrante do destacamento, com a finalidade de não atrapalhar o cumprimento da missão.

Outro aspecto relevante é o aumento do nível de agressividade após a ação cinética de alguma ameaça, em alguns casos, com a busca incessante de neutralizar o agressor pode comprometer a segurança.

- c. O Sr poderia discorrer sobre algumas situações de emprego, vivenciada por sua tropa ou observada em outra, em comunidades do Rio de Janeiro, cuja falta de preparação psicológica ou emocional gerou dificuldades no cumprimento da missão? (Situações de medo, por exemplo)

Resposta:

Em algumas situações, o aumento da agressividade provocada por alguma ação cinética das ameaças, gerava a insensibilidade em se expor ao agressor com a finalidade de neutralizá-lo.

Como por exemplo, durante um combate de encontro, o destacamento avançava sem a utilização de abrigos, no momento de um tiroteio, que ocorria com a outra equipe à frente, essa insensibilidade era provocada devido ao

aumento da agressividade em neutralizar as ameaças. Essa atitude poderia aumentar a quantidade de feridos e com isso gerar dificuldades na operação. Além desse fato, em outra situação, em uma apreensão de uma ameaça, a qual estava com rádio comunicador, um habitante local começou a discutir com um integrante da equipe, que nessa situação de *stress* começou agir de forma agressiva com o civil que estava provocando o militar, rapidamente ele foi substituído por outro, com a finalidade de realizar a segurança do perímetro.

- d. O Sr poderia dar alguns exemplos de atividades profissionais (exceto as de curso de formação), que vivenciou nas comunidades do Rio de Janeiro, as quais necessitaram de um grande controle emocional ou resiliência psicológica? (Citar a atividade e o motivo pelo qual necessitou controle emocional, caso seja atividade sigilosa, pode-se abordar de modo genérico)

Resposta:

Após uma ação realizada por alguma ameaça ou contato estabelecido pela a equipe de forma cinética, existe a necessidade do controle emocional em saber quando atirar, pois, em meio aos disparos realizados por ambas as partes, a equipe tem que neutralizar as ameaças com atitudes hostis. Além disso, caso ocorresse alguma baixa o destacamento não poderia permitir que essa situação abalasse o moral e comprometesse a missão.

- e. De acordo com as situações que vivenciou no emprego em comunidades do Rio de Janeiro, como o Sr julga a capacidade psicológica das tropas do Exército (não as de operações especiais), quando comparada com as de sua tropa?

Resposta:

Essa capacidade de forma geral é deficiente, principalmente, em situações de baixas dentro da fração, comprometendo o cumprimento da missão.

Como exemplo a morte do Cb Mikami, integrante do 28º BIL, abalou o aspecto moral da tropa por semanas.

- f. Na sua experiência, quais tipos de atividades poderiam ser desenvolvidas, no preparo, para aumentar a capacidade psicológica e diminuir os impactos emocionais do combate?

Resposta:

A capacitação psicológica deve ser realizada nos adestramentos a fim de preparar a tropa e diminuir os impactos emocionais do combate. Como sugestão, as atividades desenvolvidas devem contemplar a preparação individual de forma prioritária.

Preparação individual

Essa preparação deve ser realizada em 6 etapas:

1ª Etapa - Aceitar o risco controlado

Isso deve ser desenvolvido através do adestramento individual o qual proporciona o aumento da confiança do militar (instrução individual básica).

2ª Etapa- Adestramento de tiro (simulador)

Esse tipo de adestramento é realizado com projetor montado dentro de uma barraca no estande de tiro, a tela de projeção é um lençol branco o qual receberá os disparos nas situações expostas, com o objetivo de verificar erros provocados pela falta de controle emocional. Além de observar erros de procedimento, pode contribuir com a identificação de outros problemas: visão de túnel e exclusão de auditório.

3ª Etapa- Instruções de saúde

As instruções de saúde devem focar no atendimento em ferimentos por perfuração por arma de fogo (PAF). E como sugestão para aumentar o realismo na instrução é interessante solicitar o apoio do IML para mostrar os efeitos provocados por disparos no corpo humano.

4ª Etapa- Adestramento cultural

O soldado deve ser instruído em relação aos costumes, hábitos e características do terreno humano do ambiente operacional, para que isso não gere o descontrole emocional em situações de stress devido ao contato com a população local.

5ª Etapa – Plano de apoio familiar em caso de falecimento.

Esse assunto é tratado com um tema a evitar para a tropa, entretanto deve ser trabalhado, pois existe a necessidade preparação administrativa e emocional.

Preparação administrativa: conferência da Pasta de Habilitação Militar antes das missões.

Preparação emocional: neste caso o militar deverá solicitar ao escalão superior a possibilidade de apoio específico sobre a informação de falecimento. Como exemplo: caso ocorresse algum sinistro comigo, a minha solicitação era que o aviso sobre o falecimento para os meus pais fosse de forma pessoal, com a presença de uma ambulância e um pastor evangélico. A ambulância seria para amparar minha mãe a qual tem problemas com pressão alta.

6ª Etapa- Assistência religiosa

Esse tipo de trabalho é essencial para os militares que professam alguma religião, isso permite que o militar tenha um momento de diminuição da tensão em combate e com isso diminuir os efeitos psicológicos negativos.

APÊNDICE F – ROTEIRO DA ENTREVISTA – IPCFEX

PARTE 1 – INFORMAÇÕES GERAIS

Nome: Lilian Cristina Xavier Martins

Doutora em Epidemiologia, pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Mestre em Epidemiologia, pelo Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Especialização em Natação pela Universidade Federal de Brasília (UnB) e Graduada em Licenciatura/Bacharelado em Educação Física pela UFRJ.

Possui larga experiência na área de Educação Física, com ênfase em desporto de alto rendimento: Pentatlo Moderno e Natação.

Atua, principalmente, nos seguintes temas: neurociência, epidemiologia da atividade física e aspectos relacionados à avaliação e prescrição do treinamento físico. Participa de pesquisas em Neurociência no Laboratório de Neurociência do Instituto de Pesquisa da Capacitação Física do Exército (IPCEx) e do Laboratório de Integração Sensório-Motora (LABMCISM) do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB) / Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Atualmente é pesquisadora no Instituto de Pesquisa em Capacitação Física do Exército e Editora-Chefe da Revista de Educação Física / Journal of Physical Education do Centro de Capacitação Física do Exército.

PARTE 2 – INFORMAÇÕES ESPECÍFICAS

Tecnicamente, o que tem sido feito no sentido de desenvolver a capacidade psicológica dos militares?

R: Com o objetivo de entender o funcionamento do cérebro frente ao desempenho de tarefas operacionais militares, recentemente, foram iniciados os estudos em neurociência aplicada. Inicialmente, buscou-se investigar a influência do treinamento mental com o desempenho no tiro ao alvo. E, atualmente, teve início o estudo principal, que procura investigar a relação de estados afetivos com emoções, aptidão cardiorrespiratória e processos de tomada de decisão.

APÊNDICE G – ROTEIRO DA ENTREVISTA – CEL ALESSANDRO VISACRO

Esse questionário visa colaborar com a dissertação de mestrado do Cap Augusto Machado da Silva. O senhor foi escolhido para contribuir em razão de seu conhecimento nos combates modernos e no emprego nas comunidades do Rio de Janeiro. Suas respostas são de extrema importância e servirão de subsídios para a conclusão do trabalho.

PARTE 1 – INFORMAÇÕES GERAIS

a. Qual o nome completo do Sr?

R: Alessandro Visacro

b. Qual o posto, graduação ou título do Sr, dentro da organização?

R: Coronel

c. Que tipos de atividades o Sr desempenha, atualmente?

R: Oficial de Estado Maior, servindo no Centro de Doutrina do Exército

d. Quais curso de especialização o Sr possui?

R: Comandos e Forças Especiais

PARTE 2 – INFORMAÇÕES ESPECÍFICAS

a. Em alguma de suas atividades o Sr já notou a necessidade de melhorar a capacitação psicológica antes de enfrentar as dificuldades do ambiente operacional? Por quê?

Resposta:

No meu entendimento a preparação psicológica do Exército Brasileiro é feita de forma empírica, tanto na educação quanto no preparo. Tanto no ensino como em cursos, não se instrui o militar no que pode acontecer com ele, quando se aplicam fatores estressores, assim como também não é ensinado ao militar como gerenciar os mesmos fatores, de forma que ele tenha ciência do que está acontecendo com ele e a forma de como manejar aquela situação. O militar, de igual maneira, não tem nenhum tipo de acompanhamento de pessoal especializado que consiga avaliar os efeitos dos fatores estressores. Não há um debriefing dos comportamentos

apresentados pelo militar. Isso serviria para que na próxima oportunidade em que ele vivenciasse uma situação semelhante, ele pudesse melhorar o desempenho dele.

As situações de estresse são criadas por uma cultura institucional no âmbito militar, a qual não se sabem os reais motivos de se estar fazendo, tampouco de como orientar o instruendo a se portar naquela situação. Quando se vai para uma operação real, nota-se que faltam recursos individuais e coletivos, para gerenciar esse tipo de situação. Inúmeras vezes, ao longo dos meus anos de serviço, eu notei situações em que o preparo da tropa é deficiente nesse sentido. Possivelmente pela forma empírica como são conduzidos os treinamentos. Não existe uma orientação geral para manejar as situações psicológicas.

Com relação a preparo psicológico, o que eu vejo, é que: ou o militar desenvolve por si mesmo essa capacidade ou ele não desenvolve.

Como Cmt de Pel ou SU, eu nunca fui orientado nesse sentido. Nesse período eu pude perceber que em situações de estresse, há um desgaste psicológico muito grande, causando uma “ressaca” ou uma queda no moral da tropa. Particularmente, nesse período, eu nunca soube o que fazer ou como trabalhar com essa perda de moral, após um combate. Esse tipo de recurso nós não temos, atualmente, no Exército Brasileiro. Isso é só mais um exemplo para caracterizar como isso é feito de forma empírica.

b. O Sr poderia discorrer sobre algumas situações de emprego, vivenciada por sua tropa ou observada em outra, em comunidades do Rio de Janeiro, cuja falta de preparação psicológica ou emocional gerou dificuldades no cumprimento da missão? (Situações de medo, por exemplo)

Resposta:

Não irei narrar nenhum fato específico, contudo, notei inúmeras vezes que a resposta da tropa a um determinado evento tático, foi errado. Possivelmente, o principal fator tenha sido a falha de preparo psicológico. Quando a tropa abre fogo aleatoriamente na ameaça, quando exagera na resposta ou esvaíam carregadores de forma completamente desnecessária, são exemplos de despreparo que inclusive ocasionam problemas na dimensão informacional, já que gera uma crise com a imprensa, mestrando um despreparo e uma truculência. Decisões táticas equivocadas,

tropa que em uma situação deveria ter uma ação mais ofensiva, acaba desengajando com uma ameaça.

Um exemplo positivo que vivenciei durante o emprego no Haiti, foi o emprego de uma célula multidisciplinar, constituída pelo capelão, pelo advogado e pelo psicólogo. Recebeu, inclusive, a alcunha carinhosa de “Santíssima Trindade”, empregada tanto no preparo, como no emprego. Trabalharam de forma bastante integrada, sendo que o padre era responsável por uma abordagem ética, o advogado pela abordagem legal e o psicólogo pela abordagem psicológica. Isso trouxe um rendimento melhor tanto na parte individual, quanto para o comando.

Uma situação que me recordo foi a de um sargento, que durante uma patrulha, encontrou um par de fetos mortos jogados em uma vala, sendo que recente àquela situação ele havia sido pai de gêmeos. Situações como essa afetam, diferentemente, a cabeça dos militares. Em outra oportunidade, eu empreguei esse mesmo psicólogo, na Operação São Francisco e obtive um resultado muito útil. A ponto de eu redirecionar todo esforço de comando, do meu primeiro para o segundo ano de comando no 1º BFEsp.

Cabe ressaltar que o Exército Americano dá uma atenção muito maior a esse assunto, como se observa em autores como Dave Grossman, aqui nos EUA.

APÊNDICE H – PLANO DE ADESTRAMENTO PSICOLÓGICO

1. FINALIDADE

Propor mudanças nos adestramentos militares para adequá-lo à realidade dos combates modernos, visando uma evolução gradual da capacidade psicológica.

2. OBJETIVOS

a. propor um módulo de instrução para todos os sargentos e oficiais, que ensine os fundamentos da função cerebral no combate, funcionamento do sistema nervoso, redução de estresse, controle cognitivo e liderança em situações de estresse. Isso lhes dará um conhecimento prático das áreas temáticas, que lhes auxiliará durante a instrução nas escolas e no aquartelamento.

b. Fornecer instrução aos oficiais e sargentos nas escolas de formação, bem como nas escolas de aperfeiçoamento.

c. Fornecer instrução e exercícios práticos para as Unidades prestes a serem empregadas, durante a preparação na sede.

d. Ampliar o conhecimento de modo que ele passe a influir no processo decisório em combate, para oficiais subalternos e oficiais superiores.

e. Ampliar os conhecimentos para uma futura alocação recursos financeiros para o desenvolvimento de um programa de preparo psicológico no Exército Brasileiro.

3. EXECUÇÃO

a. Orientações gerais do treinamento:

1) iniciar de modo individualizado, com o intuito de ampliar o autoconhecimento e posteriormente realizados de forma coletiva;

2) simular ao máximo a realidade para se obter respostas fidedignas;

3) impedir que o treinamento seja do conhecimento do instruendo, sempre que possível. A surpresa e o desconhecimento podem contribuir para os fatores de pressão psicológica.

4) desencadear reação de não querer errar, o que produzirá uma pressão psicológica e ações mais racionais;

5) torná-los o mais consciente possíveis;

6) ser realizados em ambientes distintos;

7) de uma exigência psicológica gradual;

- 8) desenvolver a autoconfiança e a confiança em seus companheiros;
- 9) colocar militares observando a realização do treinamento, sempre que possível, gerando um desconforto e pressão psicológica no executante;
- 10) todas as instruções deverão ser realizadas na presença de um militar responsável por acompanhar a evolução dos militares e anotar os debriefings individuais.

b. 1ª FASE

1) Objetivo Geral: Ampliar o conhecimento sobre os efeitos psicológicos sob estresse.

2) Instruções:

a) Importância do assunto (Neurociência)

- Objetivos Específicos:

- (1) Entender a necessidade do conhecimento sobre o assunto;
- (2) Facilitar sua utilização prática; e
- (3) Desenvolver a mentalidade de um estudo contínuo.

b) Funcionamento do Sistema Nervoso

- Objetivos Específicos:

- (1) Desmistificar os efeitos psicológicos do ser humano; e
- (2) Facilitar o desenvolvimento do treinamento prático

c) Reações do corpo humano

- Objetivo Específicos:

- (1) Entender como o corpo humano reage em situações de estresse;
- (2) Entender que são características individuais e não deficiências;
- (3) Entender que independente do treinamento e experiência sempre existirá algum tipo de reação como resposta a uma situação estressora; e
- (4) Citar exemplos reações que já ocorreram em combate e as reações mais comuns.

d) Técnicas de controle emocional

- Objetivo Específicos:

(1) Apresentar as técnicas básicas de controle emocional (conversa consigo mesmo, controle da respiração, foco no objetivo e visualização mental);

(2) Entender a importância do controle emocional, consequências de um possível descontrole; e

(3) Entender a necessidade de desenvolver as técnicas de maneira pessoal ao longo do dia-a-dia.

c. 2ª FASE:

1) Objetivo Geral: Desenvolver habilidades individuais da capacidade psicológica

2) Instruções:

a) Autoconhecimento

- Objetivos Específicos:

(1) Conhecer suas próprias reações diante das mais diversas situações. Como reage em uma situação de risco leve, médio e alto, nessa ordem. Como reage instintivamente em um susto; e

(a) Recomendações: Fazer com que o instruído passe por situação controlada de risco: emprego de cão de guerra e emprego de vendas.

(2) Apresentar em debriefing suas características, para que outros possam se identificar com a mesma reação, caso não tenha notado individualmente.

b) Técnicas de controle emocional

- Objetivos Específicos:

(1) Aplicar de forma isolada cada uma das técnicas de controle emocional em oficinas específicas;

(2) Aplicar de forma livre, porém consciente, as técnicas de controle emocional, durante uma pista de estresse de combate; e

(3) Realizar debriefings das dificuldades encontradas na aplicação, para um controle individual.

c) Decisão

- Objetivos Específicos:

(1) tomar decisões independentes das que o grupo tomou; e

(a) Recomendações: Simular um grupo que atira em várias não ameaças, analisando o comportamento do militar, se decidiu por si ou decidiu reagir conforme o grupo.

(2) Demonstrar capacidade de decisão em uma situação ambígua, explicando, posteriormente, os motivos pelos quais a tomou.

(a) Recomendações: O intuito é verificar se a decisão foi racional, evitando julgá-las. Podem-se, em debriefings, apresentarem outras soluções para o problema.

d) Pistas de tiro consciente

- Objetivos Específicos:

(1) Realizar disparos conscientes em alvos previamente padronizados (Cores específicas, Imagens específicas);

(2) Flexibilizar raciocínio durante a pista, empregando as alterações das padronizações iniciais, sob orientação de um condutor;

(3) Desenvolver uma habilidade de raciocínio rápido diante de situações propostas por um condutor;

(4) Realizar a pista em um limite de tempo previamente padronizado, sem, contudo, dispor de meios para mensurá-lo;

(5) Desenvolver habilidades para evitar a visão de túnel e exclusão auditiva;

(a) Recomendações: Localizar um alvo específico, ordenado pelo instrutor durante a pista, em meios a vários alvos, distrações e sons distintos.

(6) Memorizar tarefas simples a serem realizadas em locais e previamente determinados pelo instrutor, de forma que o militar progrida sempre consciente de sua próxima atividade em meio a outros fatores.

e) Primeiros Socorros

- Objetivos Específicos:

(1) Realizar procedimentos básicos de saúde em um militar ferido, com premissa de tempo, em meio a uma situação de combate;

(2) Realizar procedimentos avançados de saúde em um militar ferido, com premissa de tempo, em meio a uma situação de combate;

(3) Desenvolver habilidades para entender a possibilidade de morte em combate.

(a) Recomendações: Realizar atividades em conjunto com bombeiros. Ao realizar procedimentos errados, causar complicações na saúde ou a morte do militar.

f) Autocontrole

- Objetivos Específicos:

(1) Realizar atividades de risco controlado, que despertem medo, com pouca ou nenhuma possibilidade de enxergar o ambiente, empregando vendas se for o caso; e

(2) Realizar tarefas simples submerso em piscina ou massa d'água, com restrição de respiração (apneia ou meio de respiração limitado). Semelhante a atividades desenvolvidas em cursos de mergulho de manutenção do controle emocional;

(3) Realizar atividades com cães de guerra; e

(a) Recomendação: ser alvo de um ataque com proteção específica.

(4) Realizar com certa frequência atividades práticas em locais altos

(a) Recomendações: Pode-se acompanhar a evolução do militar no emprego das técnicas especiais.

d. 3ª FASE:

1) Objetivo Geral: Desenvolver a capacidade psicológica, dentro de um grupo.

2) Deverão ser conduzidas instruções semelhantes às da capacitação individual, no entanto, com o intuito de desenvolver habilidades psicológicas, coletivamente.

3) As instruções poderão acrescentar aspectos para o desenvolvimento da liderança, da confiança mútua e da coesão, aspectos extremamente importantes para um grupo.

4) É importante que cada um no grupo exerça um papel importante. Esse aspecto deve ser claro para todos.

5) Após as instruções deve-se, obrigatoriamente, haver um debriefing no âmbito do grupo, de forma que aspectos a serem melhorados não se repitam nos próximos adestramentos.